

A grande conspiração

A
GUERRA SECRETA
CONTRA
A RUSSIA
SOVIÉTICA

MICHAEL SAYERS
ALBERT E. KAHN

Esta obra, escrita por Sayers, que reside nos Estados Unidos há 25 anos de residência, é uma obra de grande importância. Ela revela a verdade que tem sido ignorada e mostra a situação verdadeira e os métodos de trabalho que estão sendo empregados na preparação da guerra mundial. A obra é escrita em inglês. Tradução: A. E. K.

Editora Brasiliense Ltda. - São Paulo

ÍNDICE

LIVRO I

REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO

I — O SURTO DO PODER SOVIÉTICO	9
1. Missão em Petrogrado — 2. Contra-Revolução — 3. Revolução — 4. Não-reconhecimento — 5. Diplomacia secreta.	
II — TACO A TACO	29
1. Agente britânico — 2. Hora Zero — 3. Fim da missão	
III — ESPIÃO MESTRE	41
1. Entra M. Massino — 2. Sidney Reilly — 3. Dinheiro e crime — 4. A conspiração letônica — 5. Sai Sidney Reilly.	
IV — AVENTURA SIBERIANA	59
1. Aide Mémoire — 2. Intriga em Vladivostoque — 3. Terror a leste.	
V — PAZ E GUERRA	71
1. Paz no Ocidente — 2. Na Conferência de Paz — 3. Missão de Golovin.	
VI — A GUERRA DE INTERVENÇÃO	87
1. Prelúdio — 2. A campanha do norte — 3. A campanha do noroeste — 4. A campanha do sul — 5. A campanha de oeste — 6. Os poloneses e Wrangel — 7. O último sobrevivente.	
VII — UM BALANÇO	109

LIVRO I

REVOLUÇÃO

E

CONTRA-REVOLUÇÃO

CAPÍTULO I

O SURTO DO PODER SOVIÉTICO

1. Missão em Petrogrado

Pelo meado do verão do ano fatídico de 1917, quando ardia e troava o vulcão da revolução russa, um major americano chamado Raymond Robins chegava a Petrogrado (1) em missão secreta de extrema importância. Oficialmente ele viajava como assistente da divisão americana da Cruz Vermelha. Na realidade estava a serviço do Departamento de Informações do Exército dos Estados Unidos. Sua missão secreta era a de ajudar a Rússia a manter-se na guerra contra a Alemanha.

A situação na frente oriental era desesperada. O exército russo sem comando, miseravelmente equipado, fôra destruído pelos alemães. Abalado pelo impacto da guerra e apodrecido interiormente, o regime feudal czarista vacilara e ruíra. Em março, o Czar Nicolau II fôra forçado a abdicar e estabeleceu-se um governo provisório. O grito de "Paz, Terra e Pão!" atravessou o país, resumindo tôdas as reivindicações mais imediatas e as aspirações mais antigas de milhões de russos cansados de guerra, famintos e espoliados.

Os aliados da Rússia — Grã-Bretanha, França e Estados Unidos — temiam que o colapso do exército russo esti-

(1) Petrogrado era a capital da Rússia czarista. A cidade, assim chamada em homenagem a Pedro, o Grande, era originariamente denominada S. Petersburgo. Esta denominação foi vertida para a forma russa mais vernácula de Petrogrado, por ocasião da 1.^a Guerra Mundial. Depois da Revolução Bolchevique, Moscou tornou-se a nova capital e, em 1924, depois da morte de Lênin, a antiga capital passou a denominar-se Leningrado.

vesse iminente. A qualquer momento um milhão de soldados alemães poderia desembarcar-se súbitamente da frente oriental, arremessando-se contra as forças aliadas já exaustas no ocidente. Igualmente alarmante era a perspectiva do trigo da Ucrânia, do carvão do Donetz, do petróleo do Cáucaso e de outros ilimitados recursos do solo russo caírem nas fauces vorazes da Alemanha imperial.

Os aliados estavam desesperadamente empenhados em conservar a Rússia na guerra — pelo menos até os reforços americanos atingirem a frente ocidental. O Major Robins era um dos numerosos diplomatas, militares e oficiais especiais do Serviço de Informações despachados precipitadamente a Petrogrado para fazerem tudo quanto possível a fim de manter a Rússia lutando...

Com 43 anos de idade, homem de ilimitada energia, extraordinária eloquência e grande magnetismo pessoal, cabelos pretos como azeviche e impressionante feição aquilina, Raymond Robins era notável figura política nos Estados Unidos. Renunciara a uma vantajosa carreira de negócios em Chicago para dedicar-se à filantropia e ao trabalho social. Em política, era um "homem de Roosevelt." Desempenhara papel preponderante na famosa campanha "Bull Moose", de 1912, quando o seu herói, Theodore Roosevelt, empreendera ir à Casa Branca sem o auxílio dos capitalistas ou da maquinaria política. Robins era um liberal militante, um incansável e destemido cruzado de toda causa que desafiasse a reação.

"O quê? Raymond Robins? Esse arrivista? Esse capanga de Roosevelt? O que faz ele nesta missão?" — exclamou o Coronel William Boyce Thompson, chefe da Cruz Vermelha Americana na Rússia, ao ouvir que Robins fôra indicado como seu primeiro assistente. O Coronel Thompson era republicano e conservador. Tinha considerável interesse pessoal nos negócios russos — no manganês e nas minas de cobre. Mas era também realista e observador clarividente dos fatos. Já reconhecera intimamente que nada se poderia concluir através do ponto de vista conservador em que os funcionários do Departamento de Estado norte-americano se viam colocando com relação ao turbulento cenário russo.

David Francis, embaixador americano na Rússia naquele ano, era um idoso e teimoso banqueiro de S. Luís, jogador de pôquer e antigo governador de Missouri. Na atmosfera febril da revolucionária Petrogrado, atormentada pela guerra, êle constituía uma figura excêntrica com o seu cabelo prateado, colarinho alto e engomado de velho estilo e sobrecasaca preta.

"O velho Francis", observava um diplomata britânico, "não sabe distinguir um social-revolucionário de uma batata!"

Mas o conhecimento da política russa que faltava ao embaixador, êle o supria pela firmeza de suas convicções. Estas êle as hauria quase sempre dos generais czaristas e dos milionários que formigavam na embaixada americana em Petrogrado. Francis estava totalmente convencido de que a rebelião russa não era mais que o resultado de uma conspiração germânica e de que todos os revolucionários russos eram agentes estrangeiros. De qualquer forma, julgava que tudo terminaria dentro em breve.

Aos 21 de abril de 1917, o Embaixador Francis telegrafou confidencialmente ao Secretário de Estado dos E.U.A. Robert Lansing:

"SOCIALISTA EXTREMADO OU ANARQUISTA CHAMADO LÊNIN PROFERE DISCURSOS VIOLENTOS E COM ISSO FORTALECE O GOVERNO. PROPOSITADAMENTE SE LHE CONCEDE LIBERDADE E OPORTUNAMENTE SERÁ DEPORTADO."

Mas a revolução russa, longe de abater-se com a queda do czar, estava apenas começando. O exército russo se desconjuntava e ninguém na Rússia parecia capaz de o deter. Alexandre Kerensky, o ambicioso primeiro-ministro do governo provisório, percorria a frente oriental, falava eloquentemente às tropas, assegurando-lhes que "a vitória, a democracia e a paz" já se aproximavam. Sem se impressionarem, os soldados russos, famintos e rebeldes continuavam a desertar às dezenas de milhares. Em uniformes esfarrapados e sujos, os desertores inundavam o país inteiro, através dos campos encharcados e ao longo das estradas esburacadas, em direção às pequenas e grandes cidades (2.)

(2) Durante 3 anos os soldados russos tinham lutado com grande bravura e destreza contra a superioridade esmagadora do inimigo.

Na retaguarda os soldados russos que regressavam da frente encontravam os operários e os camponeses revolucionários. Por toda parte soldados, operários e camponeses formavam espontaneamente os seus próprios comitês revolucionários ou "Sovietes", como eram chamados, e elegiam deputados para levarem a sua reivindicação de "Paz, Terra e Pão" aos quartéis-generais do governo de Petrogrado.

Quando o Major Raymond Robins chegou a Petrogrado, massas famintas e desesperadas do povo tinham-se espalhado como uma grande maré sombria sobre o país. A capital regurgitava de delegações de soldados, vindas diretamente das trincheiras lodosas da frente para pedirem o termo da guerra. Os tumultos por causa do pão ocorriam quase todos os dias. O Partido Bolchevique de Lênin — a organização dos comunistas russos que fôra declarada ilegal e impelida à ação subterrânea por Kerensky — crescia rapidamente em força e prestígio.

Raymond Robins recusou-se a aceitar as opiniões do Embaixador Francis e seus amigos czaristas como a verdade acerca do que se passava na Rússia. Em vez de perder tempo nos salões de Petrogrado, meteu-se pelo interior, como dizia, para apreciar o drama russo com os seus próprios olhos. Robins cria apaixonadamente no que ele chamava "a mentalidade do ar livre — essa coisa que é comum na América entre os prósperos homens do negócio: mentalidade que não se acomoda com a tagarelice; que vai sempre em busca de fatos." Ele viajou pelo país inspecionando fábricas, sedes sindicais, quartéis do exército e até mesmo as trincheiras infectadas de piolhos da frente oriental. A fim

Nos primeiros meses da guerra, no auge da agressão germânica, os russos invadiram a Prússia Oriental, obrigando os alemães a retirar da França dois corpos de exército e uma divisão de cavalaria, e dando a Joffre o ensejo de fechar a brecha do Marne e salvar Paris. Na sua retaguarda, o exército russo tinha de lutar contra a traição e a inépcia. O ministro da Guerra, Sukhoumlinov, era um traidor a soldo da Alemanha. A corte do czar enxameava de agentes alemães e de germanófilos notórios encabeçados pela czarina e seu conselheiro, o sinistro Padre Rasputin. As tropas russas estavam pessimamente equipadas. Em 1917, o exército russo sofrera mais baixas por morte do que a Grã-Bretanha, França e Itália em conjunto. As perdas totalizavam 2.762.064 mortos, 4.950.000 feridos e 2.500.000 desaparecidos.

de descobrir o que se passava na Rússia, Robins meteu-se no meio do povo.

A Rússia tôda era nesse ano uma vasta sociedade em turbulento debate. Após séculos de silêncio forçado, o povo recobrava a voz. Realizavam-se comícios por tôda parte. Todo mundo tinha o que dizer. Oficiais do govêrno, propagandistas pró-aliados, bolcheviques, anarquistas, social-revolucionários, mencheviques — todos falavam ao mesmo tempo. Os bolcheviques eram os oradores mais populares. Soldados, operários e camponeses repetiam constantemente o que êles diziam.

“Digam-me por que é que eu estou lutando?” perguntava um soldado russo em um dêsses comícios de massas. Por Constantinopla ou pela Rússia livre? Pela democracia ou pelos salteadores capitalistas? Se me podem provar que eu estou defendendo a Revolução, então eu volto para a luta sem necessidade de pena capital para me constranger. Quando a terra pertencer aos camponeses, as fábricas aos operários e o poder aos soviets, então reconheceremos que temos algo por que lutar e lutaremos por isso!”

Robins estava no seu elemento no meio dessa atmosfera de debates. Em sua pátria, nos E.U.A., como tribuno popular, debatera freqüentemente com marxistas americanos. Por que não debateria com os bolcheviques russos? Frequentemente Robins pedia permissão para replicar a algum dos oradores bolcheviques. No burburinho das fábricas e trincheiras o americano de ombros largos e olhos negros levantava-se e falava. Por intermédio do intérprete que o acompanhava, Robins informava as assembléias russas acêrca da democracia americana e da ameaça do militarismo prussiano. Invariavelmente, aplausos tumultuosos saudavam as suas palavras.

Ao mesmo tempo, Robins não se descurava de seus afazeres na Cruz Vermelha. Sua tarefa era de obter alimentos para as cidades ameaçadas pela fome. Descendo o Volga, achou imensos estoques de trigo apodrecendo nos armazéns. O trigo não podia ser removido por falta de transporte. Sob o regime desesperadamente inepto do czar, todo transporte se desorganizara e Kerensky não fizera coisa alguma para remediar a situação. Robins propôs a organização de uma frota de barcas que descesse o Volga para carregar o trigo. Os funcionários de Kerensky informaram-no de que

isso não seria possível. Um camponês se apresentou. Era o presidente do soviete local dos camponeses. Comunicou que as barcaças poderiam ser conseguidas. Na manhã seguinte o trigo começou a ser transportado rio acima para Moscou e Petrogrado.

Por toda parte Robins observava a mesma evidência de confusão e inépcia do governo de Kerensky; contrastando com a organização e determinação dos sovietes revolucionários. Quando um presidente do soviete dizia que algo devia ser feito, fazia-se...

Na primeira vez que Robins foi a uma aldeia russa o pediu para ver o funcionário responsável pela administração da localidade, os camponeses riram. — É melhor que veja o presidente do soviete — disseram-lhe.

— O que é esse sovieto? — perguntou Robins.

— São os deputados dos operários, soldados e camponeses.

— Mas isso é uma organização revolucionária — protestou ele. Eu desejo é ver a organização civil, o poder regular. Os camponeses riram. — Ah! Isso não vale nada. O senhor deve é ver o presidente do sovieto.

De volta a Petrogrado, após sua viagem de inspeção, Robins fez o seu informe preliminar ao Coronel Thompson: "O governo provisório de Kerensky, disse Robins, era uma organização burocrática, imposta de cima para baixo e sustentada por baionetas em Petrogrado, Moscou e alguns lugares mais." O governo real do país vinha sendo exercido pelos sovietes. Mas Kerensky era pelo prosseguimento da guerra contra a Alemanha, e por essa razão Robins acreditava que devia ser mantido no poder. Se os aliados estavam interessados em impedir que a Rússia caísse em completo caos e sob a dominação germânica, toriam de se utilizar de toda a sua influência para fazer Kerensky reconhecer os sovietes e chegar a um acordo com eles. O governo dos E.U.A. devia ser inteiramente informado dos fatos antes de ser demasiado tarde.

Robins propunha uma façanha arrojada: o lançamento imediato de uma gigantesca e impressionante campanha de propaganda para convencer o povo russo de que a Alemanha constituía ameaça real para a sua Revolução. Para surpresa sua, o Coronel Thompson exprimiu completo acordo tanto com o informe como com a proposta de seu assistente. Disse

que telegrafaria a Washington traçando o plano da propaganda e pedindo autorização e fundos para lançá-la. Nesse ínterim, já que o tempo era precioso, Robins devia iniciar o trabalho.

— Mas de onde virá o dinheiro? perguntou Robins.

— Eu arrisco um milhão de meu dinheiro — disse o Coronel Thompson.

Robins foi autorizado a sacar essa importância da conta de banco do coronel em Petrogrado...

A coisa mais importante, dizia o coronel, era manter o exército russo na frente oriental e a Alemanha fora da Rússia. Ao mesmo tempo estava bem informado dos riscos em que se poderia envolver, intervindo tão ativamente e de modo tão pessoal nos negócios da Rússia.

— Sabe o que isso significa, Robins? — perguntou êle.

— Eu penso que se trata do único recurso para salvar a situação, coronel — replicou Robins.

— Não. Pergunto se sabe o que isso significa para você?

— O que significa?

— Significa que, se falharmos, você será fuzilado.

Robins encolheu os ombros. — Homens melhores e mais jovens estão sendo fuzilados diariamente na frente oriental. E acrescentou após uma pausa:

— Coronel, se eu fôr fuzilado o senhor será enforcado.

— Não será surpresa para mim se acabar acontecendo isso que você diz — respondeu o Coronel Thompson (3.)

2. Contra-Revolução

Enquanto os ventos frios e úmidos de outono sopravam do Mar Báltico e nuvens baixas e entumecidas pairavam agoureyras sobre a cidade, os acontecimentos em Petrogrado precipitavam-se para o seu clímax histórico.

Pálido e nervoso, vestindo, como de costume, o seu singelo uniforme pardo rigorosamente abotoado, com os olhos

(3) Esse diálogo entre o Major Robins e o Coronel Thompson como outro diálogo qualquer citado neste livro, é tirado diretamente das fontes documentárias mencionadas nas Notas Bibliográficas.

querendo saltar-lhe das órbitas e o braço direito em ângulo conforme o estilo napoleônico, Alexandre Kerensky, primeiro-ministro do governo provisório, passeava de um para outro lado no seu quarto do Palácio de Inverno.

“O que esperam eles de mim?” gritou a Raymond Robins. “Metade do meu tempo sou forçado a falar na linguagem do liberalismo europeu ocidental para satisfazer aos aliados, e na outra metade eu tenho de falar na linguagem do socialismo eslavo-russo para salvar a minha pele!”

Kerensky tinha razão para estar perturbado. Pelas costas, os seus mantenedores, os milionários russos e os seus aliados anglo-franceses, já estavam conspirando para derrubá-lo do poder.

Os milionários russos já declaravam abertamente que se a Grã-Bretanha e a França se recusassem a agir para deter a revolução, eles apelariam para os alemães.

“A revolução é uma doença”, relatava Stepan Georgevitch Lianozov, o “Rockefeller russo”, ao correspondente americano John Reed. “Mais cedo ou mais tarde as potências estrangeiras terão de intervir aqui — como alguém que intervém para curar uma criança doente e ensiná-la a andar.”

Outro milionário russo, Riabuchinsky, declarava que a única solução “para a mão descarnada da fome e para a miséria do povo seria a de agarrar pelo pescoço os falsos amigos do povo — os soviets e comitês democráticos!”

Samuel Hoare, o chefe do Serviço Diplomático de Informações na Rússia, falara com êsses milionários e voltara a Londres para relatar que a ditadura militar seria a melhor solução para os problemas russos. Segundo Hoare, os candidatos mais indicados para o posto de ditador na Rússia eram o Almirante Koltchak que, dizia Hoare, era a coisa mais próxima de um *gentleman* inglês que pudera achar na Rússia; e ainda o General Lavr Kornilov, vigoroso cossaco de barbicha preta e comandante-chefe do exército russo.

Os governos inglês e francês decidiram apoiar o General Kornilov. Ele seria o homem forte com a incumbência de manter a Rússia na guerra, suprimir a revolução e proteger os interesses financeiros anglo-franceses.

Quando Raymond Robins soube dessa decisão, percebeu que os aliados tinham cometido grave erro. Eles não conheciam a têmpera do povo russo. Estavam simplesmente

dando razão aos bolcheviques que profetizaram desde o começo que o regime de Kerensky acabaria sendo apenas uma máscara sob a qual se estaria preparando secretamente a contra-revolução. O Major-general Alfredo Knox, adido militar e chefe da Missão Militar britânica em Petrogrado, sêcamente ordenou a Robins que se calasse.

O *Putsch* intentado realizou-se na manhã do dia 8 de setembro de 1917. Começou com uma proclamação expedida por Kornilov como comandante-chefe do exército, que apelava para a queda do governo provisório e estabelecimento da "disciplina e da ordem." Milhares de panfletos, intitulados *Kornilov*, o *Herói Russo*, súbitamente apareceram nas ruas de Moscou e Petrogrado. Anos depois Kerensky, no seu livro *A Catástrofe*, revelou que "esses panfletos tinham sido impressos a expensas da Missão Militar britânica e trazidos a Moscou da embaixada britânica em Petrogrado no carro da composição do General Knox adido militar." Kornilov deu ordem a vinte mil soldados para marcharem sobre Petrogrado. Oficiais franceses e ingleses em uniformes russos marcharam com as tropas de Kornilov.

Kerensky ficou horrorizado com a traição. Ele ainda estava sendo aclamado em Londres e Paris como um "grande democrata" e "o herói das massas russas." E enquanto isso, na Rússia, os representantes aliados estavam tramando a sua derubada; Kerensky procurou saber o que lhe restava fazer sozinho e não fez nada.

O soviete de Petrogrado controlado pelos bolcheviques, por sua própria iniciativa, ordenou mobilização imediata. Operários armados uniram-se aos marinheiros revolucionários da esquadra do Báltico e aos soldados da frente. Barricadas e cêrcas de arame farpado se estenderam pelas ruas da cidade. Montaram peças de artilharia e metralhadoras. Guardas vermelhos — operários de gorros e jaquetas de couro, armados de fuzis e granadas de mão — patrulhavam os becos lamacentos e esburcados.

Dentro de quatro dias o exército de Kornilov se descompunha. O próprio general foi detido pelo Comitê de soldados que se organizara secretamente dentro do seu próprio exército. Uns quarenta generais do velho regime, envolvidos na conspiração de Kornilov, foram sitiados na primeira tarde no Hotel Astória em Petrogrado, onde estavam espe-

rando pelas notícias do êxito de Kornilov. O vice-ministro da Guerra de Kerensky, Boris Savinkov, foi deposto do cargo pelo clamor popular por ter participado da conspiração. Ruía o governo provisório.

O *Putsch* resultara na única coisa que se poderia prever: um triunfo para os bolcheviques e uma demonstração da força soviética.

Eram os soviotes, e não Kerensky, que detinham o poder real em Petrogrado.

"O surto dos soviotes", dizia Robins, "operou-se sem força... Foi êsse poder que derrotou Kornilov."

O Embaixador Francis, por sua vez, telegrafou ao Departamento de Estado dos E.U.A.:

"O FRACASSO DE KORNILOV DEVE-SE ATRIBUIR A MAUS CONSELHOS, FALSAS INFORMAÇÕES, METODOS IMPRÓPRIOS E INOPORTUNIDADE. KORNILOV, BOM SOLDADO, PATRIOTA, MAS INEXPERIENTE. O GOVERNO APAVOROU-SE E PODE APROVEITAR-SE DA EXPERIÊNCIA."

3. Revolução

Os acontecimentos agora se precipitavam como raios. Até agora subterrânea, Lênin deu uma nova palavra de ordem à Revolução: *Todo poder aos soviotes! Abaixo o governo provisório!*

Aos 7 de outubro, o Coronel Thompson telegrafava ansiosamente para Washington:

"MAXIMALISTAS (BOLCHEVIQUES) PROCURAM AGORA ATIVAMENTE CONTROLAR TODO O CONGRESSO DE DEPUTADOS DOS OPERÁRIOS E SOLDADOS QUE SE REUNEM AQUI NESTE MÊS. SE TIVEREM BOM ÊXITO, FORMARÃO NOVO GOVERNO COM DESASTROSOS RESULTADOS QUE LEVARÃO PROVAVELMENTE A PAZ EM SEPARADO.

ESTAMOS NOS UTILIZANDO DE TODO RECURSO MAS É PRECISO QUE HAJA APOIO IMEDIATO OU TODOS OS ESFORÇOS SERÃO DEMASIADO TARDIOS."

No dia 13 de novembro realizou-se no gabinete do Coronel Thompson uma conferência secreta dos líderes militares

aliados na Rússia. O que se deveria fazer para deter os bolcheviques? O Coronel Niessel, chefe da Missão Militar francesa atacou raivosamente o governo provisório pela sua ineficiência e chamou os soldados russos de "cães amarelos." A essa altura um general russo saiu da sala, com o rosto afogueado de cólera.

O General Knox exprobrou os americanos por não terem apoiado Kornilov.

— Não tenho interêsse na estabilidade de Kerensky e do seu governo — gritou Knox a Robins. — É incompetente, inepto, sem valor! Você deveria ter apoiado Kornilov!

— Bem, general! — replicou Robins — o senhor ajudou Kornilov.

O general corou. — A única solução para a Rússia é uma ditadura militar — disse. — Esse povo precisa sentir o pêso do azorrague!

— General — disse Robins — o senhor poderá vir a ter uma ditadura de caráter muito diferente.

— Quer você se referir a essa canalha bolchevique de Trotsky-Lénin — esses *mitingueiros* reles?

— Sim, é a isso que me refiro.

— Robins, disse o General Knox — você não é militar, não entende coisa alguma de assuntos militares. Nós, militares, sabemos o que é preciso fazer com essa espécie de gente. Nós os pomos em fila e os fuzilamos.

— Sim, se o senhor os apanhar, o senhor os fuzila — retrucou Robins. — Admito, general, que eu não conheça coisa alguma de questões militares, mas conheço algo acêrca do povo. Eu trabalhei com êle tóda a minha vida. Penetrei a Rússia e julgo que o senhor está enfrentando uma insurreição popular.

No dia 17 de novembro de 1917, quatro dias depois dessa conferência no gabinete do Coronel Thompson, os bolcheviques tomaram o poder na Rússia.

A abaladora revolução bolchevista chegou estranhamente, quase imperceptível a princípio. Foi a mais pacífica revolução da história. Pequenos bandos de soldados e marinheiros marchavam tranqüilamente pela capital. Poucos tiros, esporádicos, esparsos. Homens e mulheres aglomeravam-se nas frias ruas argumentando, gesticulando, lendo os últimos apelos e

proclamações. Os boatos contraditórios de praxe circulavam pela cidade. Os bondes moviam-se acima e abaixo pelo Nevsky. As donas de casa iam e vinham pelos bazares da cidade. Os jornais conservadores de Petrogrado que circularam nesse dia, como habitualmente, não deram nenhuma notícia segura da revolução que se fizera.

Vencendo insignificante oposição, os bolcheviques ocuparam o Centro Telefônico, a Repartição Telegráfica, o Banco do Estado e os Ministérios.

O Palácio de Inverno, sede do governo provisório, foi envolvido e sitiado. O próprio Kerensky escapou nessa tarde num carro emprestado pela embaixada americana e sob a proteção da sua bandeira. Ao partir, êle se dirigiu em corajosas palavras ao Embaixador Francis, dizendo que voltaria com tropas da fronteira e "liquidaria a situação em cinco dias."

As 18 horas Francis telegrafava ao Secretário de Estado Lansing:

"PARECE QUE OS BOLCHEVIQUES ESTÃO CONTROLANDO TUDO POR AQUI. IMPOSSÍVEL SABER O PARADEIRO DE QUALQUER DOS MINISTROS..."

Pelo meio dessa noite cruelmente úmida, caminhões se arrastavam pelas ruas enlameadas, detendo-se junto às fogueiras em que as sentinelas se aqueciam de espaço a espaço pelas ruas. De dentro dos caminhões arremessavam punhados de volantes brancos com a seguinte proclamação:

"AOS CIDADÃOS DA RÚSSIA!

O governo provisório foi deposto. O poder do Estado passou para as mãos do órgão dos Deputados dos Trabalhadores e Soldados do Soviete de Petrogrado, o Comitê Militar Revolucionário, que está à testa do proletariado e da guarnição de Petrogrado. A causa por que o povo lutou foi a proposta imediata de uma paz democrática, a abolição dos direitos feudais de propriedade da terra, o controle trabalhista da produção, a criação de um governo soviético — essa causa está vitoriosa.

"VIVA A REVOLUÇÃO DOS TRABALHADORES, SOLDADOS E CAMPONESES!

O Comitê Revolucionário Militar do Soviete de Deputados dos Trabalhadores e Soldados de Petrogrado."

Centenas de guardas vermelhos e soldados tinham-se reunido em massa compacta em torno do Palácio de Inverno brilhantemente iluminado, o último reduto do já inexistente governo provisório. Súbitamente, a massa locomoveu-se, espalhou-se pelo pátio do palácio e arremessou-se sobre as barricadas, em direção ao Palácio de Inverno. Os antigos ministros de Kerensky foram levados à sala grande e cuidadosamente decorada, onde haviam estado sentados o dia todo em torno de uma mesa. A mesa estava repleta de folhas amarrutadas de papel, restos das proclamações passadas. Uma delas dizia: "O governo provisório apela para todas as classes para que o apoiem..."

Às 22,45 de 17 de novembro, o Congresso Pleno dos Deputados dos Sovietes de Trabalhadores e Soldados realizou a sua sessão inaugural no salão de danças do Instituto Smolny, que fôra antes uma academia elegante para as filhas da aristocracia czarista. O vasto salão enfumaçado, com suas colunas de mármore, candelabros brancos e pavimento marchetado, abrigava agora os representantes eleitos dos soldados e operários, do povo russo. Sujos, barbas por fazer, cansados, os deputados soviéticos — soldados ainda com barro das trincheiras nos uniformes, trabalhadores de gorros e roupa escura amarrutada, marinheiros de blusa riscada e pequenas boinas redondas — ouviam atentamente os membros do Comitê Central Executivo que subiam para falar um após outro na tribuna. O Congresso durou dois dias. Na tarde do segundo dia houve longa aclamação e vasto tumulto quando um homenzinho rechonchudo, de traje largo mal ajustado se levantou no estrado, a calva luzindo, com um maço de papéis na mão...

O tumulto durou alguns minutos. Depois, inclinando-se negligentemente para a frente, o orador falou: "Agora temos de proceder à construção da ordem socialista!"

O orador era Lênin.

O Congresso passou a constituir o primeiro governo soviético — o Conselho dos Comissários do Povo, encabeçado por Vladimir Ilitch Lênin.

4. Não reconhecimento

Na manhã seguinte à formação do governo soviético, o Embaixador Francis despachou uma nota a seu amigo, Mad-din Summers, cônsul americano em Moscou.

"Relata-se", escrevia o Embaixador Francis, "que o Conselho de Trabalhadores e Soldados de Petrogrado nomeou um gabinete com Lênin feito primeiro-ministro. Trotsky como ministro dos Negócios Exteriores e a Senhora ou Senhorita Kollontai como ministra da Educação. Lamentável! — mas eu tenho esperança de que quanto mais se afundarem no ridículo mais depressa se remediará a situação."

Para Washington o embaixador cabografou a sua opinião segundo a qual a vida do novo regime soviético seria questão de dias. Ele urgiu o Departamento de Estado a não reconhecer o governo russo enquanto os bolcheviques não fôssom derrotados e substituídos no poder pelos "patriotas russos..."

Na mesma manhã, Robins entrava no gabinete do Coronel Thompson no quartel-general da Cruz Vermelha Americana em Petrogrado.

"Chefe", disse Robins, "precisamos agir depressa! Essa idéia de que Kerensky foi reconstituir um exército algures, de que os cossacos estão vindo do Don e os Guardas Brancos descem da Finlândia, tudo isso é embuste! Eles nunca chegarão aqui. Há muitos camponeses armados no caminho! Não, êsse grupo está dirigindo a dança do Smolny e dirigirá por muito tempo ainda!"

Robins pediu permissão ao seu chefe para ir ao Smolny diretamente e obter uma entrevista com Lênin. "Essa gente é na maior parte bondosa e respeitável", disse Robins referindo-se aos bolcheviques. "Já lidamos com políticos americanos, e se no Smolny há algum indivíduo mais corrompido e malvado do que alguns de nossos patifes, então são patifes também, e é tudo!"

Em resposta, o Coronel Thompson mostrou a Robins as ordens que recebera havia pouco. Ele deveria voltar imediatamente para Washington. Pessoalmente, concordava com Robins em que os bolcheviques representavam as massas do povo russo, e de volta à América, faria tudo para convencer

disso o Departamento de Estado. Enquanto isso Robins, tinha de assumir a missão de chefe da Cruz Vermelha Americana na Rússia. O Coronel Thompson apertou as mãos de seu ex-assistente, desejando-lhe boa sorte...

Robins não perdeu tempo. Dirigiu-se ao Smolny e pediu para ver Lênin.

"Eu era a favor de Kerensky", disse francamente, "porém reconheço que o governo provisório está definitivamente morto. Quero saber de que modo a Cruz Vermelha Americana pode servir ao povo russo sem prejuízo de nossos interesses nacionais. Sou contra o vosso programa doméstico, mas não é da minha conta o que se passa na vida íntima da Rússia. Se Kornilov, o czar ou outro qualquer detivesse o poder, eu estaria falando com ele."

Lênin gostou imediatamente do americano franco e aberto. Procurou explicar o caráter do novo regime.

"Dizem eles que eu sou um ditador", declarou Lênin. "Eu o sou no momento. Sou um ditador porque tenho o apoio das massas dos camponeses e operários. No momento em que deixasse de representar a sua vontade, eles tomariam o poder de minhas mãos, e eu seria destituído como foi o czar."

Quanto aos aspectos econômicos do plano soviético, acrescentou: "Nós vamos desafiar o mundo com uma república de produtores. Não estamos colocando quem quer que seja no Soviete apenas porque seja possuidor de ações ou porque seja proprietário. Estamos colocando os produtores. A bacia de carvão do Donetz será representada pelos produtores de carvão; as estradas de ferro, pelos produtores de transporte, o sistema postal, pelos produtores das comunicações e assim por diante."

Lênin descreveu outra face essencial do programa bolchevique: "A solução da 'questão nacional', sob o czar, os múltiplos grupos nacionais da Rússia tinham sido desapiedadamente suprimidos e convertidos em povos submissos. Tudo isso deve mudar, disse. O anti-semitismo e outros preconceitos primitivos explorados pelo czarismo para jogar um grupo contra outro deviam desaparecer. Toda nacionalidade e minoria nacional na Rússia deveria ser totalmente emancipada, com direitos iguais, com sua autonomia regional e cultural. Lênin comunicou a Robins que o homem que deveria enfrentar esse

problema complexo e importantíssimo seria a principal autoridade bolchevique na questão nacional, José Stálin (4.)

Robins perguntou quais eram as possibilidades de a Rússia permanecer na guerra contra a Alemanha. Lênin respondeu com absoluta candura. A Rússia já estava completamente fora da guerra. Não poderia opor-se à Alemanha enquanto não se organizasse o seu novo exército — o Exército Vermelho. Toda a estrutura completamente desarticulada da indústria e dos transportes russos deveria ser reconstituída de alto a baixo.

O governo soviético, continuou dizendo Lênin, desejava o reconhecimento e a amizade dos E.U.A. Ele era sabedor do preconceito oficial contra o seu regime. Ele oferecia a Robins um programa prático mínimo de cooperação. Em troca do auxílio técnico americano, o governo soviético empreenderia a evacuação de todos os suprimentos bélicos da fronteira oriental, sendo que de outro modo não seria possível impedir que estes caíssem nas mãos dos alemães.

Robins informou o General William Judson, adido militar americano e chefe da Missão Americana na Rússia, acerca da proposta russa; e este dirigiu-se ao Smolny para ultimar os pormenores do entendimento. Judson tinha uma exigência adicional a fazer: as centenas de milhares de prisioneiros alemães em mãos dos russos não seriam repatriados antes de acabada a guerra. Lênin consentiu.

O general informou prontamente o Embaixador Francis de que seria do interesse dos E.U.A. reconhecer o governo soviético.

(4) "Meu primeiro conhecimento de Stálin", escreveu Robins aos autores deste livro em novembro de 1943, "foi quando Lênin me falou de seus planos de uma República Soviética Socialista-Federada... Falou dos planos seus e de Stálin de unir numa cooperação comum todos os vários grupos da Rússia Soviética e comunicou-me que Stálin acabava de ser eleito comissário para as Nacionalidades. Talvez a maior contribuição histórica de Stálin para a unidade e poder do povo soviético tenha sido a sua obra incomparável como comissário das Nacionalidades. Sua política varreu as animosidades raciais, religiosas, nacionais e de classe, dando aos vários grupos soviéticos a unidade e harmonia para lutarem e morrerem em defesa de Leningrado, Stalingrado e do solo russo." Na última sentença é claro que Robins está se referindo à parte histórica que o povo soviético tomou na luta para repelir e esmagar os invasores nazistas na II Guerra Mundial.

"O Soviete é o governo *de fato*; devem-se estabelecer relações com êle", disse o General Judson.

Mas o embaixador tinha outras idéias e já as transmitira para Washington.

Poucos dias depois um telegrama do Secretário de Estado Lansing, advertia o Embaixador Francis de que os representantes americanos deveriam "recusar tôda comunicação direta com o governo bolchevique." O telegrama acrescentava: "Advirta igualmente a Judson."

Um segundo telegrama, despachado logo após, chamava Judson para os E.U.A. Robins pensou em resignar em sinal de protesto contra a política do Departamento de Estado. Para surpresa sua, o Embaixador Francis pediu-lhe que se mantivesse em seu pòsto e permanecesse em contacto com o Smolny.

"Penso eu que não é prudente de sua parte cortar as suas relações abruptamente — isto é, cessar as suas visitas lá", comunicou o Embaixador Francis a Robins. "Além do que eu desejo saber o que êles estão fazendo, e ficarei entre você e o fogo."

Robins não sabia, mas o embaixador necessitava de tôdas as informações possíveis acêrca do governo soviético por importantes motivos pessoais.

5. Diplomacia secreta

No dia 2 de dezembro de 1917 o Embaixador Francis enviou a Washington o seu primeiro relato confidencial das atividades do General Alexei Kaledin, atamã dos cossacos do Don. Francis descrevia o "general Kaledin, como comandante-chefe de 200.000 cossacos." O General Kaledin organizara um exército branco contra-revolucionário entre os cossacos no Sul da Rússia, proclamara a "independência do Don" e estava preparando a marcha sôbre Moscou para esmagar o governo soviético. Grupos secretos de oficiais czaristas em Petrogrado e Moscou estavam agindo como espões anti-soviéticos de Kaledin e mantinham contacto com o Embaixador Francis.

A pedido dêste, Maddin Summers, côsul-geral americano em Moscou, mandou alguns dias depois uma relação

mais pormenorizada das forças do General Kaledin ao Departamento de Estado. Summers, que se casara com a filha de um rico fidalgo czarista, era ainda mais violentamente prevenido contra o regime soviético do que o próprio embaixador. De acordo com o informe de Summers ao Departamento de Estado, Kaledin já conseguira a aliança de todos os elementos "leais" e "honestos" do Sul da Rússia.

O Secretário de Estado Lansing telegrafou à embaixada americana em Londres recomendando um empréstimo secreto para financiar a causa de Kaledin. Esse empréstimo, dizia, deveria fazer-se através do governo britânico ou francês.

"Não é necessário sublinhar", acrescentou o Secretário Lansing, "a necessidade de agir rapidamente e de insistir junto àqueles com quem falais acerca da importância de não se dar a conhecer que os Estados Unidos demonstram simpatia pelo movimento de Kaledin e, muito menos, dar a entender que lhe estamos prestando assistência financeira."

O Embaixador Francis estava prevenido a fim de usar de grande discrição em seus entendimentos com os agentes de Kaledin em Petrogrado, para não despertar as suspeitas dos bolcheviques.

Apesar das precauções tomadas, a conspiração foi descoberta pelo governo soviético que estava sutilmente alerta à possibilidade da intervenção aliada na Rússia. No meado de dezembro a imprensa soviética acusou o embaixador americano de conspirar secretamente com Kaledin. Francis negou suavemente que conhecesse o chefe cossaco...

"Estou fazendo um relatório para publicar", telegrafou Francis ao Secretário Lansing, no dia 22 de dezembro, "o qual esclarecerá tudo, negando toda ligação com Kaledin ou conhecimento do seu movimento, fixando as vossas instruções decisivas e enfáticas de não interferir nos negócios internos, mostrando como eu as tenho escrupulosamente observado."

Isolado pela hostilidade aliada e muito fraco para enfrentar sozinho a maciça máquina de guerra alemã, o governo soviético tinha de proteger-se como melhor pudesse. A ameaça mais ou menos imediata era a Alemanha.

Para salvar a nova Rússia e ganhar tempo para efetuar a reorganização essencial e criar o Exército Vermelho, Lênin propôs-se a assinar uma paz imediata na fronteira oriental.

“Precisamos concluir a paz de qualquer maneira”, comunicou Lénin aos companheiros, depois de examinar detidamente as espantosas condições do transporte, da indústria e do exército da Rússia. “Temos de nos fortalecer, e para isso é necessário tempo... Se os alemães começam a avançar, seremos forçados a assinar qualquer modalidade de paz, que será então mais dura.”

A instâncias de Lénin uma delegação soviética de paz dirigiu-se apressadamente a Brest-Litovsk, quartel-general do Exército Alemão Oriental para obter os termos de paz da Alemanha.

Aos 23 de dezembro de 1917, um dia após a primeira sessão da conferência preliminar de paz em Brest-Litovsk, representantes da Grã-Bretanha e França reuniram-se em Paris e concluíram secretamente um entendimento para desmembrar a Rússia Soviética. O entendimento chamou-se “Acôrdio Franco-Britânico de 23 de dezembro de 1917, definindo as zonas de ação francesa e inglesa.”

Nos termos desse acôrdio, a Inglaterra devia receber uma “zona de influência” na Rússia, dando-lhe o óleo do Cáucaso e o controle das províncias do Báltico; a França teria “a zona” do ferro e carvão da bacia do Donetz e o controle da Criméia. Esse tratado secreto anglo-francês determinava inevitavelmente a política que essas duas nações prosseguiriam com respeito à Rússia durante os vários anos seguintes.

CAPÍTULO II

TACO A TACO

1. Agente britânico

Pelo meio da noite glacial de 18 de janeiro de 1918, um elegante jovem escocês enrolado de peles seguia às apalpadelas, à luz de uma lanterna, através de uma ponte parcialmente arrebetada entre a Finlândia e a Rússia. A guerra civil assolava a Finlândia e o tráfego ferroviário sobre a ponte fôra interrompido. O governo vermelho finlandês tinha fornecido ao jovem escocês uma escolta para conduzi-lo com as suas bagagens para o território soviético, onde um trem estava à sua espera para levá-lo a Petrogrado. O viajante era R. H. Bruce Lockhart, agente especial do Ministério da Guerra britânico.

Produto do sistema exclusivista da "escola pública" inglesa, Bruce Lockhart entrara no serviço diplomático com a idade de 24 anos. Ele era ao mesmo tempo belo e inteligente, e em curto tempo fizera por si mesmo o seu renome como um dos mais talentosos e prometedores jovens do Ministério das Relações Exteriores britânico. Aos 30 anos, era ele o vice-cônsul britânico em Moscou. Falava russo fluentemente e familiarizara-se tanto com a política como com a intriga russa. Fôra chamado a Londres seis semanas antes da Revolução Bolchevique.

Agora estava regressando à Rússia por solicitação pessoal do primeiro-ministro Lloyd George, que se impressionara profundamente com o que o Coronel Thompson, de volta à pátria, lhe relatara acerca da Rússia. O antigo chefe de Robins censurara violentamente a recusa dos aliados em reconhecer o regime soviético. Em seguida à conversa do Coro-

nel Thompson com Lloyd George, Lockhart fôra escolhido para ir à Rússia estabelecer uma espécie de relações práticas — na falta de reconhecimento oficial — do regime soviético.

Mas o elegante jovem escocês também era um agente do "Intelligence Service" diplomático britânico. Sua verdadeira missão era explorar em benefício dos interesses britânicos o movimento de oposição que nascera dentro do próprio governo soviético...

A oposição a Lénin era encabeçada pelo ambicioso comissário soviético do Exterior, Leon Trotsky, que se considerava a si mesmo o sucessor inevitável de Lénin. Durante quatorze anos, Trotsky se opusera ferozmente aos bolcheviques. Finalmente, em agosto de 1917, poucos meses antes da Revolução Bolchevique, êle tomara o partido de Lénin e assumira o poder com êste. Dentro do Partido Bolchevique, Trotsky estava organizando a oposição de esquerda a Lénin.

Quando Lockhart chegou a Petrogrado no começo de 1918, o comissário do Exterior, Trotsky, estava em Brest-Litovsk, como chefe da Delegação Soviética de Paz.

Trotsky fôra enviado a Brest-Litovsk com instruções categóricas de Lénin para assinar a paz. Em vez de seguir as instruções de Lénin, Trotsky se pôs a divulgar apelos inflamados ao proletariado europeu para que se sublevasse e subvertesse os seus governos. O governo soviético, declarou êle, não pode de maneira alguma fazer a paz com regimes capitalistas. "Nem paz nem guerra!" exclamava Trotsky. Êle comunicou aos alemães que o exército russo não podia mais lutar, continuaria se desmobilizando, mas não faria a paz.

Lénin denunciou irritado o procedimento e os propósitos de Trotsky, em Brest-Litovsk — "interrupção da guerra, recusa de assinar a paz, desmobilização geral do exército" — como "loucura ou coisa pior."

O Ministério das Relações Exteriores britânico, como Lockhart revelou mais tarde em suas memórias, *Agente Britânico*, estava extremamente interessado nessas "dissensões entre Lénin e Trotsky — dissensões de que muito esperava o nosso governo." (5.)

(5) Em Brest-Litovsk, Trotsky, como "revolucionário mundial", recusou-se a assinar a paz com a Alemanha, admitindo embora que o

O resultado da atitude de Trotsky foi o fracasso das negociações de paz em Brest-Litovsk. O alto comando alemão não quisera entendimento com os bolcheviques em primeiro lugar. Trotsky, segundo Lênin, fizera o jogo dos alemães e na verdade ajudara os "imperialistas germânicos." Em meio de uma das arêngas de Trotsky em Brest-Litovsk, o general alemão Max Hoffmann pôs a bota sobre a mesa da conferência e mandou, que os delegados soviéticos se retirassem.

Trotsky regressou a Petrogrado e respondeu às recriminações de Lênin com a exclamação: "Os alemães não se atreverão a avançar!"

Dez dias depois do fracasso das negociações de paz em Brest-Litovsk, o alto comando alemão lançou uma grande ofensiva ao longo de toda a fronteira oriental, desde o Báltico ao Mar Negro. No sul, as hordas germânicas enxamea-

exército russo não podia lutar por mais tempo, alegando que essa paz representava uma traição à revolução internacional. Com esse fundamento, Trotsky recusava-se a cumprir as instruções de paz de Lênin. Mais tarde alegou que assim agira por não ter compreendido bem a situação.

Na conferência do Partido Bolchovique de 3 de outubro de 1918, depois de terem os alemães atacado a Rússia Soviética e terem quase atingido Petrogrado, e esmagado o regime soviético, Trotsky declarou: "Julgo meu dever confessar nesta autorizada assembléia, na hora em que muitos de nós, inclusive eu, duvidavam se era admissível para nós a assinatura da paz em Brest-Litovsk, unicamente, o camarada Lênin sustentou tomosamente, com admirável clarividência e contra a nossa oposição, que deveríamos assinar a paz... E agora temos de admitir que não tínhamos razão."

A atitude de Trotsky em Brest-Litovsk não foi um fato isolado. Enquanto Trotsky agitava em Brest-Litovsk, seu principal lugar-tenente pessoal em Moscou, Nicolai Krestinsky, atacava publicamente Lênin e falava em iniciar "a guerra revolucionária contra o imperialismo alemão, a burguesia russa e parte do proletariado liderada por Lênin." Bukharin, sócio de Trotsky, nesse movimento de oposição, sustentou uma resolução aprovada em um congresso especial do chamado grupo de Esquerda Comunista em Moscou e que estabelecia: "No interesse da revolução internacional consideramos conveniente consentir na ruína do poder soviético, que atualmente se tornou puramente formal." Em 1923, Bukharin revelou que por detrás dos bastidores, durante a crise de Brest-Litovsk, havia um plano em organização entre os oposicionistas para dividir o Partido Bolchevique, derribar Lênin e estabelecer um novo governo russo.

ram através das planícies da Ucrânia. No centro, a ofensiva se processou através da Polônia, em direção a Moscou. No norte, Narva caiu e Petrogrado foi ameaçada. Por toda parte, no correr da fronteira, os remanescentes do velho exército russo estalavam, esboroando-se.

A sombra de um completo desastre descia sobre a nova Rússia.

Precipitando-se das cidades, mobilizados às pressas por seus líderes bolcheviques, os trabalhadores armados e os guardas vermelhos formaram regimentos para barrar o avanço alemão. As primeiras unidades do novo Exército Vermelho entraram em ação. Em Pskov, no dia 23 de fevereiro, os alemães foram detidos (6.) Temporariamente, Petrogrado estava salva.

Uma segunda delegação de paz, desta vez sem Trotsky, seguiu às pressas para Brest-Litovsk. Como preço da paz, a Alemanha pedia agora o domínio da Ucrânia, Finlândia, Polônia, Cáucaso e enormes indenizações de ouro russo, trigo, óleo, carvão e minérios. Uma onda de indignação contra os "salteadores imperialistas alemães" atravessou a Rússia Soviética quando foram divulgados esses termos de paz. O alto comando alemão, declarou Lênin, esperava desmembrar a Rússia Soviética e esmagar o regime com essa "paz de salteadores."

Na opinião de Bruce Lockhart, a única coisa sensata para os aliados fazerem nessa situação seria apoiar a Rússia contra a Alemanha. O governo soviético não fazia tentativa alguma para disfarçar sua relutância em ratificar a paz de Brest-Litovsk. Segundo Lockhart, a pergunta que os bolcheviques faziam era esta: "O que esperam os aliados? Reconheceriam eles o governo soviético e viriam em seu auxílio, ou permitiriam que os alemães impusessem à Rússia a sua paz de salteadores?"

A princípio, Lockhart inclinou-se a acreditar que os interesses britânicos na Rússia ditavam um entendimento com Trotsky contra Lênin. Trotsky e seus companheiros estavam então atacando Lênin com o pretexto de que a sua política

(6) A data de 23 de fevereiro de 1918, quando os russos detiveram os alemães em Pskov, é comemorada como data natalícia do Exército Vermelho.

de paz conduziria a uma traição da Revolução. Trotsky estava se empenhando em constituir o que Lockhart chamou um bloco de "guerra santa" dentro do Partido Bolchevique, com intuito de obter a proteção aliada e derrubar Lênin do poder.

Lockhart, como relata no seu *Agente Britânico*, estabeleceu contacto pessoal com Trotsky logo que o comissário do Exterior regressara de Brest-Litovsk. Trotsky concedeu-lhe uma entrevista de duas horas no seu gabinete privado, no Smolny. Na mesma noite, Lockhart lançava em seu diário suas impressões pessoais sobre Trotsky: "Ele dá-me a impressão de um homem que gostaria de morrer lutando pela Rússia, contanto que houvesse uma assistência bem numerosa para vê-lo fazer isso."

O agente britânico e o comissário soviético do Exterior se tornaram logo íntimos. Lockhart dirigia-se a Trotsky familiarmente, chamando-o "Lev Davidóvitch", e sonhava, conforme confessou mais tarde, "realizar um grande golpe juntamente com Trotsky." Mas Lockhart chegou embora com relutância à conclusão de que Trotsky não tinha meios de substituir Lênin no poder. É do seu *Agente Britânico* o trecho seguinte:

"Trotsky era um grande organizador, um homem de imensa coragem física. Mas moralmente, era tão incapaz de enfrentar Lênin, como uma pulga um elefante. No Conselho dos Comissários não havia um homem que não pudesse considerar-se em pé de igualdade com Trotsky. Não havia um comissário que não olhasse Lênin como um semideus, cujas decisões deviam ser accitas sem discussão."

Se alguma coisa se pretendia na Rússia, só poderia ser feita através de Lênin. Essa conclusão era partilhada por Raymond Robins.

"Eu sempre tive pessoalmente uma dúvida acêrca de Trotsky — dúvida sobre o que êle fará, onde estará em determinado tempo e dadas circunstâncias, por causa do seu egotismo extremado e da sua arrogância" — dizia Robins.

Lockhart encontrara Robins logo depois de sua chegada a Petrogrado. Ficou imediatamente impressionado pela segurança do americano acêrca do problema russo. Robins não

simpatizava com os vários argumentos dos aliados contra o reconhecimento. Manifestava desprezo pela teoria absurda, sustentada por agentes czaristas, de que os bolcheviques queriam a vitória alemã. Com grande eloquência, descreveu a Lockhart as abomináveis condições da velha Rússia e o maravilhoso ressurgimento de milhões de oprimidos sob o governo bolchevique.

Para completar o quadro, levou Lockhart ao Smolny, para ver o novo regime em ação. Quando eles voltaram a Petrogrado, sob a neve macia que caía, Robins declarou com amargura que as embaixadas aliadas, com suas conspirações secretas contra o governo soviético, estavam apenas fazendo o jogo alemão na Rússia.

O governo soviético permaneceria no poder e quanto mais cedo os aliados reconhecessem o fato, melhor.

Robins acrescentou francamente que Lockhart ouviria outra história muito diferente de outros representantes aliados e agentes do serviço secreto na Rússia, e essas pessoas exibiriam toda sorte de documentos para sustentar as suas afirmativas. "Há na Rússia mais papéis forjados sobre um assunto qualquer do que em toda a história passada da humanidade", disse Robins. Havia documentos até mesmo para provar que ele era bolchevique e ao mesmo tempo, secretamente interessado em obter na Rússia concessões comerciais para Wall Street.

Os dois homens ficaram logo íntimos e quase inseparáveis amigos. Passaram a tomar juntos, pela manhã, a sua refeição, consultando-se reciprocamente quanto ao plano de ação para o dia. Sua preocupação comum era induzir os seus respectivos governos a reconhecerem a Rússia Soviética e impedir a vitória alemã na frente oriental (7).

(7) Lockhart e Robins acharam um aliado valioso no oficial francês, Capitão Jean Sadoul, antigo e conceituado advogado e deputado socialista em Paris. O Capitão Sadoul servia como elemento não oficial de ligação entre a França e o governo soviético. E chegava exatamente às mesmas conclusões que Robins e Lockhart. Sua crítica desabrida da atitude aliada com a Rússia provocara a feroz inimizade do embaixador francês Noulens, o qual espalhou que Sadoul, Robins e Lockhart se tinham tornado "bolcheviques." Noulens, um reacionário acerbo, que recebia todas as suas opiniões políticas das "200 famílias" francesas e dos banqueiros de Paris, odiava o regime soviético. Ele

2. Hora Zero

A situação que o governo soviético enfrentava no começo da primavera de 1918 era a seguinte: a Alemanha preparava a derrocada do governo soviético pela força, caso os russos se recusassem a ratificar a paz de Brest-Litovsk; a Grã-Bretanha e a França estavam apoiando secretamente forças contra-revolucionárias que estavam se concentrando em Arcângol, Murmansk e no Don; o Japão, com a aprovação dos aliados, planejava tomar Vladivostoque e invadir a Sibéria...

Numa entrevista com Lockhart, Lênin comunicou ao agente britânico que o governo soviético seria transferido para Moscou, com receio de um ataque germânico a Petrogrado. Os bolcheviques lutariam, se necessário, mesmo que deveriam retirar-se até o Volga ou aos Urais. Mas lutariam por seus próprios objetivos. Não pretendiam "ser a mão do gato para os aliados." Se os aliados compreendessem isso, disse Lênin a Lockhart, aí estava uma excelente oportunidade para cooperar. A Rússia Soviética necessitava desesperadamente de auxílio para resistir aos alemães.

"Ao mesmo tempo", disse Lênin cruamente, "eu estou persuadido de que o vosso governo nunca olhará as coisas sob esse prisma. É um governo reacionário. Ele cooperará com os reacionários russos."

Lockhart cabografou a substância dessa entrevista ao Ministério do Exterior britânico. Alguns dias depois ele recebeu uma mensagem cifrada de Londres. Depressa decifrou-a e leu. A mensagem exprimia o parecer de "um perito militar"

cassou o direito do Sadoul comunicar-se diretamente com o governo francês e chegou mesmo a interceptar suas mensagens e cartas pessoais.

A fim de impedir a influência de Robins sobre o embaixador americano David Francis, recorda Bruce Lockhart em seu *Agente Britânico* que o Embaixador Noulens iniciou uma campanha de intrigas contra Robins. Um de seus secretários, certa vez instigado por ele, perguntou na presença de Francis: "Quem é o embaixador americano na Rússia — Francis ou Robins?" Tais manobras obtiveram algum resultado. O Embaixador Francis começou a desconfiar de Robins e a temer que ele entivesse empenhado em tomar o seu lugar. Chegou mesmo a suspeitar que Robins informava os bolcheviques acerca de seus entendimentos secretos com Kaledin.

segundo o qual tudo o de que a Rússia estava precisando era de "um pequeno mas resoluto núcleo de oficiais britânicos para liderar os "russos leais" que desejassem pôr um termo rápido ao bolchevismo."

O Embaixador Francis, no dia 23 de fevereiro, escrevera numa carta ao seu filho:

"É minha intenção permanecer na Rússia pelo tempo que puder. Se se concluir a paz em separado, como eu creio que acontecerá, não haverá perigo algum de eu ser capturado pelos alemães. Semelhante paz em separado, todavia, será um golpe severo para os aliados, e se alguma região da Rússia se recusar a reconhecer a autoridade do governo bolchevique para concluir essa paz, eu procurarei me localizar nessa região e encorajar a rebelião."

Depois de escrever essa carta, o Embaixador Francis fôra ter com o embaixador francês Noulens e outros diplomatas aliados na pequena cidade de Vologda, localizada entre Moscou e Arcângel. Estava claro que os governos aliados já tinham decidido não cooperar de modo algum com o regime soviético.

Robins discutiu a crise com Trotsky que, tendo publicamente admitido o seu "êrro" em se opor a Lênin em Brest-Litovsk, estava agora procurando se reabilitar aos olhos de Lênin.

— Espera impedir que se ratifique o tratado de Brest? — perguntou Trotsky a Robins.

— É claro! — respondeu Robins. — Mas Lênin é a favor e, francamente, é ele quem decide.

— É engano — disse Trotsky. — Lênin entende que a ameaça do avanço alemão é tão grande que se ele puder obter cooperação e apoio dos aliados recusará a paz de Brest, retirando-se, se necessário, de Moscou e Petrogrado até Ecaterimburgo e restabelecendo a fronteira nos Urais, para lutar com o apoio aliado contra os alemães.

Por solicitação urgente de Robins, Lênin concordou em redigir uma nota formal ao governo dos E.U.A. Ele tinha pouca esperança de uma resposta favorável; mas quis tentar.

A nota foi oportunamente entregue a Robins para ser encaminhada ao governo dos E.U.A. Ela perguntava em parte:

“Caso (a) o Congresso dos Sovietes de tôdas as Rússias se recuse a ratificar o tratado de paz com a Alemanha ou (b), se o governo alemão, violando o tratado de paz, renovar a ofensiva com intuito de continuar o seu assalto predatório . . .

1. Pode o governo soviético contar com o apoio dos E.U.A. da América do Norte, Grã-Bretanha e França na sua luta contra a Alemanha?

2. Que espécie de apoio poderia ser fornecido — o mais brevemente possível e em que condições — equipamento militar, suprimento de transportes, víveres?

3. Que espécie de apoio poderia ser fornecido particularmente e especialmente pelos E.U.A.?”

O Congresso dos Sovietes de tôdas as Rússias devia reunir-se no dia 12 de março para discutir a ratificação dos tratados de paz de Brest-Litovsk.

A pedido de Robins, Lênin consentiu em adiá-lo para o dia 14, dando a Robins o Lockhart dois dias mais para persuadir os seus governos a agir.

A 5 de março de 1918, Lockhart despachou um último telegrama ao Ministério do Exterior britânico, pleiteando o reconhecimento do governo soviético: “Se os aliados algum dia tiveram uma oportunidade na Rússia depois da Revolução, foi agora com os termos exorbitantes de paz que os alemães impuseram aos russos . . . Se o governo de Sua Majestade não deseja ver a Alemanha soberana na Rússia, então se lhe imploraria para que não deixe passar esta oportunidade.”

Não veio resposta de Londres. A única coisa que houve foi uma carta da esposa de Lockhart, insistindo com êle para que se acautelasse e avisando-o de que se estava espalhando no Ministério do Exterior que êle se tornara “Vermeelho.”

No dia 14 de março o Congresso dos Sovietes de tôdas as Rússias se reuniu em Moscou. Durante dois dias e duas noites os delegados debateram a questão da ratificação do

tratado de Brest-Litovsk. O bloco de Trotsky manifestara-se em plena força, tentando fazer-se aparecer com o impopular tratado. Mas Trotsky, como acentuou Robins, "estava em Petrogrado de mau humor e recusou-se a comparecer."

Uma hora antes da meia-noite, na segunda noite do Congresso, Lénin acenou a Robins que estava sentado no degrau ao pé da tribuna.

— O que ouviu você do seu govêrno?

— Nada!

— O que ouviu Lockhart?

— Nada!

Lénin encolheu os ombros. — Agora vou eu à tribuna — disse a Robins. — Vou falar sobre o tratado. Será ratificado.

Lénin falou uma hora. Ele não amenizou a paz. Pintou-a como uma catástrofe para a Rússia. Com lógica paciente, apontou a necessidade para o govêrno soviético, isolado e ameaçado por todos os lados, de "conquistar um espaço para respirar."

O tratado de Brest-Litovsk estava ratificado. Um informe publicado pelo Congresso declarava o seguinte:

"Nas condições atuais o govêrno soviético da República russa, entregue às suas próprias forças, é incapaz de sustentar o avanço armado do imperialismo germânico e é compelido, para salvaguardar a Rússia revolucionária, a aceitar as condições apresentadas."

3. Fim da Missão

O Embaixador Francis telegrafou ao Departamento de Estado em 2 de maio de 1918: "Robins e provavelmente Lockhart favoreceram o reconhecimento do govêrno soviético, mas vós e os aliados sempre vos opusestes a êle, e eu me recusei pertinazmente a recomendá-lo. Não julgo que com isso tenha errado."

Poucas semanas depois Robins recebia um telegrama do Secretário de Estado Lansing: "Em qualquer circunstância considero desejável que regresseis para consulta."

Viajando através da Rússia na E. F. Transiberiana para tomar navio em Vladivostoque, Robins recebeu três mensagens do Departamento de Estado. Cada uma delas com a mesma instrução: Não fazer declarações de espécie alguma.

De volta a Washington, Robins submeteu ao Secretário Lansing um relatório condenando vigorosamente a idéia de intervenção de qualquer aliado contra a Rússia Soviética. Robins juntava ao seu relatório um programa detalhado sobre o desenvolvimento das relações comerciais russo-americanas. Lênin entregara pessoalmente a Robins êsse programa, pouco antes de sua partida do Moscou. Devia ser entregue ao Presidente Wilson.

O programa de Lênin nunca chegou às mãos de Wilson.

Robins procurou avistar-se pessoalmente com o presidente, mas em vão. Estava completamente bloqueado. Tentou encaminhar a sua mensagem aos jornais. A imprensa ou não tomava conhecimento ou desnaturava o que êle queria dizer.

Robins foi obrigado a se defender diante de uma comissão do Senado que investigava sobre "Bolchevismo" e "propaganda alemã."

"Como eu mantinha a minha palavra, não mentia nem difamava os revolucionários russos, não afirmava que eram agentes germânicos, ladrões e assassinos, criminosos sem remissão, então fui considerado bolchevique!" declarou Robins. "Mas eu era dono da melhor janela e possuía melhor visão do que qualquer outro representante aliado na Rússia e procurava manter sempre os pés no chão. Eu gostaria de dizer a verdade a respeito dos homens e dos movimentos, sem paixão e sem ressentimento, mesmo que eu estivesse em desacôrdo com êles... Desejo cordialmente que o povo russo tenha o govêrno de sua escolha quer me agrade, quer esteja de acôrdo com os meus princípios, quer não... Eu penso que reconhecer o que atualmente se passa na Rússia é de máxima importância, para nós e para o nosso país, a fim de que possamos nos entender com a Rússia, honesta e corretamente e não movidos por paixão ou por alguma determinação falsa para... Eu não desejaria nunca impor idéias a baionetas... A única solução para o desejo de uma vida humana melhor, é uma vida humana melhor."

Mas a voz de Robins foi afogada na maré montante das informações falsas e do preconceito.

Pelo verão de 1918, embora os E.U.A. estivessem em guerra com a Alemanha e não com a Rússia, o *New York Times* descrevia os bolcheviques como “nossos inimigos mais malignos” e como “feras vorazes de rapina.” Os líderes soviéticos eram habitualmente denunciados na imprensa americana como “agentes pagos” dos alemães. “Carniceiros”, “assassinos e malucos”, “criminosos intoxicados de sangue” e “escória humana” eram alguns dos termos característicos com os quais os jornais americanos se referiam a Lênin e aos seus companheiros. No Congresso, eles eram chamados de “animais danados.”

O Embaixador Francis permaneceu na Rússia até julho de 1918. Periódicamente, publicava proclamações e apelos ao povo russo para que derrubasse o governo soviético. Pouco antes de embarcar para os E.U.A. recebeu de Tchitcherin, o novo Comissário Soviético dos Negócios Exteriores, um telegrama de agradecimento extensivo ao amigo povo americano. Francis relatou mais tarde o que fez com a mensagem de Tchitcherin. “Esse telegrama era evidentemente destinado ao consumo dos pacifistas americanos”, escreveu o ex-embaixador no seu livro *A Rússia vista da embaixada americana*, “e temendo que ele pudesse ser comunicado ao povo americano pelo Departamento de Estado, eu deixei de transmiti-lo.”

Bruce Lockhart permaneceu na Rússia. “Eu devia ter resignado e voltado para casa”, disse mais tarde. Entretanto, permaneceu no seu posto como agente britânico.

“Sem que o tivesse compreendido”, confessou Lockhart no *Agente Britânico*, eu me tinha identificado com um movimento que, fôsse qual fôsse o seu objetivo original, se dirigia não contra a Alemanha, mas contra o governo de fato da Rússia.”

CAPÍTULO III

ESPIÃO MESTRE

1. Entra M. Massino

A revolucionária Petrogrado, cercada de fora por inimigos externos e ameaçada interiormente por conspirações contra-revolucionárias, era uma terrível cidade em 1918. Pouca comida, nenhum aquecimento, nenhum transporte. Homens e mulheres esfarrapados tiritavam nas intermináveis filas de pão, nas ruas frias e sujas. As longas noites cinzentas eram pontuadas com os estampidos dos canhões. Bandos de *gangsters*, desafiando o regime soviético, alvorçavam a cidade, depredando e aterrorizando a população (8.)

Destacamentos de operários armados iam de edifício a edifício, dando batidas nos estoques de víveres escondidos pelos especuladores, cercando salteadores e terroristas.

O governo soviético ainda não estabelecera o controle completo. Remanescentes do luxo czarista contrastavam bertrandamente com a miséria da massa. Os jornais anti-soviéticos continuavam a aparecer, predizendo a imediata derrocada do regime. Os restaurantes e hotéis caros ainda se conservavam abertos, fazendo fornecimento a multidões de homens trajados à moda. À noite os cabarés regurgitavam. Bebia-se e dançava-se, e às mesas cheias, oficiais czaristas, dançarinas de *ballet*, especuladores famosos do mercado negro

(8) Por meio de investigação pessoal, Robins e Bruce Lockhart concluíram conjuntamente que muitos desses chefes de *gangsters* anti-soviéticos, alguns dos quais se apelidavam a si mesmos de anarquistas, eram então financiados pelo serviço de informações militar alemão, a fim de provocar desordens e motins como pretexto para a intervenção alemã na Rússia.

e suas mulheres segredavam boatos excitantes: *Os alemães estão marchando sobre Moscou! Trotsky prendeu Lênin! Lênin enlouqueceu!* Esperanças e mentiras ferozes derramavam-se com a naturalidade de uma vodca. A intriga campeava...

Um tal M. Massino surgira em Petrogrado nessa primavera. Apresentava-se como negociante turco. Era um homem pálido de face alongada, feição sombria, nos seus 40 anos, com uma testa alta e chanfrada, olhos escuros e inquietos e lábios sensuais. Andava em atitude erecta, quase militar, e num passo rápido, curiosamente silencioso. Parecia rico. As mulheres achavam-no atraente. No meio da atmosfera difícil da capital temporária dos Soviotes, M. Massino empreendeu suas atividades com prumo peculiar.

As noites, M. Massino era o freguês constante do pequeno e enfumaçado Café Balkov, o antro favorito dos elementos anti-soviéticos em Petrogrado. O proprietário, Sérgio Balkov, tratava-o com deferência. Num quarto privado ao fundo do café, M. Massino entrevistava homens e mulheres misteriosos que lhe falavam baixinho. Alguns se dirigiam a ele em russo, outros em francês ou inglês. M. Massino falava fluentemente várias línguas.

O jovem governo soviético lutava para pôr ordem no caos. Suas tarefas colossais de organização tornavam-se ainda mais complicadas devido à ameaça onipresente e mortal da contra-revolução. "A burguesia, os latifundiários e todas as classes ricas estão fazendo esforços desesperados para minar a revolução", escrevia Lênin. Por decisão sua fundou-se uma organização soviética especial do contra-sabotagem e contra-espionagem, para tratar com os inimigos domésticos e estrangeiros. Chamou-se a Comissão Extraordinária de Combate à Contra-Revolução e Sabotagem. Suas iniciais russas formam o nome Tcheka... (9.)

No verão de 1918, quando o governo soviético, temendo o ataque germânico, se locomoveu para Moscou, M. Massino o seguiu. Mas em Moscou a aparência do suave e rico mercador levantino mudou estranhamente. Ele passou a usar

(9) Em 1922 a Tcheka foi abolida e substituída pela OGPU iniciais do título russo que significava Administração Política do Estado Unido. Em 1934 a OGPU foi substituída pelo NKVD, ou Departamento de Segurança Pública, sob o Commissariado dos Negócios Internos.

uma jaqueta de couro e o boné de operário. Foi ao Kremlin. Detido nos portões por um dos jovens guardas comunistas letões, que formavam o corpo de guarda do governo soviético, o outrora M. Massino exibiu um documento soviético oficial. Este o identificava como Sidney Georgevitch Relinsky, agente do Departamento Criminal da Tcheka em Petrogrado.

"Passe, camarada Relinsky!" disse o guarda letão.

Do outro lado de Moscou, no luxuoso apartamento da popular dançarina do *ballet* Dagmara K., M. Massino, aliás camarada Relinsky da Tcheka, ora conhecido como M. Constantine, agente do serviço secreto britânico.

Na embaixada britânica, Bruce Lockhart conheceu sua verdadeira identidade: Sidney Reilly, o homem misterioso do serviço secreto britânico e conhecido como... espião mestre da Grã-Bretanha."

2. Sidney Reilly

De todos os aventureiros que emergiram do mundo político subterrâneo da Rússia czarista durante a I Guerra Mundial para liderar a grande cruzada contra o bolchevismo, nenhuma figura mais colorida e extraordinária do que a do Capitão Sidney Reilly, do serviço secreto britânico. "Um homem fundido em molde napoleônico!" exclamava Bruce Lockhart, a quem Reilly estava para envolver em uma das mais perigosas e fantásticas façanhas da história europeia.

Até a maneira pela qual Reilly chegou ao serviço secreto britânico continua sendo um dos muitos mistérios que cercam esse misterioso e poderoso aparato de espionagem. Sidney Reilly nascera na Rússia czarista. Filho de um capitão de mar irlandês e de mulher russa, ele cresceu no porto de Odessa, no Mar Negro. Anteriormente à I Guerra Mundial foi empregado da grande firma czarista de armamentos navais de Mandrochovitch e do Conde Tchubersky em S. Petersburgo. Já nessa ocasião o seu trabalho era de caráter altamente confidencial. Ele serviu de ligação entre a firma russa e certos interesses financeiros e industriais alemães, inclusive os famosos estaleiros de Bluhm e Voss em Hambur-

go. Nas vésperas da I Guerra Mundial, o Almirantado em Londres começou a receber valiosas informações concernentes a programa alemão de construções de submarinos e navios. A fonte de tais informações era Sidney Reilly.

Em 1914, Sidney apareceu no Japão como "representante confidencial" do Banco Russo-Asiático. Do Japão viajou para os E.U.A. onde conferenciou com banqueiros e fabricantes americanos do armamentos. Sempre nas fileiras do serviço secreto britânico, Sidney Reilly figurava nas suas listas com o nome cifrado, *I Esti*, e era conhecido como agente secreto de grande audácia e recursos.

Poliglota fluente, dominando sete línguas, Reilly foi logo convocado dos E.U.A. para importante trabalho na Europa. Disfarçado em oficial naval alemão, penetrou no Almirantado alemão. Conseguiu e encaminhou para Londres uma cópia do Código do Serviço Naval de Informações alemão. Foi êsse provavelmente o maior golpe do serviço secreto da I Guerra Mundial.

Em 1918 o Capitão Reilly foi transferido para a Rússia como diretor do Serviço Britânico de Informações em atividades nesse país. Seus numerosos amigos pessoais, amplas relações comerciais e íntimo conhecimento dos círculos internos da contra-revolução russa, faziam dêle o homem ideal para essa tarefa. Mas a transferência para a Rússia tinha também para Reilly uma profunda significação pessoal. Consumia-o um ódio implacável aos bolcheviques e, daí, contra toda a revolução russa. Ele manifestou francamente os seus propósitos contra-revolucionários: "Os alemães são seres humanos. Podemos mesmo ser batidos por eles. Mas aqui em Moscou está atingindo a maturidade o arqu inimigo da raça humana. Se a civilização não tomar a iniciativa e não esmagar o monstro enquanto é tempo, o monstro esmagará finalmente a civilização!"

No seu relatório ao quartel-general do serviço secreto britânico em Londres, Reilly repetidamente advogou uma paz imediata com a Alemanha e uma aliança com o Kaiser contra a ameaça bolchevique.

"A qualquer preço", declarava êle, "esta imunda obscenidade nascida na Rússia deve ser esmagada e eliminada. Paz com a Alemanha: Sim, paz com todo o mundo! Só há

um inimigo! A humanidade deve se unir em uma santa aliança contra tamanha ameaça.”

Chegando à Rússia, Reilly entregou-se imediatamente à conspiração anti-soviética. Era seu propósito confessado derribar o governo soviético (10.)

3. Dinheiro e crime

O partido antibolchevique numericamente mais forte na Rússia em 1918 era o Partido Social-Revolucionário, que defendia uma forma de socialismo agrário. Liderado por Boris Savinkov, ex-ministro da Guerra de Kerensky que tomara parte no *Putsch* abortivo de Kornilov, os militantes social-revolucionários tornaram-se o pivô do sentimento antibolchevique. Seus métodos extremistas e sua propaganda conseguiram considerável apoio de elementos anarquistas alimentados na Rússia por gerações da opressão czarista. Os social-revolucionários praticaram por muito tempo o terrorismo como arma contra o Czar. Agora se preparavam eles para volver a mesma arma contra os bolcheviques.

Os social-revolucionários recebiam auxílio financeiro do Serviço Francês de Informações. Com fundos pessoalmente entregues pelo embaixador francês Noulens, Boris Savinkov restabelecera o antigo centro terrorista social-revolucionário em Moscou, sob o título de Liga para a Regeneração da Rússia. Seu plano era o assassinio de Lênin e de outros líderes soviéticos. Por recomendação de Sidney Reilly o serviço secreto britânico começou também a suprir Savinkov com dinheiro para armar e treinar os terroristas.

(10) Neste capítulo e em outros da *Grande Conspiração*, os autores se utilizam da história pitoresca do Capitão Sidney Reilly como de um símbolo das atividades de coalizão anti-soviética ocidental encabeçada nesse período pelo *torismo* inglês e pela reação francesa. Conquanto as opiniões e atos atribuídos a Reilly sejam pessoais e seus, é perfeitamente claro que Reilly não estava em condições de determinar uma política por sua própria conta, mas foi nesse tempo e posteriormente o instrumento mais audaz e resolutivo da conspiração anti-soviética diretamente dirigida do estrangeiro contra a Rússia.

Mas Reilly, um ardente czarista, não confiava nos social-revolucionários para formar um novo governo russo destinado a substituir o regime soviético. Salvo Savinkov, que ele considerava completamente digno de confiança, Reilly presentia que os esquerdistas social-revolucionários representavam uma perigosa força esquerdista. Alguns deles eram conhecidos pelas ligações com os oposicionistas bolcheviques que seguiam Trotsky. Reilly estava preparado para se utilizar dessa gente para os seus propósitos, mas determinara-se a expurgar a Rússia do radicalismo. Ele desejava uma ditadura militar como primeiro passo para a restauração do czarismo. De acordo com isso, enquanto continuava a financiar e encorajar os terroristas social-revolucionários e outros grupos anti-soviéticos radicais, o espião britânico estava ao mesmo tempo construindo sua própria organização conspirativa. O próprio Reilly revelou mais tarde nas suas memórias como ela funcionava:

“Era essencial que a minha organização russa não soubesse coisas demais e que nenhuma parte dela estivesse em condições de trair a outra. O plano era ordenado conseqüentemente no sistema dos “Cinco”, e cada participante conhecia unicamente outras quatro pessoas. Eu mesmo, que estava no topo da pirâmide conhecia-os a todos, não pessoalmente, mas apenas pelo nome e endereço, e estes nomes e endereços me foram muito úteis posteriormente. Assim no caso de uma traição, nem todos seriam descobertos e a descoberta seria focalizada...”

Em ligação com a União dos Oficiais Czaristas, com os remanescentes da velha polícia secreta, a sinistra Ochrana com os terroristas de Savinkov e com semelhantes elementos contra-revolucionários, a organização de Reilly logo se estendeu através de Moscou e Petrogrado. Numerosos antigos amigos de Reilly e saudosistas dos dias do Czar uniram-se a ele e demonstraram grande valor. Entre esses amigos incluía-se o Conde Tchubersky, o magnata de armamentos navais que já empregara Reilly como elemento de ligação com os estaleiros germânicos; o general czarista Yudenitch; o proprietário de um café em Petrogrado, Sérgio Balkov, a dan-

çarina de *ballet* Dagmara, em cujo apartamento Reilly instalara o seu quartel-general em Moscou; Grammatikov, um rico advogado e antigo agente secreto da Ochrana, que vinha a ser agora o mais importante elemento de contacto de Reilly com o Partido Social-Revolucionário; e Veneslav Orlovsky, outro ex-agente da Ochrana, que conseguira chegar a oficial da Tcheka em Petrogrado e do qual Reilly obtivera o passaporte forjado com o nome de Sidney Georgevitch Relinsky, que o habilitara a andar livremente por onde quisesse na Rússia Soviética.

Esses e outros agentes que chegaram até mesmo a penetrar no Kremlin e no estado-maior do Exército Vermelho, punham Reilly inteiramente informado de toda medida do governo soviético. O espião britânico podia gabar-se de ordens expedidas pelo Exército Vermelho "serem lidas em Londres antes mesmo de terem sido abertas em Moscou."

Grandes somas de dinheiro para financiar as operações de Reilly, montando a vários milhões de rublos estavam escondidas em Moscou, no apartamento da bailarina Dagmara. Para levantar esses fundos, Reilly contava com os recursos da embaixada britânica. O dinheiro era coletado por Bruce Lockhart e enviado a Reilly pelo Capitão Hicks do serviço secreto britânico. Lockhart, a quem Reilly envolvera nesse negócio, posteriormente revelou no seu *Agente Britânico*, como o dinheiro tinha sido obtido:

"Havia numerosos russos com estoques, de rublos escondidos. Eles ficavam satisfeitos de entregá-los em troca de uma letra promissória sobre Londres. Para afastar toda suspeita, recolhíamos os rublos através de uma firma inglesa em Moscou. Esta entrava em entendimento com os russos, fixava o valor da operação e dava-lhes a promissória. Em cada transação nós fornecíamos à firma uma garantia oficial do montante em Londres. Os rublos eram levados ao Consulado Geral Americano e entregues a Hicks, que os encaminhava aos fins já determinados."

Finalmente sem omitir pormenor algum, o espião britânico chegou mesmo a traçar um plano minucioso para o governo que devesse assumir logo que caísse o poder soviético.

Os amigos pessoais de Reilly tinham de desempenhar papéis importantes no novo regime:

“Tudo fôra previsto para um govêrno provisório. Meu grande amigo e aliado Grammatikov deveria ser ministro do Interior, tendo sob a sua direção todos os assuntos de polícia e finanças. Tchubersky, velho amigo e sócio de negócios, que se tornara chefe de uma das maiores casas de comércio da Rússia, deveria ser o ministro das Comunicações. Yudenitch, Tchubersky e Grammatikov constituiriam um govêrno provisório para suprimir a anarquia que inevitavelmente seguiria a essa revolta.”

Os primeiros golpes da campanha anti-soviética foram vibrados pelos terroristas de Savinkov.

Em 21 de junho de 1918, quando se realizava um comício de trabalhadores na fábrica de Obuschov em Petrogrado, o Comissário Soviético de Propaganda foi assassinado pelos terroristas social-revolucionários. Seguiu-se, dentro de duas semanas, o assassinio do embaixador alemão Mirbach em Moscou, no dia 6 de julho. O intuito dos social-revolucionários era disseminar o terror nas fileiras bolcheviques e simultaneamente precipitar o ataque alemão que eles acreditavam deveria significar a ruína do bolchevismo (11.)

No dia em que foi assassinado o embaixador alemão, o V Congresso Pan-Russo dos Sovietes estava em sessão na Ópera de Moscou. Os observadores aliados estavam sentados nos camarotes dourados ouvindo os discursos dos delegados. Havia um ar pesado em tôrno dos trabalhos. Bruce Lockhart, sentado num camarote com outros numerosos agentes e diplomatas aliados, reconheceu logo que algo de extraordinário ocorrera, quando Sidney Reilly entrou. O espião

(11) O assassinio de Mirbach foi obra de um terrorista social-revolucionário chamado Blumkin. Ele conseguiu entrar na embaixada alemã apresentando-se como oficial da Tcheka que vinha para advertir Mirbach acerca de uma conspiração contra a sua vida. O embaixador alemão perguntou a Blumkin como os assassinos planejavam matá-lo. “Assim!” exclamou Blumkin. E sacando de uma pistola atirou. Blumkin escapou saltando pela janela e tomou um carro que estava à sua espera. Tempos depois o assassino Blumkin tornara-se o guarda-costas pessoal de Trotsky.

britânico olhava pálido e agitado. Em cochichos precipitados êle contou a Lockhart o que acabara de acontecer. O tiro que matara Mirbach era apenas uma senha do levante geral social-revolucionário, sustentado por elementos bolcheviques dissidentes, em todo o país. Os artilheiros social-revolucionários deveriam ter-se encaminhado para a Ópera e aprisionado os delegados soviéticos. Mas algo saíra errado. A Ópera estava agora cercada por soldados do Exército Vermelho. Houve tiroteio nas ruas, mas era claro que o governo soviético dominava a situação.

Enquanto Reilly falava, examinava os bolsos procurando algum documento comprometedor. Achou um, rasgou-o em pedaços e engoliu-os. Um agente secreto francês, sentado atrás de Lockhart, fez o mesmo.

Poucas horas depois, um locutor levantou-se no palco da Ópera e anunciou que um *Putsch* anti-soviético destinado a depor o governo pelas armas fôra rapidamente sufocado pelo Exército Vermelho e pela Tcheka. Não houvera apoio público aos *putschistas*. Grupos de terroristas social-revolucionários, armados de bombas, fuzis e metralhadoras, tinham sido envolvidos e aprisionados. Muitos dêlos foram mortos. Seus líderes ou tinham morrido, ou tinham-se escondido ou fugido.

Os representantes aliados na Ópera foram notificados de que poderiam voltar seguramente para as suas respectivas embaixadas. As ruas estavam livres.

Chegaram notícias posteriores de que uma intontona em Iaroslav, emprazada para coincidir com o *Putsch* de Moscou, fôra também sufocada pelo Exército Vermelho. O líder social-revolucionário, Boris Savinkov, que capitancara pessoalmente o levante de Iaroslav, escapara por pouco de ser capturado pelas tropas soviéticas.

Reilly estava aborrecido e desapontado. Os social-revolucionários tinham agido com a sua característica impaciência e estupidez! Todavia, declarou êle, a idéia de desencadear um golpe no momento em que se reunia a maior parte dos líderes soviéticos num só lugar, para um congresso ou uma convenção, era muito acertada. A perspectiva de apanhar todos os chefes bolcheviques em um bote só era coisa para espicaçar a imaginação napoleônica de Reilly...

E êle começou a planejar sèriamente a sua realização.

4. A conspiração letônica

Durante o agudo mês de agosto de 1918, os planos secretos de intervenção aliada na Rússia se revelaram. No dia 2 de agosto tropas britânicas desembarcaram em Arcângel com o intuito declarado de impedir que "os suprimentos de guerra caíssem em mãos dos alemães." No dia 4 de agosto os britânicos tomaram o centro petrolífero de Baku no Cáucaso. Dias depois, contingentes britânicos e franceses acampavam em Vladivostoque. Seguiram-se-lhes no dia 12 de agosto uma divisão japonesa e, nos dias 15 e 16, dois regimentos americanos recentemente transferidos das Filipinas.

Largas zonas da Sibéria já estavam nas mãos de forças anti-soviéticas. Na Ucrânia, o general czarista Krasnov apoiado pelos alemães, estava desencadeando uma sangrenta campanha anti-soviética. Em Kiev, o títere germânico Hetman Skoropadsky iniciara massacres totais de judeus e comunistas.

Do norte, sul, leste e oeste, os inimigos da nova Rússia se preparavam para convergir sobre Moscou.

Os poucos representantes aliados em Moscou começaram a se preparar para sair. Não informaram o governo de que o estavam fazendo. Como Bruce Lockhart escreveu mais tarde no *Agente Britânico*: "Era uma situação extraordinária. Não havia declaração de guerra, embora se lutasse numa fronteira que se estendia do Dvina até ao Cáucaso." E Lockhart acrescentava: "Eu tive diversas entrevistas com Reilly, que decidira permanecer em Moscou após nossa partida."

No dia 15 de agosto, dia em que os americanos acamparam em Vladivostoque, Bruce Lockhart recebeu uma visita importante. A cena foi descrita depois por Lockhart em suas memórias. Estava êle merendando em seu apartamento, perto da embaixada britânica, quando a campanha tocou e o criado anunciou que "dois cavalheiros letões" desejavam vê-lo. Um era um jovem baixo de face pálida chamado Smidren. O outro, um homem agigantado, poderosamente estruturado, feições claras, olhos firmes e rudes, que se apresentou como "coronel" Berzin, comandante da guarda letônica do Kremlin.

Os visitantes trouxeram a Lockhart uma carta do Capitão Cromie, adido naval britânico em Petrogrado, que era extre-

mamente ativo na conspiração anti-soviética. "Sempre alerta contra agentes provocadores", recorda Lockhart, "eu examinei cuidadosamente a carta. Era indubitavelmente de Cromie." Lockhart perguntou aos visitantes o que desejavam.

O Coronel Berzin, que se apresentara como comandante da guarda do Kiemlin, informou Lockhart de que embora tivessem os letões apoiado a Revolução Bolchevique, eles não tentavam combater as forças britânicas comandadas pelo General Poole, que tinham acampado recentemente em Arcângel. Eles estavam dispostos a negociar com o agente britânico.

Antes de dar uma resposta, Lockhart conversou sobre o caso com o cônsul geral francês, M. Grenard, que como Lockhart recorda, o aconselhou a negociar com o Coronel Berzin, mas "evitando comprometer de qualquer modo a nossa própria posição." No dia imediato, Lockhart viu novamente o Coronel Berzin e deu-lhe um documento dizendo: "Queira atender o portador, que tem uma comunicação importante a fazer ao General Poole, através das linhas inglesas." E foi então que Lockhart pôs o Coronel Berzin em ligação com Sidney Reilly...

"Dois dias depois", recorda Lockhart, "Reilly informou que as negociações prosseguiam satisfatoriamente e que os letões não tinham intenção de se deixarem apanhar no colapso dos bolcheviques. Ele adiantou que após a nossa partida seria capaz de iniciar, com o auxílio dos letões, uma contra-revolução em Moscou."

Pelo fim de agosto de 1918, um pequeno grupo de representantes aliados se reuniu para uma conferência confidencial num quarto do Consulado Geral Americano em Moscou. Escolheram o Consulado Geral Americano porque todos os demais centros estrangeiros estavam sob vigilância soviética. A despeito de os americanos estarem acampados na Sibéria, o governo soviético ainda mantinha uma atitude amistosa com os E.U.A. Em Moscou foram espalhados cartazes que apresentavam os 14 Pontos de Woodrow Wilson. Um editorial do *Izvestia* afirmava que "unicamente os americanos sabiam tratar os bolcheviques com decência." O legado da missão de Robins ainda não fôra totalmente perdido.

A reunião no Consulado Geral Americano foi presidida

pelo cônsul francês Grenard. Os britânicos foram representados por Reilly e pelo Capitão George Hill, um oficial do serviço britânico de informações, que fôra delegado para trabalhar com Reilly. Os outros numerosos agentes diplomáticos e do serviço secreto estavam presentes, inclusive o jornalista francês René Marchand, correspondente do *Figaro* de Paris em Moscou.

Sidney Reilly convocara a reunião, conforme relato de suas próprias memórias para informar acêrca do progresso de suas maquinações anti-soviéticas. Ele informou os representantes aliados de que "comprara o Coronel Berzin, comandante da guarda do Kremlin." O preço do coronel fôra de "dois milhões de rublos", Sidney Reilly tivera de adiantar a importância de 500.000 rublos em moeda russa. O restante da importância seria pago em libras inglesas, quando o Coronel Berzin prestasse determinados serviços para as linhas britânicas em Arcângel.

"A nossa organização está agora imensamente forte", declarou Reilly. "Os letões estão ao nosso lado e o povo estará também quando fôr desferido o primeiro golpe."

Então Reilly anunciou que no dia 28 de agosto se realizaria no grande Teatro de Moscou uma assembléia especial do Comitê Central Bolchevique. Ele apanharia juntos no mesmo recinto todos os líderes decisivos do Estado soviético. O plano de Reilly era audaz, porém simples...

No curso de sua tarefa habitual, a guarda lotônica estacionaria em tôdas as entradas e saídas do teatro, durante a assembléia bolchevique. O Coronel Berzin escolheria para o caso, homens "absolutamente fiéis e amigos de nossa causa." A um sinal dado, os guardas de Berzin fechariam as portas e deteriam tôda a gente no teatro com os seus fuzis. Então um "destacamento especial" constituído do próprio Reilly e seu "círculo mais íntimo de conspiradores" saltariam à cena e aprisionariam o Comitê Central do Partido Bolchevique!

Lénin e outros líderes seriam fuzilados. Antes de sua execução, todavia, seriam publicamente levados pelas ruas de Moscou, "para que todos soubessem que os tiranos da Rússia tinham sido depostos."

Com a eliminação de Lénin e seus companheiros o regime soviético ruiria como um castelo de cartas. Havia "60.000 oficiais" em Moscou, disse Reilly, "prontos para se mobilizarem

imediatamente, ao primeiro sinal", e dispostos a formar um exército para lutar dentro da cidade enquanto as forças aliadas atacassem de fora. O homem que chefiaria êsse exército secreto anti-soviético seria o "conhecido oficial czarista, General Yudenitch." Outro exército se formaria no norte da Rússia sob o comando do "general" Savinkov "e os remanescentes bolcheviques seriam esmagados num abrir e fechar de olhos."

Era êsse o plano de Reilly. Ele tinha o apoio de ambos os serviços de informações britânico e francês. Os britânicos estavam em estreito contacto com o General Yudenitch e preparados para supri-lo de armas e equipamentos. Os franceses apoiavam Savinkov.

Os representantes aliados reunidos no Consulado Geral Americano foram informados do que poderiam fazer para auxiliar a conspiração, quer por meio de espionagem, propaganda, quer providenciando a destruição de pontos ferroviários vitais em torno de Moscou e Petrogrado, com o fito de isolar o governo soviético de qualquer auxílio que o Exército Vermelho tentasse trazer-lhe de outros recantos do país...

Ao aproximar-se o dia do golpe armado, Reilly conferenciava regularmente com o Coronel Berzin, ultimando cuidadosamente os pormenores do *complot* e preparando-se para qualquer emergência. Ultimavam os seus planos quando souberam que a assembléia do Comitê Central Bolchevique fôra adiada de 28 de agosto para 6 de setembro. "Não importa", disse Reilly a Berzin. "Isso dá-me mais tempo para os meus preparativos finais." Reilly decidira ir a Petrogrado para dar um retoque aos seus trabalhos nessa cidade.

Poucas noites depois, viajando de trem com o passaporte forjado que o identificava como Sidney Georgevitch Relinsky, agente da Tcheka, Reilly deixou Moscou seguindo para Petrogrado.

5. Sai Sidney Reilly

Em Petrogrado, Reilly foi direito à embaixada britânica, para informar o Capitão Cromie, adido naval britânico. Reilly expôs a situação em Moscou, e desenvolveu o plano da insurreição. "Moscou está em nossas mãos", disse êle. Cromie

ficou deslumbrado. Reilly prometeu escrever um relatório completo para despachar secretamente para Londres.

Na manhã seguinte Reilly começou a se pôr em ligação com os líderes de seu movimento em Petrogrado. Ao meio-dia êle telefonou ao antigo agente da Ochrana, Grammatikov.

A voz de Grammatikov soou roucamente e de maneira desusada. — Quem é? — perguntou.

— Sou eu, Relinsky — respondeu Reilly.

— Quem? — insistiu Grammatikov.

Reilly repetiu o seu pseudônimo.

— Tenho alguém comigo que me trouxe más notícias — disse Grammatikov ex-abrupto. — Os médicos operaram cedo demais. A condição do paciente é grave. Venha imediatamente se você deseja me ver.

Reilly correu para a casa de Grammatikov. Encontrou-o esvaziando febrilmente suas gavetas e queimando papéis na lareira.

— Os loucos se insurgiram cedo demais! — exclamou Grammatikov, logo que Reilly entrou no seu quarto. Uritsky está morto, foi assassinado no seu escritório esta manhã às 11 horas!

Enquanto falava, Grammatikov ia rasgando papéis. — É um risco enorme permanecermos aqui. Eu estou sob suspeição, é claro. Se alguma coisa se descobrir, antes de mais ninguém, nós dois estaremos envolvidos.

Chamando o Capitão Cromie à embaixada britânica, Reilly soube que êle já era conhecedor do assassinio. Uritsky, chefe da Tcheka de Petrogrado, fôra baleado por um terrorista social-revolucionário. Tudo, porém, estava em ordem nas fileiras de Cromie. Cuidadosamente, Reilly sugeriu que se reunissem no seu *rendez-vous* habitual. Cromie entendeu. O *rendez-vous* habitual era o Café Balkow.

Reilly aproveitou o tempo de espera para destruir vários documentos comprometedores e desnecessários, e para esconder cuidadosamente seus códigos e outros papéis...

Cromie não apareceu no Café. Reilly decidiu-se a arriscar uma visita à embaixada britânica. Ao sair, cochichou uma advertência a Balkov. "Alguma coisa anda mal. Esteja preparado para deixar Petrogrado e escapular pela fronteira para a Finlândia..."

Na perspectiva Vlademirovsky, Reilly viu homens e mu-

lheres correndo. Escondiam-se nos portões e nas esquinas. Ouvia-se o rugido de poderosos motores. Passou a tóda pressa um carro repleto de soldados do Exército Vermelho, depois outro, mais outro.

Reilly apressou o passo. Estava quase correndo quando dobrou a esquina para a rua em que estava a embaixada britânica. Parou subitamente. Em frente à embaixada jaziam diversos cadáveres. Eram oficiais mortos da polícia soviética. Havia quatro carros diante da embaixada e através da rua um duplo cordão de homens do Exército Vermelho. A porta da embaixada fôra arrancada do lugar.

— Então, camarada Relinsky, veio ver nosso carnaval? — Reilly girou a cabeça e viu um jovem soldado sorridente do Exército Vermelho, que êle encontrara por várias vêzes sob seu disfarce de camarada Relinsky da Tcheka. — Dize-me, camarada, o que aconteceu? — perguntou Reilly todo aflito.

— A Tcheka andava à procura de um tal Sidney Reilly — replicou o soldado.

Reilly veio a saber depois o que acontecera. Perseguido o assassino de Uritsky, as autoridades soviéticas em Petrogrado mandaram agentes da Tcheka fechar a embaixada britânica. Em cima, o pessoal da embaixada, sob a direção do Capitão Cromie, estavam queimando papéis comprometedores. Cromie desceu e fechou a porta na cara da polícia secreta soviética. Estes puseram a porta abaixo, e os agentes britânicos, desesperado interceptaram-nos na escada armados com uma *Browning* automática em cada mão. Cromie atirou e matou um comissário e vários outros oficiais. Os agentes da Tcheka responderam ao fogo. O Capitão Cromie caíra, baleado na cabeça...

Reilly passou o resto dessa noite em casa do terrorista social-revolucionário Sérgio Dornosky. De manhã êle mandou Dornosky sair em reconhecimentos e saber dos acontecimentos. Dornosky voltou com um exemplar do jornal comunista oficial, *Pravda*. "As ruas serão lavadas em sangue", disse êle. "Alguém atirou em Lênin em Moscou. Errou o alvo, infelizmente!" Passou o jornal a Reilly. Um cabeçalho destacava o atentado contra a vida de Lênin.

Na tarde anterior, quando Lênin deixava a fábrica de Michelson, onde falara num comício, uma terrorista social-revolucionária de nome Fanya Kaplan alvejara o líder sovié-

tico com dois tiros à queima-roupa. As balas tinham sido entalhadas e envenenadas. Uma penetrou no pulmão de Lénin abaixo do coração. Outra entrou-lhe no pescoço, próximo à carótida. Lénin não morrera, mas dizia-se que a sua vida estava pendendo por um fio.

A arma de que se servira Fanya Kaplan contra Lénin fôra-lhe dada por um cúmplice de Reilly, Boris Savinkov. Posteriormente, Savinkov revelou êsse fato em suas *Memórias de um terrorista*.

Com uma pequena pistola automática e pronto para qualquer eventualidade, Reilly partiu imediatamente de trem para Moscou. A caminho, no dia seguinte, comprou um jornal no entroncamento de Klin. As notícias eram as piores possíveis. Havia uma descrição pormenorizada de toda a conspiração de Reilly, inclusive do plano de assassinio de Lénin e dos demais líderes soviéticos, para tomar Moscou e Petrogrado e para impor uma ditadura militar chofiada por Savinkov e Yudenitch.

Reilly ia lendo num abatimento crescente. René Marchand, o jornalista francês que estivera presente à reunião no Consulado Geral Americano informara os bolcheviques de tudo quanto fôra concluído lá.

Mas o golpe final ainda estava por vir.

O Coronel Berzin, comandante da guarda letônica, denunciara o Capitão Sidney Reilly como agente britânico que tentara suborná-lo com a oferta de dois milhões de rublos para que conspirasse no assassinio dos líderes soviéticos. A imprensa soviética publicava também a carta que Bruce Lockhart dera a Berzin para que pudesse transpor as linhas britânicas em Arcângel.

Lockhart fôra detido em Moscou pela Tcheka. Outros oficiais e agentes aliados foram também cercados e postos sob custódia.

Por toda parte em Moscou fôra afixada a descrição de Reilly. Seus vários pseudônimos — Massino, Constantine, Relinsky — foram publicados juntamente com a proclamação de sua proscrição. Iniciara-se a caçada.

A despeito do perigo evidente, Reilly se encaminhou para Moscou. Localizou a dançarina de *ballet*, Dagmara, na casa de uma mulher chamada Vera Petrovna, cúmplice de Fanya Kaplan.

Dagmara relatou a Reilly que o seu apartamento fôra vasculhado alguns dias antes pela Tcheka. Ela conseguira esconder dois milhões de rublos que possuía em notas de mil, parte do dinheiro da conspiração de Reilly. Os agentes da Tcheka não a prenderam; ela não soube porquê. Talvez porque pensassem que ela lhes abrisse a pista para apanhar Sidney Reilly.

Mas com os dois milhões de rublos de Dagmara à sua disposição, Reilly não seria uma presa fácil. Disfarçado ora em mercador grego, ora em ex-oficial czarista, ora em oficial soviético, ora em trabalhador e militante comunista, êle procurou se locomover, despistando a Tcheka.

Um dia êle encontrou o seu ex-auxiliar em Moscou, Capitão George Hill, do serviço secreto britânico, que até então conseguira escapar à caçada bolchevique. Os dois agentes verificaram as listas de nomes e endereços. Reilly descobriu que uma porção considerável de sua máquina anti-soviética estava intacta. Então sentiu que ainda havia esperança.

Mas ao contrário de Reilly, o Capitão Hill julgava a partida terminada. Ele ouvira dizer que se negociava uma troca de prisioneiros entre os governos soviético e britânico. Os russos deviam libertar Lockhart e outros em troca de salvo-conduto a vários representantes soviéticos, inclusive Maxim Litvinov, que as autoridades britânicas tinham aprisionado na Inglaterra.

"Eu vou entregar-me" disse o Capitão Hill. E aconselhou Reilly a fazer o mesmo.

Mas Reilly não quis admitir a derrota. "Eu voltarei sem permissão dos peles vermelhas", disse o Capitão Hill. E apostou com o seu cúmplice que se encontrariam dois meses depois no Hotel Savóia em Londres (12.)

(12) Após a sua volta à Inglaterra, o Capitão George Hill foi designado pelo serviço secreto britânico em 1919 para servir como oficial de ligação com os exércitos brancos do General Anton Denikin durante a guerra de intervenção na Rússia Soviética. Mais tarde o Capitão Hill foi trabalhar como agente especial para Henri Deterding, o famoso magnata europeu do petróleo, cuja obsessão era destruir a Rússia Soviética e que ajudara a financiar a ascensão de Hitler ao poder, na Alemanha. O governo britânico, subsequentemente, se utilizou de George Hill em importantes atribuições na Europa Oriental.

Reilly permaneceu na Rússia durante várias semanas, colhendo material de espionagem, advertindo e encorajando os elementos anti-soviéticos que ainda restavam. Depois do que, escapulindo várias vezes por um triz, ele viajou com um falso passaporte alemão, rumo a Bergen, Noruega. Daí navegou para a Inglaterra.

De volta a Londres, o Capitão Reilly relatou tudo aos seus superiores do serviço secreto britânico. Lastimou profundamente as oportunidades perdidas. "Se René Marchand não tivesse traído... Se Berzin não se tivesse rendido... Se a força expedicionária tivesse avançado mais depressa sobre Vologda... Se eu tivesse podido combinar com Savinkov..."

Mas de uma coisa Reilly tinha certeza. O fato de a Inglaterra ainda estar em guerra com a Alemanha era um desastre. Deveria haver uma cessação imediata de hostilidades na frente ocidental, e uma coalizão contra o bolchevismo. O Capitão Sidney George Reilly exclamava:

"Paz, paz a qualquer preço — e uma frente única contra os verdadeiros inimigos da humanidade!"

Em 1932 Hill publicou um livro em Londres. Seu título era *Vai espiar o país, ou seja, as Aventuras de I. K. 8 do Serviço Secreto Britânico*.

Na primavera de 1945 o governo de Churchill escolheu George Hill, que fora entretanto elevado à categoria de brigadeiro no exército britânico, para missão especial na Polônia. O Brigadeiro Hill, estava explicado, iria servir como observador britânico na Polônia, devendo, de volta a Londres, informar sobre a situação então agitada da Polónia. O governo provisório de Varsóvia não permitiu, entretanto, que o Brigadeiro Hill entrasse na Polónia.

CAPÍTULO IV

AVENTURA SIBERIANA

1. "Aide Mémoire"

No dia 2 de agosto de 1918, dia em que as tropas britânicas acamparam em Arcângel, o Major-general William S. Graves do Exército dos E.U.A. comandante da VIII Divisão em Camp Fremont, Palo Alto, Califórnia, recebeu uma mensagem cifrada urgente do Departamento de Guerra em Washington, D. C. A primeira frase decifrada dizia:

"NENHUM MEMBRO DO SEU PESSOAL OU QUEM
QUER QUE SEJA DEVERÁ CONHECER O CONTEÚDO
DESTA MENSAGEM."

E a mensagem instruíu o General Graves para "tomar o primeiro e mais rápido trem de S. Francisco, dirigir-se a Kansas City, e ali procurar o secretário de Guerra no Hotel Baltimore."

Não havia o que explicasse o motivo dessa convocação do general para Kansas City, assim como não havia indicação alguma do tempo por que ele deveria se ausentar de seu posto.

O General Graves, veterano e soldado severamente disciplinado, não fez objeções, o que era aliás obviamente desnecessário. Encheu a mala de viagem de alguns pertences e duas horas depois já tomara o expresso de S. Fé, partindo velozmente rumo a leste, deixando S. Francisco.

Chegando a Kansas City o general encontrou Newton D. Baker, secretário de Guerra, esperando por ele na estação.

O secretário estava apressado. Tinha de tomar o trem dentro de poucos minutos, explicou êle. Ràpidamente, relatou ao General Graves o porquê de sua convocação para aquêlê encontro misterioso. O Departamento de Guerra o escolhera para comandar uma expedição de tropas americanas que deveriam embarcar imediatamente para a Sibéria.

O Secretário Baker entregou ao General Graves um envelope fechado, dizendo: "Isto contém a política dos E.U.A. na Rússia, a qual você tem de seguir. Veja onde pisa. Você vai andar em cima de ovos carregados de dinamite. Deus o proteja e adeus!"

Nessa noite, sozinho no seu hotel em Kansas City, o General Graves abriu o envelope lacrado. Desdobrou um memorando de sete páginas intitulado *Aide Mémoire*. O memorando não tinha assinatura, mas apparecem na conclusão as seguintes palavras: *Departamento de Estado, Washington, D. C., 17 de julho de 1918.*

O *Aide Mémoire* começava com uma série de generalidades sobre "o coração do povo americano" palpitando com o desejo de "ganhar a guerra." Era necessário, prosseguia o documento, que os E.U.A. cooperassem espontaneamente de todo o modo possível com os aliados contra a Alemanha. E *Aide Mémoire* atingia o seu ponto principal:

"Depois de bem examinar a situação russa o governo chegou à conclusão definitiva de que uma intervenção militar agravaria de muito a confusão, seria prejudicial em vez de benéfica e não apresentaria vantagens para o nosso principal objetivo: vencer a guerra contra a Alemanha. Não pode assim tomar parte em tal intervenção ou sancioná-la em princípio."

Era uma norma política clara e precisa, com a qual o General Graves concordou cordialmente. Por que então era êle enviado para comandar tropas americanas no território russo? Perplexo, o general continuou a leitura:

"A ação militar é admissível na Rússia, como o governo dos E.U.A. a considera nas atuais circunstâncias, unicamente para auxiliar os tchecos a consolidar as suas forças e colaborar vantajosamente com os seus parentes eslavos..."

Tcheco-eslovacos? Na Rússia?

"Deitei-me", escreveu mais tarde o General Graves, descrevendo o incidente no seu livro *"Aventura Americana na Sibéria"*, "mas não pude dormir, curioso por saber o que outras nações estavam fazendo e porque não me davam alguma informação do que ia pela Sibéria."

Se o General Graves conhecesse as respostas às perguntas que o mantinham desperto, ter-se-ia perturbado ainda muito mais nessa noite de verão em Kansas City.

2. Intriga em Vladivostoque

Sob o regime feudal do Czar, a vasta e fabulosamente rica região da Sibéria permanecera quase inteiramente estagnada. Muito da imensa área que abrange das bordas da Europa ao Pacífico e do Ártico ao Afeganistão estava completamente desabitada. Através dessa terra virgem e desconhecida passava a solitária E. F. Transiberiana, o único elo entre leste e oeste. Quem controlasse essa ferrovia e o território de umas poucas milhas de cada lado da mesma, controlaria a Rússia Asiática, um subcontinente de importância estratégica e de riqueza incomensurável.

No meado do verão de 1918, quando Raymond Robins viajou rumo a leste pela E. F. Transiberiana, ele viu trens carregados de soldados tcheco-eslovacos. Antigos membros descontentes do exército austro-húngaro, esses tchecos tinham desertado em massa para as fileiras russas antes da Revolução. O alto comando imperial russo os organizara num exército tcheco lutando ombro a ombro com os russos contra as forças austro-húngaras. Depois da queda de Kerensky, o governo soviético concordara, por solicitação dos aliados, com o transporte das tropas tchecas através da Rússia para Vladivostoque. Elas embarcaram nesse porto, circundaram o globo para se encontrarem com as forças aliadas na frente ocidental. Mais de 50.000 desses soldados tchecos estavam alinhados ao longo do percurso das 508 milhas ferroviárias de Kazan a Vladivostoque.

Os soldados tchecos acreditavam que iam à Europa lutar pela independência da Tcheco-Eslováquia, mas seus chefes, os

generais reacionários Gayda e Sirovy, tinham outros planos. Em convivência com certos homens de Estado aliados, êsses generais planejavam se utilizar das tropas tchecas para derrubar o govêrno soviético...

Conforme o acôrdo estabelecido entre os aliados e o govêrno soviético, os tchecos deviam entregar as suas armas às autoridades soviéticas durante a passagem pelo território soviético. Mas aos 4 de junho de 1918, o Embaixador David R. Francis informara seu filho, em carta, que estava "procurando evitar, se possível", o desarmamento dos soldados tchecos. O embaixador acrescentava:

"Não tenho instruções ou autorização de Washington para encorajar êsses homens à desobediência às ordens do govêrno soviético, a não ser uma expressão de simpatia manifestada pelo Departamento de Estado. Todavia tenho feito o possível."

Agindo sob as ordens do General Gayda e Sirovy, os tchecos recusaram-se a entregar o seu equipamento militar às autoridades soviéticas. Simultaneamente ocorreram levantes ao longo de tôda a ferrovia transiberiana. As tropas tchecas bem treinadas e fartamente equipadas tomaram numerosas cidades em que estavam estacionadas, derribaram os sovietes locais e estabeleceram administrações anti-soviéticas.

Durante a primeira semana de julho, com o auxílio de contra-revolucionários russos, o General Gayda desferiu um golpe em Vladivostoque e estabeleceu um regime anti-soviético nessa cidade. Nas ruas foram afixados cartazes e uma proclamação assinada pelo Almirante Knight da Marinha dos E.U.A., Vice-Almirante Koto da Marinha Japonesa, Coronel Pons da Missão Francesa e pelo Capitão Badiura do exército tcheco-eslovaco, que fôra nomeado comandante da cidade ocupada. A proclamação informava a população de que a intervenção dos poderes aliados fôra motivada por "um espírito de amizade e simpatia pelo povo russo."

Aos 22 de julho de 1918, cinco dias depois de ter o Departamento de Estado dos E.U.A. redigido o seu *Aide Mémoire* acêrca da necessidade da remessa de tropas americanas para auxiliar o desembarque de tropas tchecas, De Witt Clinton

Poole (13), cônsul americano em Moscou, enviou ao cônsul em Omsk um telegrama cifrado que dizia:

"Informe confidencialmente os chefes tcheco-eslovacos que, salvo notícia posterior, os aliados desejam que eles conservem sua posição atual. De outro lado, eles não devem deixar de aproveitar as exigências militares da situação. Seria desejável antes de tudo que eles assumissem o contróle da E. F. Transiberiana e depois de assumido este, retivessem o contróle de todo o território atualmente dominado por eles. Informe os representantes franceses de que o cônsul-geral francês concorda com estas instruções."

O pretexto dado pelos aliados para invadir a Sibéria no verão de 1918 era o de salvar os tchecos de ataques não provocados das tropas do Exército Vermelho e dos prisioneiros de guerra armados pelos bolcheviques. Nessa primavera e no verão os jornais britânicos, americanos e franceses encheram-se de reportagens sensacionais acêrca dos bolcheviques que estavam armando "dezonas de milhares de prisioneiros alemães e austríacos na Sibéria" a fim de lutarem contra os tchecos. O *New York Times* relatava que só na cidade de Tomsk, 60.000 alemães haviam sido supridos de equipamento militar pelos vermelhos.

O Capitão Hicks, do serviço de informações britânico, o Capitão Webster, da missão da Cruz Vermelha americana e o Major Drysdale, adido militar americano em Pequim, viajaram para a Sibéria com permissão das autoridades soviéticas para investigarem sobre tais acusações. Após semanas de cuidadoso inquérito, os três homens chegaram à mesma conclusão. Não havia prisioneiros alemães ou austríacos armados na Sibéria. As acusações, declararam os três oficiais, eram pura fabricação da propaganda deliberadamente intencionada em envolver os aliados numa intervenção contra a Rússia.

No dia 3 de agosto de 1918, tropas britânicas acamparam em Vladivostoque.

(13) De Witt Clinton Poole tornou-se mais tarde chefe do departamento de negócios russos do Departamento do Estado.

"Viemos", informava o governo britânico ao povo russo no dia 8 de agosto, "ajudar-vos a vos salvardes vós mesmos do desmembramento e da destruição nas mãos dos alemães... Desejamos assegurar-vos solenemente que não reteremos uma nesga do vosso território. Os destinos da Rússia estão nas mãos do povo russo. Cabe a êle, e só a êle, decidir a forma de seu governo e achar a solução para os seus problemas sociais."

No dia 16 acamparam os primeiros destacamentos americanos.

"A ação militar na Rússia atualmente", declarou Washington, "só se justifica para proteger e ajudar quanto possível os tcheco-eslovacos contra os prisioneiros armados austríacos e alemães que os estão atacando, o para assegurar os esforços de autogoverno e autodefesa dos próprios russos que desejam receber assistência."

Os japoneses acamparam também no mesmo mês com tropas novas.

"Adotando essa medida", anunciou Tóquio, "o governo japonês permanece no firme propósito de promover relações de duradoura amizade e assegura a sua política de respeitar a integridade territorial da Rússia e de se abster de toda interferência em sua política nacional."

Os soldados japoneses na Sibéria eram cuidadosamente providos pelo alto comando japonês com pequenos dicionários russos nos quais a palavra "bolchevique", definida como *barsuk* (texugo ou animal feroz), vinha seguida da seguinte anotação: "Para ser exterminado."

3. Terror a leste

No dia 1.º de setembro de 1918, o General Graves chegou a Vladivostoque para assumir o comando das forças expedicionárias americanas na Sibéria. "Acampei na Sibéria", escreveu êle mais tarde na *Aventura Americana na Sibéria*, "sem nenhuma idéia preconcebida do que fazer ou deixar de fazer. Eu não tinha preconceito algum contra nenhuma facção da Rússia e antecipadamente me sentia habilitado a tra-

balhar harmoniosamente e com espírito cooperativo com todos os aliados.”

As instruções ao General Graves, como vinham no *Aide Mémoire*, eram as de proteger a E. F. Transiberiana, ajudar as forças tchecas a desembarcar em Vladivostoque e evitar interferência nos negócios domésticos da Rússia.

Mal fixara êle o seu quartel-general quando foi visitado pelo chefe tcheco, General Gayda, que passou a colocar Graves bem a par da situação russa. Os russos, disse Gayda, não podem ser conduzidos com “gentileza ou persuasão, mas só a chicote e baioneta.” Para salvar o país do caos medonho, era necessário varrer o bolchevismo e levar ao poder um ditador militar. Gayda disse que conhecia o homem talhado exatamente para esse posto: o Almirante Alexandre Vassilievitch Koltchak, comandante naval ex-czarista que viera do Japão para organizar um exército anti-soviético e que já reunira forças consideráveis na Sibéria. Entretanto, o General Graves deveria ajudar os tchecos e outros para uma marcha imediata para o Volga e um assalto de exércitos anti-soviéticos a combater os bolcheviques.

Gayda apresentou então ao General Graves um plano leste sobre Moscou. Esse plano, revelou Gayda, fôra aprovado pelos consultores e representantes franceses e britânicos no Departamento de Estado dos Estados Unidos.

O General Graves repetiu as ordens que recebera de seu governo e disse que tencionava cumpri-las. Informou Gayda de que enquanto êle comandasse, nenhum soldado americano seria utilizado contra os bolcheviques nem interferiria em qualquer negócio íntimo da Rússia.

Gayda saiu furioso. Pouco tempo depois o General Graves recebeu outra visita importante. Dessa vez era o General Knox, antigo apoio de Kornilov e agora comandante das forças britânicas na Sibéria.

“Você está com a reputação de amigo dos pobres”, advertiu Knox ao General Graves: “Não sabe você que são simplesmente uns porcos?”

O General Graves tinha aquilo que Raymond Robins denominava “mentalidade aberta.” Era um homem que pretendia descobrir as coisas por si mesmo. E êle decidiu-se a obter informações de primeira mão acêrca do estado atual dos negócios na Sibéria. Seus oficiais de informação puseram-

-se logo a viajar pelo país e traziam extensos e minudentes informes de suas observações. De há muito Graves chegara à conclusão de que:

“A palavra “bolchevique”, como se usava na Sibéria, significava muita coisa do povo russo, e empregar tropas para combater bolcheviques ou armar, e equipar, alimentar, vestir ou pagar russos brancos para combatê-los, era absolutamente incompatível com a cláusula de “não intervenção nos negócios internos da Rússia.”

No outono de 1918 já havia mais de 7.000 soldados ingleses no norte da Sibéria. Outros 7.000 oficiais britânicos e franceses, técnicos e soldados estavam com o Almirante Koltchak, ajudando-o a treinar e equipar seu exército branco. Ajudando os ingleses e franceses estavam 1.500 italianos. Havia aproximadamente 8.000 soldados americanos sob o comando do General Graves. A maior de todas as forças na Sibéria era a japonesa, que tinha grandes ambições de dominar por si só a Sibéria inteira. Os soldados japoneses eram em número de 70.000...

Em novembro, o Almirante Koltchak, com o apoio de britânicos e franceses, proclamou-se com ditador da Sibéria. O almirante, um homenzinho excitável, a quem um dos seus colegas descrevia como “uma criança doente... certamente neurastênica... sempre sob influência alheia”, instalou quartel-general em Omsk e conferiu a si próprio o título de “Governador Supremo da Rússia.” Anunciando que Koltchak era “o Washington russo”, o ex-ministro czarista Sazanov prontamente se transformou em representante oficial de Koltchak em Paris. Soaram hinos de louvor ao almirante em Londres e Paris. Samuel Hoare repetia que na sua opinião Koltchak era “um *gentleman*”, Winston Churchill descrevia Koltchak como “honesto”, “incorruptível”, “inteligente” e “patriota.” O *New York Times* via nele “um homem valente e honesto”, com “um governo estável e aproximadamente representativo.”

O regime de Koltchak era generosamente suprido pelos aliados, especialmente pela Inglaterra, com munições, armas de guerra e fundos. “Nós despachamos para a Sibéria”, informava enfaticamente o General Knox, “centenas de milhares

de fuzis, centenas de milhões de cartuchos, etc... Cada bala queimada contra os bolcheviques pelos soldados russos no curso desse ano fôra manufaturada na Grã-Bretanha, por operários britânicos, com matéria-prima britânica, despachada para Vladivostoque em cargueiros britânicos."

Uma canção popular na Rússia dessa época, dizia:

Uniformes britânicos
Galões da França
Fumo japonês
Koltchak rege a dança!

O General Graves não participava do entusiasmo aliado pelo govêrno do Almirante Koltchak. Dia a dia seus oficiais de informação traziam-lhe notícias do reino de terror que Koltchak instituíra. Havia 100.000 homens no exército do almirante e mais mil estavam sendo recrutados sob pena de fuzilamento. Prisões e campos de concentração espalhavam-se em superabundância. Centenas de russos que tinham cometido a temeridade de se opor ao novo ditador, foram pendurados nos postes telegráficos e árvores ao longo da E.F. Transiberiana. Inúmeros outros repousavam em valas comuns que eram obrigados a cavar por suas próprias mãos antes que os carrascos de Koltchak os atirassem para dentro a fogo de metralha. Roubo, assassinio e pilhagem eram o programa do dia.

Um dos principais esteios de Koltchak, um ex-oficial czarista chamado General Rozanoff, baixou as seguintes instruções para os seus soldados:

"1. Ocupando as aldeias anteriormente ocupadas por bandidos (guerrilheiros soviéticos), procurem apanhar os líderes do movimento, e onde não puderem apanhá-los, mas tiverem indícios da sua presença, então fuzilem uma de cada dez pessoas do povo.

2. Quando as tropas atravessarem uma cidade e a população não quiser informar os soldados, depois de ter tido ensejo de o fazer, acêrca da presença do inimigo, exigir-se-á inexoravelmente de todos uma contribuição em dinheiro.

3. As aldeias cuja população enfrentar nossas tropas com armas, serão queimadas e todos os adultos

masculinos fuzilados; propriedades, casas, carros, etc., serão apreendidos para uso do exército.”

Descrevendo o oficial que baixara tais ordens, o General Knox disse ao General Graves: “Rozanoff é um ótimo companheiro.”

Ao lado das tropas de Koltchak bandos terroristas financiados pelos japoneses, assolavam o país. Seus chefes eram o Ataman Gregori Semyonov e Kalmikoff.

O Coronel Morrow, comandante das tropas americanas no setor Trans-Baikal, narrou que em uma aldeia ocupada pelas tropas de Semyonov, todos os habitantes foram assassinados. A maioria, relatou o coronel, havia sido abatida “como coelhos” ao abandonarem as suas casas. Os homens tinham sido queimados vivos.

“Semenov (Semyonov) e os soldados de Kalmikoff”, segundo o General Graves, “sob proteção das tropas japonesas, devastavam o país como animais selvagens, matando e roubando o povo... Se se objetasse contra esses assassinios brutais, respondiam que os assassinados eram bolcheviques, e essa explicação, aparentemente, satisfazia ao mundo todo.”

O General Graves exprimiu abertamente a sua repugnância às atrocidades cometidas pelas forças anti-soviéticas na Sibéria. Sua atitude suscitou muita hostilidade entre os chefes brancos, franceses e japoneses.

Morris, o embaixador americano no Japão, que visitava a Sibéria, comunicou ao General Graves que o Departamento de Estado lhe cabografara dizendo que a política americana na Sibéria necessitava do apoio de Koltchak. “Agora, general”, disse Morris, “você tem de apoiar Koltchak.”

Graves replicou que não recebera nenhuma palavra direta do Departamento de Guerra para apoiar Koltchak.

“É o Departamento de Estado que está orientando isto, e não o Departamento de Guerra”, disse Morris.

“Não estou sob as ordens do Departamento de Estado”, retrucou Graves.

Os agentes de Koltchak lançaram uma campanha de propaganda para destruir a reputação de Graves e levar a cabo sua revocação da Sibéria. Mentiras e boatos foram postos em circulação descrevendo como o general se fizera “bolche-

vique" e como as suas tropas estavam ajudando os comunistas. Grande parte da propaganda era anti-semítica.

Um trecho típico dizia:

"Os soldados dos E.U.A. estão contaminados pelo bolchevismo. Muitos dêles são judeus do East Side de Nova Iorque, constantemente envolvidos em motins."

O Coronel John Ward, da polícia militar britânica, que atuava como conselheiro político de Koltchak, declarou publicamente que quando visitara o quartel-general da força expedicionária americana, viu que "de 60 oficiais de ligação e tradutores, mais de 50 eram judeus russos!"

Alguns dos próprios compatriotas do General Graves ajudavam a ampliar essa propaganda. "O cônsul americano em Vladivostoque", revelou o General Graves, "transmitia diariamente ao Departamento de Estado, sem comentário, os artigos panfletários, falsos e obscenos que apareciam na imprensa de Vladivostoque acerca das tropas americanas. Esses artigos e a crítica das tropas americanas nos E.U.A. giravam em torno da acusação de serem estas bolcheviques... Essa acusação não poderia basear-se em ato algum das tropas americanas... mas a acusação era a mesma que se forjava contra qualquer indivíduo que na Sibéria se recusasse a apoiar Koltchak. Forjaram-na os aliados de Koltchak, entre eles o Cônsul-geral Harris."

Quando a campanha de difamação estava no auge, chegou ao quartel-general do General Graves um mensageiro especial do General Ivanoff-Rinoff, comandante de tôdas as forças de Koltchak na Sibéria Oriental. O mensageiro comunicou ao General Graves que se êle contribuísse com 20.000 dólares mensais para o exército de Koltchak, o General Ivanoff-Rinoff poria termo à propaganda contra Graves e suas tropas...

Esse General Ivanoff-Rinoff era um dos mais selvagens e sádicos comandantes de Koltchak. Seus soldados na Sibéria Oriental matavam populações inteiras de homens das aldeias suspeitas de terem homiziado "bolcheviques." Praticavam ha-

bitualmente o rapto de mulheres e espancavam-nas a coroadas. Assassinaavam velhos, mulheres e crianças.

Um jovem oficial americano, enviado para investigar as atrocidades cometidas por Ivanoff-Rinoff, ficou tão apavorado com o que viu que depois de terminar o seu relatório a Graves, exclamou: "General, por amor de Deus, nunca mais me envie a outra expedição como essa! Eu acabaria tirando o meu uniforme para me juntar a essa pobre gente e ajudá-la como pudesse!"

Quando o General Ivanoff-Rinoff se viu ameaçado por um levante popular, o Senhor Charles Eliot, alto comissário britânico, procurou induzir o General Graves a tomar a defesa do comandante de Koltchak.

"Pelo que me toca", comunicou irritado o General Graves ao Senhor Charles, "pode o povo trazer Ivanoff-Rinoff em frente ao meu quartel-general e dependurá-lo naquele poste telefônico! — Nenhum soldado americano levantará a mão para defendê-lo."

Enquanto a guerra civil ganhava terreno, a intervenção se alargava na Sibéria e por toda a Rússia Soviética, acontecimentos aterradores estavam se operando na Europa. No dia 9 de novembro de 1918, marinheiros alemães se amotinaram em Kiel, mataram seus oficiais e hastearam a bandeira vermelha. Demonstrações populares de paz se alastravam pela Alemanha. Na frente ocidental soldados aliados e alemães fraternizavam na terra de ninguém. O alto comando alemão pediu um armistício. O Kaiser Guilherme II fugira para a Holanda, entregando a sua espada real a um atônito jovem guarda na fronteira. Aos 11 de novembro foi assinado o armistício.

Terminara a I Guerra Mundial.

CAPÍTULO V

PAZ E GUERRA

1. Paz no Ocidente

A I Guerra Mundial terminara ex-abrupto. Como disse o oficial alemão Capitão Ernst Roehm: "Estourou a paz." Instalaram-se sovietes em Berlim, Hamburgo e na Bavária. Operários fizeram demonstrações de paz e de democracia nas ruas de Paris, Londres e Moscou. A Revolução tomava a Hungria. Os Balcãs ferviam com o descontentamento dos camponeses. Após os terríveis quatro anos de guerra, havia anelos apaixonados nos lábios de todos: *Chega de guerra! Nie wieder Krieg! Jamais plus de guerre! Nunca mais!*

"A Europa está tôda cheia do espírito da Revolução!", devia comunicar David Lloyd George à Conferência da Paz em Paris no seu memorando confidencial de março de 1919. "Há um sentimento profundo não só de descontentamento, mas de ódio e revolta entre os operários contra as condições de anteguerra. Tôda a ordem existente em seus aspectos político, social, econômico é discutida pelas massas populares de ponta a ponta da Europa."

Dois nomes resumiam as aspirações das massas e os temores de alguns: *Lénin* e *Wilson*. A leste, a revolução de Lénin varrerá o czarismo e abrirá uma nova era para os milhões de oprimidos do antigo domínio imperial russo. No ocidente, os 14 Pontos lacônicamente redigidos de Woodrow Wilson sublevaram um fermento de esperança e expectativa democrática. Quando o presidente dos E.U.A. pisou o solo ensanguentado da Europa em dezembro de 1918, multidões felizes se acotovelaram para beijar-lhe as mãos e espalhar flôres a seus pés. O presidente do Novo Mundo

era aclamado pelo povo do Velho Mundo como "Rei da Humanidade", "Salvador", "Príncipe da Paz." Acreditavam que o pequeno e frágil professor de Princetown fôsse o Messias destinado a anunciar uma nova e grande Idade.

Dez milhões de homens tinham sucumbido na batalha; 20 milhões estavam estropiados e mutilados; outros milhões erravam destituídos de tudo e desabrigados entre as ruínas fumegantes da Europa. Mas agora, finalmente, a guerra acabara e o mundo ouvia falar novamente de paz:

"Meu conceito sôbre Liga das Nações é exatamente este — ela atuará como força moral organizada dos homens de todo o mundo", disse Woodrow Wilson (14.)

Em janeiro de 1919 os Quatro Grandes — Woodrow Wilson, David Lloyd George, George Clemenceau e Vittorio Orlando — sentaram-se a uma mesa de conferência em Quai d'Orsay, em Paris, para deliberarem acêrca da paz mundial.

Mas um sexto do mundo não estava representado na Conferência da Paz. No momento mesmo em que falavam os pacificadores, dezenas de milhares de soldados aliados moviam uma guerra sangrenta e não-declarada contra a Rússia Soviética. Ombreado com os exércitos brancos contra-revolucionários de Koltchak e Denikin, as tropas aliadas combatiam o jovem Exército Vermelho numa vasta linha de luta que se estendia das regiões glaciais árticas até ao Mar Negro, dos campos da Ucrânia até às montanhas e estepes da Sibéria.

Uma violenta e fantástica campanha de propaganda anti-soviética soprava pela Europa e América na primavera de 1919. O *London Daily Telegraph* noticiava um "reino de terror" em Odessa acompanhado de "uma semana de amor livre." O *New York Sun* exibia em *negrito*: "Feridos dos E.U.A. são mutilados pelos vermelhos a machado." O *New York Times* informava: "A Rússia Vermelha um gigantesco manicômio. Vítimas foragidas dizem que maníacos pas-

(14) Em seu discurso de abertura da Conferência de Paz em Paris, Wilson disse ainda: "Há, além do mais, uma voz que clama por estas definições de princípios e de intuitos, que é, parece-me, mais penetrante e mais insistente do que muitas outras vozes agitadas que encham o ar. É a voz do povo russo."

seiam delirando pelas ruas de Moscou... Cães brigam por causa de carniça." A imprensa do mundo inteiro, tanto aliada como alemã, publicava "documentos autênticos", fraudulentos, contando que na Rússia "meninas e moças das classes burguesas" eram "enviadas e entregues aos acampamentos para as necessidades dos regimentos de artilharia!"

Os relatos reais das verdadeiras condições na Rússia, embora de jornalistas, agentes secretos, diplomatas e mesmo de generais como Judson e Graves, eram suprimidos ou ignorados. Quem quer que ousasse se opor à campanha anti-soviética era automaticamente denunciado como "bolchevique."

Dois meses apenas depois do armistício, os chefes aliados já pareciam ter-se esquecido da finalidade do grande conflito que se travava. A "ameaça do bolchevismo" prevalecia a qualquer outra consideração. Dominava a Conferência da Paz em Paris.

O Marechal Foch, comandante-chefe das forças aliadas apareceu antes de uma sessão secreta da Conferência da Paz para pedir um rápido tratado com a Alemanha, de sorte que os aliados pudessem arremessar os seus recursos conjugados contra a Rússia Soviética. O marechal francês pleiteava a causa do inimigo mortal da França, a Alemanha.

"A atual e difícil situação do governo alemão é muito conhecida", disse Foch. "Em Mannheim, Carlsruhe, Baden e Duesseldorf, o movimento soviético está se estendendo rapidamente. No presente momento a Alemanha aceitará por conseguinte quaisquer termos que os aliados venham a impor. O governo alemão pede unicamente paz. É a única coisa que satisfará ao povo e habilitará o governo a dominar a situação."

Para abater a revolução alemã, o alto comando alemão devia ser autorizado a conservar um exército de 100.000 oficiais e homens, assim como a chamada "Guarda Negra do Reich", composta dos mais altamente treinados e doutrinados soldados da Alemanha. Além do que, o alto comando alemão era autorizado a subsidiar as ligas nacionais subterrâneas e as sociedades terroristas para matar, torturar, intimidar os

democratas alemães insurretos. Tudo isso a título de “salvar a Alemanha do bolchevismo.” (15.)

O General Max Hoffmann, ex-comandante dos exércitos alemães na fronteira oriental e o “herói” de Brest-Litovsk, aproximou-se de seu recente inimigo, o Marechal Foch, com um projeto pelo qual o exército germânico deveria marchar sobre Moscou e aniquilar o bolchevismo “em sua fonte.” Foch aprovou o plano, mas propôs que o exército francês, em vez do alemão, constituísse a ponta de lança do ataque. Foch desejava mobilizar toda a Europa Oriental contra a Rússia Soviética.

“Presentemente reina na Rússia o bolchevismo e a mais completa anarquia”, comunicou Foch à Conferência de Paz em Paris. “Meu plano consistiria em fixar todas as questões importantes por resolver no Ocidente, a fim de habilitar os aliados a usarem os recursos mais eficazes para a solução da questão oriental... As tropas polonesas poderiam enfrentar os russos, uma vez que fôsem fortalecidas com o suprimento de material e maquinaria moderna de guerra.

(15) A razão da desistência dos exércitos aliados de marcharem sobre Berlim em 1918 e desarmarem permanentemente o militarismo germânico foi o medo do bolchevismo, habilmente explorado pelos políticos alemães. O comandante-chefe aliado, Marechal Foch, revelou em suas memórias de após-guerra que desde o começo das negociações de paz os intérpretes alemães invocam repetidamente “a temida invasão bolchevista da Alemanha” como meio de assegurar termos favoráveis de paz para a Alemanha. O General Wilson do estado-maior britânico recordava em seu *Diário de Guerra* de 9 de novembro de 1918, dois dias antes da assinatura do armistício: “Reunião do gabinete esta noite, das 6,30 às 8. Lloyd George leu dois telegramas do “Tigre” (Clemenceau) em que ele descrevia a entrevista de Foch com os alemães: O “Tigre” temia que a Alemanha fraqueasse e que o bolchevismo pudesse dominar. Lloyd George perguntou se eu desejava que isso sucedesse ou se eu preferia o armistício. Sem hesitação repliquei: “Armistício.” Todo o gabinete concordou comigo. Para nós o perigo real não são os alemães, mas o bolchevismo.” Num momento de lucidez o próprio Clemenceau admoestou a Conferência de Paz em Paris que esse “antibolchevismo” era um artil utilizado pelo estado-maior alemão para confundir os aliados e salvar o militarismo alemão. “Os alemães se utilizam do bolchevismo”, disse Clemenceau em 1919, “como de um espantalho para amedrontar os aliados.” Apesar de tudo, sob a influência de Foch, Pétain, Weygand e outros, o “Tigre” esqueceu sua própria admoestação e sucumbiu à história antibolchevique que já paralisara toda iniciativa clara e toda atuação democrática dos pacificadores.

Seria preciso um grande número de homens, que se poderiam obter com a mobilização dos finlandeses, poloneses, tchecos, rumenos e gregos, assim como de elementos russos pró-aliados ainda úteis... Se se fizer isso, 1919 ainda verá o fim do bolchevismo!"

Woodrow Wilson desejava um entendimento cordial com a Rússia. O presidente dos E.U.A. reconhecia o absurdo de falar-se numa paz mundial quando um sexto do mundo estava excluído das conversações. Wilson urgiu a Conferência de Paz a convidar os delegados soviéticos para virem sentar-se com os aliados no empenho de atingir um entendimento. Mais de uma vez Wilson voltou a essa idéia, procurando banir o espectro do bolchevismo das cabeças dos pacificadores.

"Há pelo mundo inteiro um sentimento de revolta contra os amplos interesses que influenciam o mundo quer na esfera econômica como política", advertiu Wilson no Conselho dos Dez em uma das reuniões secretas de paz em Paris. "O caminho para sanar essa dominação é, segundo me parece, a discussão constante e um lento processo de reforma: mas o mundo em geral impacientou-se com a demora. Há nos E.U.A. homens da mais fina têmpera, se não do mais fino bom-senso, que simpatizam com o bolchevismo, porque êste se lhes apresenta como um regime de oportunidade para o indivíduo que êles tentam realçar."

Mas Woodrow Wilson estava cercado de homens determinados a preservar a todo custo o *status quo*. Ligados por seus tratados secretos imperialistas e pactos comerciais, êsses homens planejavam astutamente sabotar e frustrar tôdas as oportunidades de Wilson. Houve momento em que Wilson se rebelou e ameaçou levar a sua causa ao povo, passando por cima dos políticos e militaristas.

Em Roma, planejava fazer um discurso sensacional, do balcão do Palácio de Veneza, que domina a grande praça onde, apenas dois anos depois, Benito Mussolini deveria discursar aos seus Camisas Pretas. Os monarquistas italianos, temendo os efeitos da palavra de Wilson ao povo de Roma, impediram a multidão de se reunir e frustraram a demonstração com o pretexto de que era inspirada por bolcheviques. O mesmo aconteceu em Paris, onde Wilson esperou à janela de seu hotel, durante toda a manhã, para falar, como pro-

metera, aos trabalhadores. Ele não soube que a polícia e soldados franceses tinham sido mobilizados para impedir os trabalhadores de se aproximarem do hotel...

Durante sua estada na Europa, em qualquer lugar que fôsse, Wilson era cercado de agentes secretos e propagandistas; às suas costas, campeava a intriga.

Cada uma das potências aliadas organizara a sua própria espionagem para se utilizar dela na Conferência da Paz. Na Praça da Concórdia, 4, em Paris, o serviço de informações militares dos E.U.A. estabelecera uma sala especial de código, onde oficiais grandemente treinados e secretários cuidadosamente selecionados, trabalhavam noite e dia interceptando e decifrando mensagens secretas das demais potências. Essa sala de código estava sob a direção do Major Herbert O. Yardley, que revelou depois em seu livro *A Câmara Escura Americana*, com informes de testemunhas oculares de agentes americanos na Europa, descrevendo o verdadeiro estado das coisas, que eram deliberadamente desviadas do Presidente Wilson, a cujos ouvidos, entretanto, martelavam incessantemente a sórdida e fantástica propaganda antibolchevique.

Freqüentemente o Major Yardley interceptava e decifrava mensagens secretas concernentes aos planos de sabotagem da política de Wilson. Certa vez decifrou uma mensagem de caráter assustador e sinistro. O Major Yardley revelou:

“...o leitor poderá facilmente compreender o choque que tomei quando decifrei um telegrama que denunciava uma conspiração da Entente para assassinar o Presidente Wilson, quer administrando-lhe um veneno sutil, quer administrando-lhe influenza em gêlo. Nosso informante, no qual eu depositava a maior confiança, suplicava às autoridades, por amor de Deus, que avisassem o Presidente. Não tenho elementos para afirmar que êsse plano tenha sido pôsto em execução, e tendo-o sido, se foi eficaz. Mas êstes fatos são inegáveis: *Os primeiros sintomas da enfermidade do Presidente Wilson ocorreram em Paris, e êle iria morrer logo depois, vitimado por uma morte lenta.*”

2. Na Conferência de Paz

Nas primeiras sessões da Conferência da Paz em Paris, o Presidente Wilson achou um aliado inesperado em seu empenho de obter um tratamento cordial com a Rússia. O primeiro-ministro da Grã-Bretanha, David Lloyd George veio em apoio de Wilson com uma série de pungentes ataques aos planos anti-soviéticos de Foch e do *premier* francês Clemenceau.

“Os alemães”, declarou Lloyd George, “no tempo em que precisaram de todo homem válido para reforçar o seu ataque no *front* ocidental, foram forçados a conservar cêrca de um milhão de homens para guarnecerem algumas poucas províncias da Rússia, que constituíam apenas uma orla de todo o país. E, ainda mais, nesse tempo o bolchevismo era débil e desorganizado. Agora é forte e tem um exército formidável. Está algum dos países aliados em condições de remeter um milhão de homens à Rússia? Se eu propusesse enviar mil soldados britânicos adicionais à Rússia para êsse fim, o exército se amotinaria! O mesmo se aplica às tropas dos E.U.A. na Sibéria; idem para as tropas canadenses e francesas. A simples idéia de esmagar o bolchevismo pela força militar é uma loucura. Admitindo-a como fato consumado, quem ocuparia a Rússia?”

Diferentemente de Wilson, o primeiro-ministro britânico não era levado por considerações idealistas. Ele temia a revolução na Europa e na Ásia; e, como velho político, a “Rapôsa” de Gales era finalmente sensível ao temperamento popular da Inglaterra que era densamente contrário à continuação da intervenção na Rússia. Havia ainda uma razão mais premente para a oposição aos planos do Marechal Foch. Henry Wilson, chefe do estado-maior britânico, num recente relatório secreto ao Ministério da Guerra estabelecera que a única política para a Grã-Bretanha era a de “recolher as nossas tropas da Europa e da Rússia e concentrar tôda a força em *nossos* centros de rebelião: Inglaterra, Irlanda, Egito, Índia.”

Lloyd George temia que Foch e Clemenceau tentassem estabelecer a hegemonia francesa na Rússia enquanto a Inglaterra estivesse preocupada em outra parte. E, assim o

astuto *premier* britânico, acreditando que poderia eventualmente conseguir o que queria, apenas deixando a Rússia sozinho por enquanto, apoiou o presidente dos E.U.A. no pedido de um bom entendimento com os bolcheviques. Nas sessões secretas da Conferência de Paz em Paris, Lloyd George não mediu palavras.

“Os camponeses aceitaram o bolchevismo pela mesma razão por que o aceitaram na Revolução Francesa, a saber, porque lhes deu terra” declarou Lloyd George. “Os bolcheviques são o governo de fato. Nós reconhecemos formalmente o governo do Czar, mesmo no tempo em que sabíamos que ele estava absolutamente podre. Nossa razão era a de ser ele um governo de fato... Mas recusamos reconhecer os bolcheviques! Dizer que nós mesmos é que deveríamos escolher os representantes de um grande povo é contrário ao princípio pelo qual lutamos.”

O Presidente Wilson disse que não podia ver como alguém pudesse controverter Lloyd George. Propôs a convocação de uma conferência especial na Ilha de Prinkipo, ou em algum outro lugar “de fácil acesso”, a fim de se explorarem as possibilidades da paz na Rússia. No interesse da imparcialidade, os delegados tanto do grupo soviético como do grupo branco anti-soviético, seriam convidados a comparecer...

O “Tigre” francês, George Clemenceau, intérprete dos detentores franceses das ações de companhias do tempo do Czar e do estado-maior, levantou-se para replicar em auxílio dos advogados da intervenção. Clemenceau sabia que a política sutil de Lloyd George não seria apoiada nos círculos dirigentes britânicos, onde os militaristas e o serviço de informações já se tinham consagrado à guerra anti-soviética. Ao mesmo tempo, Clemenceau sentiu a necessidade, para proveito de Wilson, de abater os argumentos de Lloyd George com uma forte caracterização da ameaça bolchevique.

“Em princípio”, começou Clemenceau, “eu não favoreço o entendimento com os bolcheviques, não porque eles sejam criminosos, mas porque os estaríamos levantando ao nosso nível, dizendo que eles são dignos de entrar em entendimento conosco.” O primeiro-ministro britânico e o presidente dos E.U.A. se assim fôsse permitido falar ao *premier* francês, vêm adotando uma atitude muito acadêmica e doutrinária

na questão do bolchevismo. "O perigo bolchevique é muito grande e está muito próximo de nós", declarou Clemenceau. "O bolchevismo está se alastrando. Ele invadiu as províncias bálticas e a Polônia, e ainda esta manhã recebemos muito más notícias com respeito à sua expansão até Budapeste e Viena. A Itália também está em perigo. O perigo é provavelmente maior lá do que na França. Se o bolchevismo, depois de estender-se na Alemanha, conseguisse atravessar a Áustria e a Hungria, e atingir a Itália, a Europa teria de enfrentar um imenso perigo. Por tudo isso, alguma coisa precisa ser feita contra o bolchevismo!..."

Clemenceau não se fiou apenas em sua própria eloquência. Pediu permissão para apresentar "testemunhas experientes" sobre o bolchevismo. A primeira foi o embaixador Noulens, o velho amigo do Embaixador Francis em Petrogrado e líder número um dos intrigantes anti-soviéticos no corpo diplomático. Noulens foi apresentado a Wilson e Lloyd George.

"Limitar-me-ei à narrativa de fatos", disse Noulens, que barafustou imediatamente numa narração estupefaciente das "atrocidades bolchevistas."

"Não só homens, mas também mulheres foram fuzilados", disse Noulens. "Houve atrocidades, enforcamentos, narizes e línguas cortados, mutilações, enterros de gente viva, fuzilamentos, roubo e pilhagem por toda parte."

Noulens repetiu a intriga febricitante do corpo diplomático anti-soviético dos emigrados czaristas: "Há uma companhia de torturadores profissionais mantidos na Fortaleza de Pedro e Paulo... O exército bolchevique é mais uma rale do que um exército!"

"Está aí o caso do Capitão Cromie, o adido naval britânico", continuou Noulens, "que foi assassinado em defesa da embaixada britânica, cujo corpo foi exposto por três dias na janela da embaixada!" Terror, matanças em massa, degenerescência, corrupção, desprezo completo dos aliados — essas as atitudes características do regime soviético...

"Finalmente", disse Noulens, "quero assinalar que o governo bolchevique é definitivamente imperialista. Ele aspira à conquista do mundo e não quer a paz com governo algum!"

Mas com todos os esforços de Noulens, o presidente dos E.U.A. não ficou grandemente impressionado. Apenas al-

guns dias antes, um agente especial americano, W. H. Buckler, a pedido de Wilson, mantivera uma palestra com Maxim Litvinov, do governo soviético. Em um relatório datado de 18 de janeiro de 1919, Buckler informou o Presidente Wilson:

"Litvinov assegurou que o governo soviético estava ansioso por uma paz definitiva. Ele detesta os preparativos militares e as custosas campanhas que ainda agora é obrigado a fazer na Rússia depois de quatro anos de guerra exaustiva, e deseja certificar-se se os E.U.A. e os aliados desejam a paz.

Se é este o caso, a paz pode ser facilmente negociada, para o que, segundo Litvinov, o governo soviético está disposto a comprometer-se a tudo, inclusive permissão de novas concessões na Rússia, e o reconhecimento do débito estrangeiro russo... A atitude conciliatória do governo soviético é indiscutível.

... Até onde a Liga das Nações puder prevenir a guerra sem encorajar a reação, pode contar com o apoio do governo soviético."

Buckler acrescentou que havia certos elementos dentro das fileiras soviéticas que se opunham fortemente à política de paz do governo. Esses elementos de oposição, informava Buckler, "esperam uma intervenção aliada mais ativa" e, admoestava, "a continuação de tal intervenção favorece a esses extremistas."

O projeto de paz de Woodrow Wilson, sustentado por Lloyd George, parecia vingar a despeito de Clemenceau e Foch. Wilson redigiu uma nota sublinhando os termos de sua proposta e enviou-a ao governo soviético e aos vários grupos de russos brancos. O governo soviético imediatamente aceitou o plano de Wilson, e dispôs-se a enviar delegados a Prinkipo. Mas, como depois assinalou Winston Churchill, "o momento não era propício" para a paz na Rússia. Na maioria os chefes aliados estavam convictos de que o regime soviético seria brevemente derribado. Por sugestão secreta de seus protetores aliados, os grupos brancos se recusaram a reunir-se em Prinkipo com os delegados soviéticos.

A atmosfera na Conferência de Paz mudou. Lloyd George, vendo que não se chegava a conclusão alguma, voltou

súbitamente para Londres. Em seu lugar, Winston Churchill, o jovem secretário britânico de Guerra e Aviação, dirigiu-se apressadamente a Paris para sustentar a causa dos extremistas antibolcheviques (16.)

Era o dia 14 de fevereiro de 1919, um dia antes da volta de Wilson para a América a fim de enfrentar o bloco isolacionista do Congresso, encabeçado pelo Senador Lodge, que solapara os esforços destinados a criar um sistema de segurança e cooperação mundial. Wilson reconhecia que falhara na Europa e temia falhar nos E.U.A. Ele estava desiludido, cansado e profundamente desanimado.

Winston Churchill foi apresentado ao Presidente Wilson pelo secretário do Exterior britânico, A. J. Balfour, o qual anunciou que o secretário da Guerra britânico viera a Paris para expor os pontos de vista do ministério britânico na questão da Rússia. Churchill imediatamente iniciou um ataque ao plano de paz de Wilson em Prinkipo.

"Ontem o gabinete reuniu-se em Londres", disse, "e aí manifestou-se grande ansiedade a respeito da situação russa, particularmente com relação à reunião de Prinkipo... Se só os bolcheviques tiverem de comparecer à conferência, é claro

(16) Por esse tempo e por muitos anos depois, Winston Churchill foi o principal intérprete do anti-sovietismo dos conservadores britânicos. Churchill temia a expansão das idéias revolucionárias russas pelas regiões orientais do Império Britânico. René Kraus, em sua biografia de *Winston Churchill* escreve: "Os cinco Grandes em Paris decidiram apoiar a contra-revolução dos russos brancos. Winston Churchill contava com a execução de uma ação por que não era responsável. Mas não há negar que uma vez tomada a decisão ele se apressou em executá-la. Associado com o chefe do estado-maior, Henry Wilson, ele elaborou um programa para equipar e armar diversos exércitos brancos com material bélico sobressalente, e para ajudá-los com oficiais hábeis e instrutores."

Depois que Adolfo Hitler subiu ao poder na Alemanha. Churchill reconheceu que o nazismo constituía a ameaça real aos interesses britânicos na Europa e no mundo. Sem hesitar, Churchill mudou de posição com a Rússia Soviética, e passou a propor uma aliança entre a Grã-Bretanha, França e União Soviética para deter a marcha da agressão nazi. Em 1941, quando a Alemanha Nazista invadiu a Rússia Soviética, a voz de Churchill foi a primeira a dirigir ao mundo a declaração de que a luta da Rússia era a luta de todos os países livres e receberia o apoio da Grã-Bretanha. Concluída a 11 Guerra Mundial, Churchill suscitou novamente a "ameaça do bolchevismo."

que pouco resultado derivará da reunião. O aspecto militar do caso deve ser considerado. A Grã-Bretanha tem soldados na Rússia, que estão sendo mortos em combate.”

Wilson respondeu: “Já que Mr. Churchill veio de Londres especialmente para antecipar minha partida, sinto que devo expressar minhas idéias pessoais sobre o assunto. Entre as muitas incertezas referentes à Rússia, eu tinha uma opinião muito clara acerca de dois pontos. O primeiro é que as tropas dos aliados não estão prestando serviço algum na Rússia. Elas não sabem por quem nem por que estão lutando. Não estão fazendo nenhum esforço promissor para restabelecer a ordem. Estão ajudando movimentos locais, como, por exemplo, os dos cossacos, que não podem se locomover fora de sua própria esfera. Minha opinião, por conseguinte, é que os aliados deveriam retirar as suas tropas de todos os pontos do território russo!”

“O segundo ponto”, prosseguiu Wilson com enfado, “prende-se a Prinkipo... O que estamos procurando não é uma aproximação com os bolcheviques, mas uma informação clara. Os informes recebidos da Rússia, de várias fontes oficiais e officiosas, são tão contraditórios que é impossível formar-se um quadro coerente do estado do país. Alguma luz sobre a situação poderia se fazer numa reunião de representantes russos.”

Após ter falado o presidente americano, Churchill replicou:

“A retirada completa de todas as tropas aliadas é uma política clara e lógica, mas a consequência disso seria a destruição de todos os exércitos não-bolcheviques na Rússia. Estes montam atualmente a cerca de 500.000 homens, e embora não sejam dos de melhor qualidade, seu número está em constante aumento. Essa política equivaleria a desmontar a máquina inteira. Não haveria mais resistência armada aos bolcheviques e tudo quanto restaria da Rússia seria uma interminável paisagem de violência e miséria.”

“Mas em algumas áreas essas forças e suprimentos estariam certamente apoiando reacionários”, objetou Wilson. “Conseqüentemente, se se perguntar aos aliados o que estão apoiando na Rússia, eles são obrigados a responder que não sabem!”

Churchill ouviu atentamente, "Eu gostaria de saber", disse êle, "no caso de fracassar a Conferência de Prinkipo o Conselho aprovaria o armamento das forças antibolcheviques na Rússia?"

Desalentado, doente, abandonado por Lloyd George, Wilson concluiu que estava isolado no meio de homens resolvidos a seguir o seu próprio caminho.

"Expus ao Conselho como eu agiria se devesse resolver por mim sôzinho", disse o presidente dos Estados Unidos. Devo entretanto submeter-me à maioria."

Wilson regressou aos E.U.A. para lutar na sua trágica batalha perdida contra a reação americana (17.)

O Secretário de Estado Lansing assumiu o lugar dêle na Conferência de Paz e o tom das discussões sofreu uma considerável mudança. Os representantes aliados não sentiram mais a necessidade de esconder os seus propósitos.

Clemenceau recomendou sêcamente que a Conferência de Paz "procurasse resolver suas dificuldades do modo mais dis-

(17) Woodrow Wilson fez um derradeiro esforço para conseguir um entendimento cordial com a Rússia. Por sua própria iniciativa enviou a Moscou, William C. Bullit, então o mais jovem funcionário do Departamento do Estado adido à delegação americana à Conferência de Paz em Paris, para entrar em contacto com Lénin e indagar do líder soviético se realmente desejava a paz. Bullit foi acompanhado em sua missão pelo grande jornalista americano Lincoln Steffens, que voltou com a sua síntese de 8 palavras à Rússia Soviética: *I have seen the future and it works!* — ou seja, vi o futuro e êle se move! O próprio Bullit trouxe de volta os termos de paz de Lénin para os aliados e para os grupos brancos. Lénin estava mais do que desejando a paz, mas suas propostas, como Winston Churchill iria finalmente revolar em seu trabalho *A Crise do Mundo: a segunda colheita*, eram "tratadas com desdém" e "o próprio Bullit via-se, não sem dificuldade desautorizado por aquêles que o tinham enviado." A exposição de Bullit, como êle a apresentou à Comissão do Senado para as Relações Exteriores em setembro de 1919, explicava porque foram desprezados os termos de paz de Lénin: Koltchak fez um avanço de cem milhas e imediatamente a imprensa tôda de Paris se pôs a fazer estardalhaço sobre o caso, anunciando que êle estaria em Moscou dentro de duas semanas; e daí tôda gente de Paris, inclusive, sinto dizer, membros da Comissão Americana, começou a esfriar com respeito à Paz na Rússia, na certeza de que Koltchak chegaria em Moscou e varreria o governo soviético."

Quanto à carreira posterior de Bullit como antagonista da União Soviética, ver-se-á adiante.

creto e simples possível." A questão Prinkipo precisava ser completamente eliminada. Não se devia nem sequer mencioná-la mais. "Os aliados caíram nesse negócio de Prinkipo", disse Clemenceau, "e agora é preciso sair dele."

O secretário do Exterior britânico Balfour ampliou os comentários de Clemenceau. "É necessário", declarou êle, "que os bolcheviques nunca tenham razão, e isto não só diante da opinião pública, mas perante os que sustentam a opinião de que o bolchevismo é democracia embora desencaminhada contendo muitos elementos bons."

Em vista disso a Conferência embarafustou numa prolongada discussão acêrca do modo mais eficiente de ajudar os exércitos russos brancos contra o govêrno soviético.

Churchill, que substituíra Lloyd George à mesa da Conferência, propôs o estabelecimento imediato de um Supremo Conselho Aliado para Negócios Russos, com secção econômica, política e militar. A secção militar "entraria a trabalhar imediatamente", elaborando os pormenores de um minucioso programa de intervenção armada.

3. Missão de Golovin

Com Churchill como comandante-chefe reconhecido, embora oficioso, dos exércitos anti-soviéticos aliados, a cena mudou para Londres, onde durante êsse inverno e verão, enviados russos brancos especiais brotaram nas secretarias do govêrno britânico em Whitehall. Vinham êles representando o Almirante Koltchak, o General Denikin e outros chefes russos brancos para a preparação da arremetida total contra os soviets. Suas negociações altamente secretas eram encaminhadas na maior parte com Winston Churchill e Samuel Hoare. Churchill, como secretário da Guerra, empenhou-se em equipar os exércitos russo-brancos, com material dos suprimentos bélicos excedentes da Grã-Bretanha. Hoare supervisionava a complexa intriga diplomática.

Entre os russos brancos havia "democratas", como o famoso terrorista social-revolucionário, Bóris Savinkov; o Príncipe czarista Lvov; e Sergei Sazonov, ex-ministro czarista dos Negócios Exteriores, que atuara como representante de Denikin

e Koltchak em Paris. Em 27 de maio de 1919, o *Times* de Londres noticiou:

"M. Sazonov encontrou-se com membros do Parlamento na Câmara dos Comuns, na noite passada. Presidiu Samuel Hoare... M. Sazonov expôs sua opinião sobre perspectivas favoráveis de uma próxima queda do regime bolchevique, e disse que o reconhecimento do governo do Almirante Kolchak faria muito para apressar este acontecimento. Ele exprimiu a profunda gratidão dos russos não só pelo apoio material que lhes tinha sido prestado pela Grã-Bretanha, mas também pelos serviços da Esquadra britânica, salvando grande número de refugiados."

"O representante oficial dos exércitos russo-brancos" no gabinete britânico de Guerra era o Tenente-general Golovin. Ele chegara antes da primavera trazendo uma carta pessoal de apresentação a Winston Churchill. Logo depois de ter chegado a Londres, conferenciou com Samuel Hoare. Entre os assuntos discutidos figurou a questão do Cáucaso, e particularmente, seus grandes depósitos de petróleo de Grosni e Bacu.

Aos 5 de maio, acompanhado por Hoare, Golovin fez a sua primeira visita ao Ministério da Guerra. A conselho de Hoare, o oficial russo foi em uniforme de gala. Os oficiais britânicos receberam-no com grande cordialidade e ouviram absortos a sua exposição do progresso realizado nas várias campanhas dos russos brancos.

Nesse mesmo dia, às 17,30 horas, Golovin entrevistou-se com Churchill. O secretário da Guerra falou agastado acerca da oposição dos liberais e operários britânicos à ajuda militar aos exércitos brancos anti-soviéticos. Churchill exprimiu a esperança de, a despeito desse obstáculo, poder enviar mais 10.000 "voluntários" para a campanha do Norte. Ele reconheceu que esse esforço era necessário naquela área devido a séria desmoralização nas tropas americanas e britânicas.

Churchill acentuou a sua disposição de ajudar o General Denikin tanto quanto possível. Denikin poderia esperar para breve 2.500 "voluntários" para o serviço de instrutores militares e peritos técnicos. De qualquer maneira seriam abo-

nados aos vários *fronts* anti-soviéticos a importância de 24 milhões de libras (aproximadamente 100 milhões de dólares) juntamente com equipamentos e armas adequadas para prover os 100.000 soldados de Yudenitch em sua marcha sobre Petrogrado, que seriam fornecidas com urgência. Seriam entabuladas negociações para transferir para Arcângel, a expensas britânicas, 500 oficiais czaristas prisioneiros de guerra na Alemanha.

“O resultado da entrevista excedeu-se a tôdas as minhas expectativas”, declarou Golovin no relatório submetido aos seus superiores quando retornou à Rússia. “Churchill não é apenas um simpatizante, mas um amigo enérgico e ativo. Assegurou-nos o maior apoio possível. Agora temos de mostrar aos ingleses que estamos dispostos a transformar as palavras em fatos.” (18.)

(18) Esse relato, capturado mais tarde pelo Exército Vermelho nos arquivos secretos do governo branco em Murmansk, foi publicado pelo *Daily Herald* em Londres pouco tempo depois, causando considerável embaraço aos círculos anti-soviéticos na Inglaterra.

VI — A GUERRA DE INTERVENÇÃO	87
1. Prelúdio — 2. A campanha do norte — 3. A campanha do noroeste — 4. A campanha do sul — 5. A campanha de oeste — 6. Os poloneses e Wrangel — 7. O último sobrevivente	

CAPÍTULO VI

A GUERRA DE INTERVENÇÃO

1. Prelúdio

Pelo verão de 1919, sem declaração de guerra, as forças armadas de 14 Estados invadiram o território da Rússia Soviética. Os países invasores eram:

Grã-Bretanha	Sérvia
França	China
Japão	Finlândia
Alemanha	Grécia
Itália	Polônia
Estados Unidos	Rumânia
Tcheco-Eslováquia	Turquia

Lutando ombro a ombro com os invasores anti-soviéticos marchavam os exércitos brancos, (19) comandados por antigos generais czaristas empenhados em restaurar a aristocracia feudal que o povo russo demolira.

(19) Os "brancos", assim chamados por causa de sua oposição aos revolucionários cujo símbolo era a Bandeira Vermelha incluíram, segundo o relatório autorizado de George Stewart na obra intitulada *Os Exércitos Brancos da Rússia*, — todos aqueles para os quais "o Czarismo representava a segurança de seu estado social, sua subsistência, honrarias, a Santa Rússia, — uma ordem social construída sobre privilégios e força, agradável e compensadora para os afortunados, confortável aos grupos parasitários que achavam seu meio de vida em servi-la, um sistema arcaico que tinha a sua sanção nos longos séculos em que a Rússia viera construindo." O termo "Russo Branco" é usado neste livro para descrever aqueles que lutaram para conservar ou restaurar essa velha ordem na Rússia. Não deve ser confundido com o nome dado

A estratégia dos atacantes era ambiciosa. Os exércitos dos generais brancos, movendo-se em conjunto com as tropas intervencionistas, deviam convergir sobre Moscou vindo do norte, sul, leste e oeste.

Ao norte e noroeste, em Arcângel, Murmansk e nos Estados Bálticos, as forças do contingente britânico equilibravam as tropas russo-brancas do General Nicolai Yudenitch.

No sul, nas bases do Cáucaso e ao longo do Mar Negro, estavam os exércitos brancos do General Anton Denikin amplamente supridos e reforçados pelos franceses.

A leste, as forças do Almirante Koltchak, operando sob as ordens de peritos militares britânicos, acamparam ao longo dos Urais.

A oeste, sob o comando de oficiais franceses, os exércitos poloneses recém-estruturados do General Pilsudski.

Os estadistas aliados alegavam várias razões para a presença de suas tropas na Rússia. Quando os seus soldados acamparam pela primeira vez em Murmansk e Arcângel, na primavera e verão de 1918, declararam que as tropas tinham chegado para impedir os suprimentos de caírem em mãos dos alemães. Mais tarde alegaram que suas tropas estavam na Sibéria para ajudar as forças tcheco-eslovacas se retirarem da Rússia. Outra razão dada para a presença de destacamentos aliados era o estarem eles auxiliando os russos a "restaurar a ordem" no seu país agitado.

Reiteradamente os estadistas aliados negavam qualquer intuito de intervenção armada contra os soviéticos, ou de interferência nos negócios internos da Rússia. "Não pretendemos interferir nos casos internos da Rússia", declarava Artur Balfour, o secretário do Exterior, em agosto de 1918. "A Rússia deve dirigir os seus próprios negócios."

O irônico e invariavelmente áspero Winston Churchill, que supervisionava pessoalmente a campanha aliada contra a Rússia, escreveu mais tarde em seu livro *A Crise Mundial: a segunda colheita*:

aos habitantes da República da Bielo-Rússia também chamados russos brancos por causa de seu traje nativo e original: Camisola branca, sapatos de filaça com polainas brancas e cota branca grosseira.

“Estavam os aliados em guerra com a Rússia? Não, por certo; mas eles matavam os russos soviéticos. Acampavam como invasores no solo russo. Armavam os inimigos dos soviéticos. Bloqueavam os portos e afundavam os seus barcos de guerra. Eles desejavam sinceramente e projetavam a sua queda. Mas, guerra? Isso não! Interferência? Seria vergonhoso! Para eles era indiferente, repetiam, o modo por que os russos conduzissem os seus próprios negócios. Eram imparciais — e acabou-se!”

O jovem governo soviético lutava pela própria vida diante da desigualdade desesperadora. O país ficara assolado e exausto com a guerra mundial. Havia milhões de famintos e moribundos. As fábricas estavam vazias, o campo sem arar, os transportes parados. Parecia impossível que um país assim pudesse sobreviver ao ataque feroz de um inimigo com exércitos grandes, bem equipados, com vastas reservas financeiras, alimentados fartamente, bem supridos, enfim.

Sitiado de todos os lados por invasores estrangeiros, ameaçado por intermináveis conspirações interiores, o Exército Vermelho batia em retirada em todo o país, lutando palmo a palmo. O território controlado por Moscou reduzia-se à décima sexta parte da área total da Rússia. Era uma ilha soviética num oceano anti-soviético.

2. A campanha do Norte

Pelo início do verão de 1918 agentes especiais do serviço secreto britânico chegaram a Arcângelsk. Levavam ordens de preparar um levante armado contra o Soviete local nesse porto altamente estratégico. Trabalhando sob a supervisão do Capitão George Ermolaevitch Tchaplín, ex-oficial czarista que obtivera uma comissão no exército britânico, e ajudados por conspiradores contra-revolucionários, os agentes do serviço secreto britânico faziam os preparativos para a rebelião.

A revolta estourou no dia 8 de agosto. No dia seguinte o Major-general Frederick C. Poole, comandante-chefe das forças aliadas no norte da Rússia, ocupou Arcângelsk com

uma força de terra apoiada por navios de guerra britânicos e franceses. Simultaneamente, tropas sérvias e russo-brancas comandadas pelo Coronel Thornhill do serviço secreto britânico começaram uma marcha por terra de Onega para cortar a linha Arcângel-Vologda e atacar pela retaguarda os bolcheviques em retirada.

Derrubado o Soviete de Arcângel, o General Poole organizou um governo títere chamado Governo Supremo do Norte, tendo à testa o velho político Nikolai Tchaikovsky.

Não durou muito, porém, e até mesmo esse governo anti-soviético pareceu demasiado liberal para o paladar do General Poole e seus aliados czaristas. Decidiram dispensar toda formalidade de governo e estabelecer uma ditadura militar.

Aos 6 de setembro o General Poole e seus aliados russos brancos tinham executado o seu plano. Nesse dia o Embaixador Davis R. Francis, que estava de visita em Arcângel, foi convidado a passar em revista um batalhão de tropas americanas. Quando marchava a última fileira de soldados, o General Poole voltou-se para o embaixador americano e observou casualmente: — Houve uma revolução aqui a noite passada.

— Diabo! — exclamou o Embaixador Francis. — Quem a provocou? —

— Tchaplín — disse o General Poole, apontando o oficial naval czarista que orientava o golpe original contra o Soviete de Arcângel.

Francis acenou ao Capitão Tchaplín para que se aproximasse.

Tchaplín, quem promoveu a revolução da noite passada? — perguntou o embaixador americano.

— Eu — respondeu Tchaplín lacônicamente.

O golpe de estado realizara-se na tarde anterior. O Capitão Tchaplín e alguns oficiais britânicos, ao cair da tarde raptaram o Presidente Tchaikovsky e os demais membros do Governo Supremo do Norte e levaram-nos de lancha a um mosteiro deserto numa ilha próxima. Aí o Capitão Tchaplín deixara os políticos russos sob custódia.

Tais medidas extremas eram um tanto cruas mesmo para Francis que, além disso, fôra mantido na ignorância do *complot*. Francis informou ao General Poole que o governo americano não apoiaria o golpe de Estado.

Dentro de 24 horas os ministros títeres foram reconduzidos a Arcângél e seu "Governo Supremo" foi restabelecido. Francis cabografou ao Departamento de Estado dos E.U.A. informando que, graças aos seus esforços, restabeleceu-se a democracia.

No comêço de 1919 as fôrças britânicas em Arcângél e Murmansk montavam a 18.400 homens. Lutando ombro a ombro com êstes havia 5.100 americanos, 1.800 franceses, 1.200 italianos, 1.000 sérvios e aproximadamente 20.000 russos brancos.

Descrevendo Arcângél durante êsse período, o Capitão John Cudahy (20) da fôrça expedicionaria americana escreveu posteriormente em seu livro *Arcângél: a guerra americana com a Rússia*, que "todo mundo era oficial." Havia, recorda Cudahy, inúmeros oficiais czaristas "carregados de medalhas cintilantes e pesadas"; oficiais cossacos com seus altos chapéus cinzentos, túnicas enfeitadas e sabres espalhafatosos; oficiais inglêses de Eton e Harrow; soldados franceses com magníficos quepes em ponta e botas luzentes; oficiais sérvios, italianos e franceses...

"E naturalmente", observava Cudahy, "havia grande número de bagageiros para lustrar as botas e brunir as esporas e conservar tudo em perfeita ordem e outras ordenanças para providenciar os suprimentos do clube de oficiais, servir uísque e soda."

A maneira fidalga como viviam êsses oficiais contrastava âsperamente com o seu modo de vida. "Usavam bombas de gás contra os bolcheviques", escreveu Ralph Albertson, funcionário da A. C. M. que estêve no norte da Rússia em 1919, no seu livro *Lutando sem guerra*. "Montávamos tôdas as armadilhas imagináveis quando evacuávamos as aldeias. Uma vez matamos mais de 30 prisioneiros. E, quando apahnamos o comissário de Borok, um sargento me contou que

(20) Em 1937 o último John Cudahy, membro da rica família de exportadores de carne de Chicago, foi indicado para ministro americano do Eire e mais tarde embaixador na Bélgica. Inimigo declarado da Rússia Soviética. êle veio a ser depois disso um membro líder da organização isolacionista "América First" que em 1940-41 se opôs à ajuda de Empréstimos e Arrendamentos às nações em luta contra o Eixo.

o corpo dêle ficou na rua, despojado, com dezesseis golpes de baioneta. Surpreendemos Borok e o comissário, um civil, não teve tempo para se armar... Eu ouvi um oficial dizer repetidamente aos seus homens que não fizessem prisioneiros, matassem-nos mesmo que se aproximassem desarmados... Eu vi um prisioneiro bolchevique desarmado, que não estivera promovendo distúrbio de espécie alguma, ser friamente assassinado... Noite após noite o esquadrão de fuzilamento amontoava as suas fornadas de vítimas."

Os soldados aliados não tinham vontade de combater na campanha anti-soviética. Eles espantavam-se de ter de continuar combatendo na Rússia depois de ter acabado a guerra. Para os comandos aliados era difícil dar uma explicação. "Primeiro, não se cogitou disso", recordava Cudahy. "Depois o alto comando, lembrando-se da importância do aspecto moral... promulgou proclamações que embaraçavam e confundiam o soldado ainda mais do que um longo silêncio."

Uma das proclamações do Q. G. britânico no norte da Rússia, lida para as tropas britânicas e americanas, começava com estas palavras:

"Parece haver entre os soldados uma idéia muito confusa dos motivos por que estamos lutando aqui no norte da Rússia. Isso pode explicar-se em poucas palavras. Lutamos contra o bolchevismo, que significa pura e simplesmente a anarquia. Vejam a Rússia atualmente. O poder está em mãos de uns poucos homens, na maioria judeus..."

A disposição dos soldados tornava-se progressivamente mais tensa. As rixas entre soldados britânicos, franceses e russo-brancos eram cada vez mais freqüentes. Começaram a manifestar-se os motins. Quando o regimento 339 da infantaria americana se recusou a obedecer às ordens, o Coronel Stewart, no comando, reuniu os seus homens e leu-lhes os artigos de guerra especificando pena de morte para os amotinados. Depois de um momento de impressionante silêncio, o coronel perguntou se havia perguntas a fazer. Uma voz das fileiras perguntou:

"Coronel, por que estamos aqui? E quais as intenções do governo dos E.U.A.?"

O coronel não pôde responder...

O chefe do estado-maior britânico, Henry Wilson, fez êsse relato no Livro Azul Oficial Britânico, considerando a situação no norte da Rússia no verão de 1919:

“No dia 7 de julho estourou um motim na 3ª Companhia do 1º Batalhão da Legião Esclavo-Britânica e na Companhia de Artilharia do 4º Regimento de Fuzileiros do Norte, que estavam de reserva sobre a margem direita do Dvina. Três oficiais britânicos e quatro russos foram mortos, dois oficiais britânicos e dois russos feridos.

Aos 22 de julho recebemos notícias de que o regimento russo no distrito de Onega se amotinara, e entregaria todo o *front* de Onega aos bolcheviques.”

Nos E.U.A. havia um clamor popular que pedia que os soldados americanos evacuassem a Rússia. A torrente incessante da propaganda antibolchevique não foi capaz de silenciar as vozes das esposas e pais que não podiam compreender, por que, acabada a guerra, seus maridos e filhos haviam de continuar arrostando uma campanha solitária, indecisa e misteriosa nas regiões inóspitas da Sibéria ou no inverno áspero e cruel de Murmansk e Arcângel. No verão e outono de 1919 delegações de todos os recantos dos E.U.A. viajaram a Washington para entrevistar-se com os representantes e pedir que os soldados americanos regressassem da Rússia. O pedido ecoou no Congresso.

Em 5 de setembro de 1919 o Senador Borah levantou-se no Senado para declarar:

“Senhor presidente, nós não estamos em guerra com a Rússia; o Congresso não declarou guerra contra o governo russo nem contra o povo da Rússia. O povo dos Estados Unidos não quer guerrear com a Rússia... Todavia, embora não estejamos em guerra com a Rússia, embora o Congresso não tenha declarado guerra, estamos fazendo guerra ao povo russo. Temos um exército na Rússia. Estamos fornecendo munições e suprimentos a outras forças armadas nesse país, e estamos tão profundamente envolvidos no con-

flito como se a autoridade constitucional fôsse invocada, como se uma declaração de guerra tivesse sido feita e a nação convocada às armas para tal fim... Não há justificativa legal nem moral para sacrificar essas vidas. É uma violação dos princípios fundamentais de um govêrno livre."

O povo da Inglaterra e da França partilhava da desaprovção do povo americano à guerra contra a Rússia Soviética. Apesar disso, a guerra não-declarada contra a Rússia prosseguia.

3. A campanha do noroeste

O armistício de novembro de 1918 entre os aliados e as potências centrais continha no artigo 12, pouco divulgado, uma cláusula estipulando que as tropas alemãs permaneceriam no território russo por elas ocupado durante todo o tempo que os aliados considerassem conveniente. Estava entendido que essas tropas seriam usadas contra os bolcheviques. Nas províncias do Báltico, todavia, o exército do Kaiser desintegrou-se rapidamente. Os soldados alemães, cansados da guerra e amotinados, desertaram em massa.

Tendo pela frente um movimento soviético rapidamente crescente em Latvia, Lituânia e Estônia, o alto comando britânico decidiu concentrar o seu apoio junto aos bandos da Guarda Branca que operavam na área do Báltico. O homem escolhido para chefiar êsses bandos e soldá-los num só bloco militar foi o General Conde Ruediger von der Goltz, do alto comando alemão.

O General von der Goltz comandara um corpo expedicionário alemão contra a República Finlandesa na primavera de 1918, logo depois de êsse país ter adquirido a sua independência como resultado da Revolução Russa. Von der Goltz empreendera a campanha finlandesa por solicitação expressa do Barão Karl Gustav von Mannerheim, aristocrata

sueco e ex-oficial da Guarda da Cavalaria Imperial do Czar, que comandava as forças brancas na Finlândia (21.)

Como comandante da Guarda Branca na área do Báltico, von der Goltz desencadeou então uma campanha de terror para abafar o movimento soviético na Lituânia e Letônia. Suas tropas pilhavam vastas secções do país, e cometiam execuções em massa de civis. O povo latviano e lituano tinha pouco equipamento militar e estava desorganizado para resistir a êsse assalto selvagem. Dentro de algum tempo von der Goltz era o ditador virtual das duas nações.

O Departamento Americano de Abastecimento sob a direção de Herbert Hoover colocou grande cópia de víveres à disposição das regiões ocupadas pelo exército do general alemão von der Goltz. Êsses suprimentos foram recusados aos povos famintos do Báltico enquanto o seu território não foi ocupado pelas tropas brancas do General von der Goltz.

Os aliados enfrentaram logo um dilema. Com o auxílio dêles von der Goltz dominava a área báltica. Mas êste era um general alemão e, conseqüentemente, havia o perigo de, pela sua influência, a Alemanha controlar os Estados Bálticos.

Em junho de 1919 os britânicos substituíram von der Goltz por um general mais diretamente sujeito ao seu controle.

Foi indicado como comandante-chefe das forças brancas reorganizadas o amigo de Sidney Reilly, o ex-general czarista de 58 anos, Nicolai Yudenitch. Os britânicos concordaram com o fornecimento de suprimentos militares necessários ao General Yudenitch para uma marcha sobre Petrogrado. A primeira batelada de suprimentos prometidos foi o equipa-

(21) Com o auxílio das tropas bem armadas de von der Goltz, o Barão de Mannerheim derrubou o governo finlandês e convidou o Príncipe Frederico von Hessen genro do Kaiser Guilherme, para ocupar o trono finlandês. Para suprimir a oposição do povo finlandês, von der Goltz e Mannerheim instituíram um reino de terror. Dentro de poucas semanas os Guardas Brancos de Mannerheim executaram uns 20.000 homens, mulheres e crianças. Dezenas de milhares mais foram arremessados aos campos de concentração, e às prisões, morrendo muitos dêles torturados, famintos e expostos.

mento completo para 100.000 homens, 15 milhões de cartuchos, três mil fuzis automáticos e numerosos tanques e aviões (22.)

Os representantes do Departamento Americano de Abastecimento de Herbert Hoover prometeram víveres suficientes às áreas ocupadas pelas tropas do General Yudenitch. O Major R. R. Powers, chefe da secção estoniana da Missão Báltica do Departamento Americano de Abastecimento começou a fazer um cálculo cuidadoso do fornecimento de víveres necessários para assegurar a tomada de Petrogrado pelo Exército Branco do General Yudenitch. Os navios carregados de suprimentos do Departamento Americano de Abastecimento para distribuição no território ocupado pelas tropas de Yudenitch começaram a chegar a Reval.

Sob o comando de Yudenitch foi lançada uma ofensiva total contra Petrogrado. Pela terceira semana de outubro de 1919 a cavalaria de Yudenitch estava nos subúrbios da cidade. Os governos aliados estavam convictos de que a queda de Petrogrado era apenas questão de dias, talvez de horas. Os cabeçalhos do *New York Times* davam a vitória como assegurada:

(22) Um dos mais ativos agentes do serviço secreto britânico na campanha do Norte foi Paul Dukes, íntimo colega do Capitão Sidney Reilly. Dukes conseguiu obter uma comissão no Exército Vermelho e servia como espião anti-soviético e sabotador dentro das forças vermelhas que se opunham a Yudenitch. Quando o exército branco atacou Petrogrado, Dukes providenciou a demolição de pontes vitais para a retirada do Exército Vermelho e contrariou ordens para destruição das comunicações, procurando assim facilitar o avanço de Yudenitch. Dukes manteve Yudenitch informado de todo movimento das forças vermelhas. Ele estava ainda em ligação estreita com os terroristas armados remanescentes da organização de Reilly, dentro de Petrogrado, e que esperavam, para ajudar os Brancos, o momento em que eles entrassem na cidade. De volta a Londres, Dukes foi condecorado pelas suas façanhas. Posteriormente ele escreveu um livro *Crepúsculo Vermelho e Amanhecer* descrevendo as suas aventuras como espião na Rússia. Em colaboração com Sidney Reilly ele traduziu com o fito de propaganda *The Pale Horse* de Savinkov e variada bibliografia russo-branca ou anti-soviética.

"18 DE OUTUBRO — ANUNCIA-SE DE ESTOCOLMO QUE AS FÔRÇAS ANTIVERMELHAS ESTÃO AGORA EM PETROGRADO.

20 DE OUTUBRO — NOVAMENTE ANUNCIADA A QUEDA DE PETROGRADO, CORTADA A LINHA DE MOSCOU.

21 DE OUTUBRO — FÔRÇAS ANTIVERMELHAS PRÓXIMAS DE PETROGRADO. LONDRES ESPERA ANSIOSAMENTE NOTÍCIAS DA QUEDA DE PETROGRADO."

Mas às portas de Petrogrado, Yudenitch foi detido. Juntando suas fôrças, a cidade revolucionária arremeteu. As fôrças reacionárias vacilaram diante da impetuosa sortida.

Aos 29 de fevereiro de 1920 o *New York Times* noticiou: "Yudenitch abandona o Exército. Segue para Paris com a sua fortuna de 100 milhões de marcos."

Escapando em direção ao sul pela Estônia num carro protegido pela bandeira inglesa, Yudenitch deixa atrás de si, a ruína total de seu outrora orgulhoso exército. Bandos dispersos de soldados seus cruzavam o país recoberto de neve, morrendo aos milhares, famintos, doentes, desalojados...

4. A campanha do sul

Enquanto as fôrças de Yudenitch atacavam Petrogrado pelo norte, o ataque pelo sul era comandado pelo General Anton Denikin, ex-oficial czarista bem apessoado, com 45 anos de idade, barba cinzenta e bigodes grisalhos. Denikin descreveu posteriormente o seu exército branco como possuidor de um "sagrado pensamento íntimo, uma vívida esperança e o desejo... de salvar a Rússia." Mas entre a população russa o exército de Denikin do sul da Rússia era mais conhecido pelos métodos sádicos que empregava.

Desde o começo da Revolução Russa, a Ucrânia com ricos campos de trigo e a região do Don com seus imensos depósitos de carvão e ferro foram o cenário de bárbaro conflito. Após o estabelecimento da República Soviética Ucraniana em dezembro de 1917, o líder anti-soviético ucraniano, General Simon Petlura constrangerá o alto comando alemão a enviar tropas à Ucrânia para ajudá-lo a derrubar o regime

soviético. Os alemães, com seus olhos famintos voltados para os vastos recursos de abastecimento da Ucrânia, não esperaram segundo convite.

Sob o comando do Marechal-de-campo Hermann von Eichhorn, as tropas alemãs penetraram na Ucrânia. Von Eichhorn tinha considerável interesse pessoal na campanha. Sua esposa era a Condessa Durnovo, uma nobre russa afortunada que fôra uma das maiores latifundiárias da Ucrânia. As forças soviéticas foram expulsas de Kiev e Kharkov, e constituiu-se uma "Ucrânia Independente", títere, controlada pelo exército germânico de ocupação, tendo à testa o General Petlura. Declarando o seu desejo de um "socialismo nacional", Petlura instigou uma série de sanguinolentos *pogroms* anti-soviéticos por toda a Ucrânia. Medidas punitivas desapiedadas foram empregadas para suprimir os trabalhadores e camponeses revolucionários ucranianos.

O movimento revolucionário, todavia, continuava crescendo. Von Eichhorn, concluindo que Petlura era incapaz de dominar a situação, substituiu o seu governo por uma ditadura militar. O novo regime títere era chefiado pelo cunhado de Eichhorn, o General Pavel Petrovitch Skoropadski, até então obscuro cavaleiro russo, que não seria capaz de dizer uma palavra em ucraniano. Skoropadski tomou o título de Hetman (chefe) da Ucrânia.

Hetman Skoropadski não se saiu melhor que Petlura. Antes do fim de 1918, disfarçado de soldado raso alemão, fugiu da Ucrânia com o exército alemão de ocupação, que fôra dizimado pelo Exército Vermelho e pelos guerrilheiros ucranianos.

A partida dos alemães de modo algum finalizou os problemas dos bolcheviques na Ucrânia. Os aliados sustentavam também os movimentos anti-soviéticos dos russos brancos no sul da Rússia. Receberam auxílio aliado sobretudo as forças contra-revolucionárias do Don sob o comando de Kaledin, Kornilov, Denikin e outros ex-generais czaristas que haviam escapulado para o sul depois da revolução bolchevique.

Inicialmente a campanha do Exército de Voluntários conheceu sérios reveses. O General Kaledin, seu primitivo comandante-chefe, suicidou-se. Seu sucessor, o General Kornilov, foi expulso da região do Don pelas forças soviéticas e finalmente morto em campanha aos 13 de abril de 1918. Assumiu

o comando do já desmoralizado e batido "Exército de Voluntários" o General Denikin.

Exatamente nesse momento, quando a sorte dos russos brancos estava no mais baixo ponto, acamparam em Murmansk e Arcângel as primeiras tropas britânicas e francesas e grandes suprimentos aliados começaram a atravessar as fronteiras russas para auxiliá-las os exércitos brancos. O exército de Denikin foi assim salvo da destruição. Reestruturado e reforçado, estava pronto, no verão de 1918, para tomar a ofensiva contra os soviets...

Aos 22 de novembro de 1918, exatamente onze dias após o armistício que pusera termo à I Guerra Mundial, chegou um radiograma ao Q. G. Sul do General Denikin com a mensagem de que uma frota aliada navegava para Novorossisk. No dia seguinte os navios aliados ancoraram no porto do Mar Negro e emissários franceses e britânicos saltaram a terra para informar Denikin de que amplo suprimento de guerra da França e Grã-Bretanha viria muito em breve sustentá-lo.

Durante as últimas semanas de 1918 as tropas francesas ocuparam Odessa e Sebastopol. Uma flotilha inglesa entrou no Mar Negro e deixou destacamentos em Batum. Um comandante britânico foi nomeado governador geral da região (23.)

Sob a supervisão do alto comando francês e abastecido pelos britânicos com grande cópia de equipamento militar, Denikin lançou uma ofensiva geral contra Moscou. O principal auxiliar de Denikin nessa ofensiva foi o General Barão de Wrangel, militar magro e pequeno, de cabelos ralos e frios olhos azuis, notório pela sua crueldade selvagem. Periódicamente Wrangel executava grupos de prisioneiros desarmados na presença de seus camaradas e ameaçava todos da mesma

(23) As tropas britânicas estiveram em atividade na parte mais meridional da Rússia desde julho de 1918 quando o alto comando britânico enviara soldados da Pérsia para o Turquestão a fim de auxiliar um levante anti-soviético dirigido por mencheviques e social-revolucionários. O "Comitê Executivo Transcáspio" chefiado pelo contra-revolucionário Noi Jordania estabeleceu um governo títere dominado pelos britânicos. Fêz-se um acordo pelo qual os britânicos obtiveram direitos especiais na exportação de algodão e petróleo dessa área, em troca de sua ajuda às forças contra-revolucionárias.

sorte se não se alistassem no seu exército. Quando as tropas de Denikin e Wrangel entraram na cidade capturada de Stávropol, um de seus primeiros atos foi invadir um hospital e massacrar 60 soldados feridos do Exército Vermelho. A pilhagem era uma prática oficial do exército de Denikin. O próprio Wrangel baixava ordens aos seus soldados para "repartirem igualmente entre si as prêsas de guerra."

Avançando para o norte as fôrças de Denikin e Wrangel ocuparam Tsaritsyn (hoje Stalingrado) em junho de 1919 e em outubro aproximaram-se de Tula, a 120 milhas de Moscou. "Tôda a estrutura bolchevique na Rússia parece estalar", informava o *New York Times*. "Começou a evacuação de Moscou, o centro e capital do bolchevismo." O *Times* descrevia Denikin "levando tudo de vencida à sua frente" e o Exército Vermelho retirando-se num "pânico selvagem."

Mas, usando um plano de ataque traçado por Stálin como membro do Comitê Militar Revolucionário, o Exército Vermelho iniciou uma súbita contra-ofensiva.

As fôrças de Denikin foram apanhadas totalmente de surpresa. Dentro de poucas semanas o exército branco do Sul batia em franca retirada para o Mar Negro. De ânimo abatido, as tropas de Denikin escaparam em pânico e desordem. Doentes e moribundos congestionavam as estradas. Os trens-hospitais geralmente não tinham medicamentos, médicos nem enfermeiros. O exército desintegrava-se em bandos de salteadores que inundavam o Sul.

Aos 9 de dezembro de 1919 o General Wrangel mandou ao General Denikin um apavorado telegrama que declarava:

"ESTA É A AMARGA VERDADE. O EXÉRCITO DEIXOU DE EXISTIR COMO FÔRÇA COMBATIVA."

Nas primeiras semanas de 1920 os remanescentes do exército de Denikin atingiram o pôrto de Novorossisk no Mar Negro. Soldados brancos, desertores e refugiados civis precipitaram-se na cidade.

Aos 27 de março de 1920, enquanto o navio de guerra britânico *Emperor of India* e o cruzador francês *Waldeck Rousseau* sustentavam a luta e atiravam granadas em terra para deter o avanço das colunas vermelhas, Denikin fugia de Novorossisk em um vaso de guerra francês. Dezenas de mi-

lhares de soldados de Denikin acotovelavam-se nos cais desamparadamente enquanto os oficiais e comandantes se punham ao largo, deixando-os abandonados.

5. A campanha de leste

Conforme o plano dos intervencionistas, enquanto Denikin atacava Moscou pelo sul, o Almirante Koltchak tinha de sitiar a cidade de leste. Os acontecimentos não se desenvolveram todavia segundo o plano...

Durante a primavera e no começo do verão de 1919 os jornais de Paris, Londres e Nova Iorque traziam freqüentes e minuciosos relatos das devastadoras derrotas infligidas ao Exército Vermelho pelo Almirante Koltchak. Eis algumas das manchetes do *New York Times*:

26 DE MARÇO — KOLTCHAK PERSEGUE O EXÉRCITO VERMELHO DESMANTELADO.

20 DE ABRIL — COLAPSO DOS VERMELHOS A LESTE.

22 DE ABRIL — O GOVERNO SOVIÉTICO CAMBALEIA ENQUANTO KOLTCHAK TRIUNFA.

15 DE MAIO — KOLTCHAK PLANEJA A MARCHA SOBRE MOSCOU."

Mas no dia 11 de agosto o *Times* trazia um despacho de Washington afirmando:

"CHEGOU O TEMPO, AFIRMOU ESTA NOITE, UM ALTO FUNCIONÁRIO DO GOVERNO, DE PREPARAR O POVO DO MUNDO ANTIBOLCHEVIQUE PARA O POSSÍVEL DESASTRE DO REGIME DE KOLTCHAK NA SIBÉRIA OCIDENTAL."

Pelo meados do verão Koltchak fugia desesperadamente ante os ataques esmagadores do Exército Vermelho. Simultaneamente suas tropas iam sendo incessantemente arrasadas atrás de suas linhas por um movimento largo e rapidamente crescente de guerrilheiros. Em novembro Koltchak evacuava a sua capital em Omsk. Uniformes esfarrapados e botas surradas, os soldados de Koltchak arrastavam-se ao longo das estradas que vinham de Omsk. Milhares deles exauriam-se na

caminhada intermina e morriam sobre a neve ao longo das estradas. As linhas ferroviárias de Omsk estavam entulhadas de locomotivas quebradas. "Os mortos", relatava um observador, "eram atirados juntos aos vagões e aí apodreciam."

Koltchak atingiu Irkutsk num trem em que tremulavam as bandeiras britânica, americana, francesa, italiana e japonesa.

O povo de Irkutsk revoltou-se aos 24 de dezembro de 1919, estabelecendo um Soviete e prendeu Koltchak. Foi detido com ele um vasto tesouro transportado em trem especial; 5.143 caixas e 1.680 malas de lâminas de ouro, barras, títulos e valores, tudo estimado num total de 1.150.500.000 rublos.

O Almirante Koltchak foi julgado pelo regime soviético e condenado por traição. "Quando um barco afunda, afunda tudo com ele", disse ao tribunal, lamentando não ter perecido no mar. Amargurado, confessou que fôra traído por "elementos estrangeiros" que o abandonaram na crise...

O tribunal sentenciou Koltchak ao fuzilamento. Ele foi executado aos 7 de fevereiro de 1920. Bom número de auxiliares de Koltchak escaparam para o Japão. Um deles, o General Bakich, mandou ao cônsul russo-branco em Urga, Mongólia, a sua mensagem final: "Perseguido pelos judeus e comunistas, transpus a fronteira."

6. Os poloneses e Wrangel

A despeito dos catastróficos reveses sofridos, os intervencionistas anglo-franceses lançaram mais duas ofensivas contra a Rússia Soviética Ocidental.

Em abril de 1920, em demanda de todo o território da Ucrânia Ocidental e da cidade russa de Smolensk, os poloneses atacaram o Oeste. Fartamente equipados pelos franceses e britânicos com material de guerra e com um empréstimo de 50 milhões de dólares dos E.U.A. (24) os polo-

(24) Hoover colocou à disposição do exército dos poloneses milhões de dólares do Departamento Americano de Abastecimento. Muito dinheiro coletado nos E.U.A. a pretexto de auxílio à Europa foi utilizado para sustentar a intervenção contra os Soviéticos. O próprio

neses invadiram a Ucrânia e ocuparam Kiev. Aí foram detidos e rechaçados pelo Exército Vermelho.

Com as tropas russas sobre os seus calcanhares, os poloneses retiraram-se desordenadamente. Em agosto o Exército Vermelho estava às portas de Varsóvia e Lvov.

Os aliados encaminharam depressa empréstimos e suprimentos aos poloneses. O Marechal Foch remeteu-lhes urgentemente o seu chefe de estado-maior, o General Maxim Weigand, para dirigir as operações polonesas. Tanques e aviões britânicos foram enviados às pressas a Varsóvia. As tropas vermelhas comandadas pelo General Tukhachevsky e pelo comissário de Guerra, Leon Trotsky, haviam estendido perigosamente as suas linhas e comunicações. Tiveram de sofrer as consequências disso, quando a contra-ofensiva polonesa os fez recuar em toda a extensão da fronteira. O governo soviético, pela paz de Riga, foi forçado a ceder aos poloneses os territórios ocidentais da Bielo-Rússia e da Ucrânia...

A paz com a Polónia deixou o Exército Vermelho livre para se haver com o Barão de Wrangel, que substituindo o General Denikin como comandante-chefe no Sul, e apoiado pelos franceses, avançara rumo ao norte da Criméia para a Ucrânia. Pelo fim do outono de 1920 Wrangel foi repellido para a Criméia e envolvido pelas forças vermelhas. Em novembro o Exército Vermelho assaltou Perekop e avançou pela Criméia, empurrando o exército de Wrangel para o mar.

7. O último sobrevivente

Com o esmagamento do exército de Wrangel e o fim da intervenção no Oeste, o único exército estrangeiro que permanecia em solo russo era o do Japão Imperial. Parecia que a Sibéria com todas as suas riquezas estava destinada a cair completamente nas mãos dos japoneses. O General ba-

Hoover o esclareceu no seu relatório ao Congresso em janeiro de 1921. O Congresso votara um crédito de 100 milhões de dólares para o abastecimento. O relatório de Hoover mostrava que, quase toda a soma de 94.938.417 dólares efetivamente despendida fora gasta em território imediatamente anexo à Rússia ou seja nas secções da Rússia controladas pelos exércitos russo-brancos e intervencionistas aliados.

rão Tanaka, ministro da Guerra japonês e chefe do serviço de informações militares, exultou: "O patriotismo russo extinguiu-se com a Revolução. Tanto melhor para nós! Dora-vante só conquistarão o Soviete as tropas estrangeiras com suficiente força."

O Japão ainda tinha mais de 70.000 homens na Sibéria, e centenas de agentes secretos, espões, sabotadores e terroristas. Os bandos da Guarda Branca no Extremo Oriente da Rússia continuavam a operar supervisionados pelo alto comando alemão. Um dos principais era o bando chefiado pelo Ataman Semyonov, a serviço do Japão.

A pressão americana forçou o Japão a mover-se cautelosamente, mas aos 8 de junho de 1921 os japoneses assinaram um tratado secreto em Vladivostoque com o Ataman Semyonov, para uma nova e total ofensiva contra os soviets. O tratado estipulava que, depois de liquidados estes, Semyonov assumiria o poder. Esse acôrdo secreto acrescentava:

"Quando se estabelecer no Extremo Oriente autoridade governamental estável, os súditos japoneses terão direitos preferenciais para o que se relaciona com concessões de caça, pesca e desflorestamento... e para o desenvolvimento da mineração e extração do ouro."

Um dos principais auxiliares de Semyonov, o Barão Ungern-Sternberg, desempenharia o maior papel na projetada campanha militar. Seria essa a última campanha branca da guerra de intervenção.

O Tenente-general Barão Roman von Ungern-Sternberg, um pálido aristocrata báltico, figura afeminada, de cabelo louro e longo bigode ruivo, entrara moço no exército do czar, lutou contra os japoneses em 1905 e em seguida enfileirou-se num regimento da polícia cossaca na Sibéria. Durante a I Guerra Mundial, serviu sob as ordens do Barão Wrangel e foi condecorado com a Cruz de S. Jorge por mérito de combate no *front* sul. Entre os seus camaradas era conhecido por sua coragem feroz, crueldade selvagem e acessos incontrolláveis de fúria.

Depois da revolução, o Barão Ungern regressara para a Sibéria e assumira o comando do regimento cossaco que

pillhava a região e promovia guerras esporádicas aos soviets locais. Finalmente foi encontrado pelos agentes japoneses que o persuadiram a entrar na Mongólia. Estes puseram a sua disposição um exército mesclado de oficiais russos brancos, tropas chinesas anti-soviéticas, bandidos mongólicos e agentes do serviço secreto japonês.

Vivendo numa atmosfera de banditismo e absolutismo feudal, em seu Q. G. em Uрга, Ungern começou a considerar-se um predestinado. Casou com uma princesa mongólica, abandonou o traje ocidental por uma túnica de seda, e anunciou-se como o Gengis Khan reencarnado. Incitado pelos agentes japoneses, que constantemente o rodeavam, sonhava com a possibilidade de ser o imperador de uma nova ordem mundial emanada do Oriente, descendo para a Rússia e para a Europa, destruindo a fogo, espada e metralha os últimos traços da "democracia decadente e do comunismo judeu." Sádico e semidoido, entregou-se a inúmeros atos de selvageria bárbara. Certa vez viu uma linda judia numa pequena cidade siberiana e ofereceu mil rublos ao homem que lhe trouxesse a sua cabeça. Trouxeram-na êle pagou o que tinha prometido.

"Farei uma avenida de fôrças que se estenderá da Ásia à Europa", declarava Ungern.

Ao rebentar a campanha de 1921, o barão baixou uma proclamação aos seus homens, do seu Q. G., estabelecendo:

"A Mongólia tornou-se o ponto de partida natural para uma campanha contra o Exército Vermelho na Sibéria Soviética...

"Os comissários, comunistas e judeus, juntamente com suas famílias, devem ser exterminados. Suas propriedades devem ser confiscadas... As sentenças contra as partes culpadas podem ser disciplinares ou tomarem as formas mais variadas de pena capital.

"Probidade e compaixão" são coisas inadmissíveis daqui em diante. Doravante haverá unicamente "verdade e crueldade sem mercê." A desgraça que desabou sobre o país com o intuito de destruir o princípio divino na alma humana, tem de ser extirpada da raiz aos galhos."

Na fronteira bravia e desolada da Rússia, o sistema de guerra de Ungern se desenvolvia com uma série de arremetidas de banditismo, deixando à sua passagem aldeias incendiadas e corpos mutilados de homens, mulheres e crianças. As cidades tomadas pelas tropas de Ungern eram entregues ao roubo e à pilhagem. Judeus, comunistas e mesmo os suspeitos das mais moderadas simpatias democráticas eram fuzilados, torturados até à morte ou queimados vivos.

Em julho de 1921 o Exército Vermelho lançou uma ofensiva para exterminar o exército de Ungern. Depois de uma série de combates ferozes, indecisos, o Exército Vermelho e os guerrilheiros soviéticos alcançaram a vitória definitiva. As hordas de Ungern escaparam abandonando a maior parte de seus armamentos, de seus trens de suprimentos e seus feridos.

Em agosto, Ungern foi cercado. Seu próprio corpo de guardas mongólicos se amotinou, entregando-o às tropas soviéticas. O barão foi levado em sua túnica mongólica de seda para Novo-Nikolayovsk (hoje Novo-Sibirsk) e conduzido a julgamento público perante a Suprema Corte do Soviete Siberiano, como inimigo do povo...

Foi um júri extraordinário...

Centenas de operários, camponeses, soldados — russos, siberianos, mongóis e chineses — comprimiram-se na sala do tribunal. Outros milhares esperavam fora, na rua. Muitos desses homens do povo tinham vivido no regime de terror de Ungern. Seus irmãos, filhos, espôsas e maridos tinham sido fuzilados, torturados, atirados dentro das caldeiras das locomotivas.

O barão tomou o seu lugar e leram a acusação:

“De acôrdo com a decisão do Comitê Revolucionário da Sibéria, datada de 2 de setembro de 1921, o Tenente-general Barão Ungern von Sternberg, ex-comandante da Divisão de Cavalaria Asiática, é acusado perante a Corte Revolucionária Siberiana dos seguintes crimes:

1. Ter-se prestado aos intuitos de anexação do Japão com o seu empenho de criar um Estado Asiático e derribar o governo da Transbaikalia.

2. Ter planejado derribar a autoridade soviética com o intuito de restaurar a monarquia na Sibéria

e com a intenção de colocar no trono Michael Romanov.

3. Ter assassinado brutalmente grande número de camponeses e operários russos e revolucionários chineses."

Ungern não procurou negar as suas atrocidades. Execuções, torturas e massacres — sim, tudo era verdade. A explicação era uma só e muito simples: "Era a guerra! Mais um títere do Japão? Minha idéia", explicou o Barão Ungern, "era utilizar-me do Japão." Ungern negou ter mantido relações íntimas ou pérfidas com os japoneses.

— O acusado mente — disse o promotor soviético Yaroslavsky — quando afirma que nunca teve relações com o Japão. Trazemos provas em contrário!

— Eu me entendi com os japoneses — admitiu o barão — exatamente como fiz com Chang Tso-lin (25.) Também Gengis Khan cortejou Van-Khan antes de conquistar o seu reino!

— Não estamos no século XII — disse o procurador soviético — e não estamos aqui para julgar Gengis Khan!

— Há mil anos — exclamou o barão — os Ungerns dão ordens! E nunca receberam ordens de ninguém!

Fitou arrogante os rostos erguidos dos soldados e camponeses que estavam na sala.

— Recuso-me a admitir a autoridade da classe dos trabalhadores! Como pode falar do governo um homem que não tem ao menos um criado? É incompetente para dar ordens!

O promotor Yaroslavsky enumerou uma longa lista dos crimes de Ungern — as expedições punitivas contra os judeus e camponeses pró-soviéticos, as mutilações de braços e pernas, as corridas noturnas pelas estepes com cadáveres em chamas transformados em tochas, o aniquilamento de aldeias, massacres desapiados de crianças...

— Eram vermelhos demais para o meu gosto... explicou friamente Ungern.

(25) O entendimento de Ungern com Chang Tso-lin, o conhecido magnata de guerra chinês, incluía uma cláusula pela qual o barão, para simular uma "retirada" ante as forças de Chang, devia receber 10% de 10 milhões de dólares extorquidos por Chang ao governo de Pequim.

— Por que deixaste Urga? — perguntou o promotor.

— Eu decidi invadir a Transbaikalia e persuadir os camponeses a se revoltarem. Mas fui aprisionado.

— Por quem?

— Alguns mongóis me traíram.

— Já indagaste alguma vez de ti mesmo por que êsses homens agiram assim?

— Fui traído.

— Admites que o fim de tua campanha foi o mesmo de tôdas as tentativas feitas recentemente contra a autoridade dos trabalhadores? Admites que de tôdas as tentativas para atingir os objetivos que tinhas em vista, a tua foi a última?

— Sim — disse Ungern. — A minha foi a última tentativa. Suponho que sou eu o último sobrevivente.

Em setembro de 1921 foi promulgado o veredito da Côrte Soviética. O Barão Roman von Ungern-Sternberg, "o último sobrevivente", dos lordes brancos da guerra, foi fuzilado por um pelotão do Exército Vermelho.

O Ataman Semyonov e os remanescentes do exército títere japonês fugiram pela fronteira soviética entrando na Mongólia e na China.

Mais um ano e o solo soviético estaria finalmente desembaraçado dos japoneses. Em 19 de outubro de 1922, o Exército Vermelho envolveu Vladivostoque. Os japoneses que ocupavam a cidade renderam-se e entregaram todos os seus suprimentos militares. Transportes japoneses, levando os últimos soldados do Japão, deixaram Vladivostoque no dia seguinte. A bandeira vermelha tremulou na cidade.

"A decisão de evacuar", anunciou o Ministério do Exterior japonês, "destina-se a colocar o Japão entre as nações não agressoras, esforçando-se para manter a paz no mundo!"

CAPÍTULO VII

UM BALANÇO

Os dois anos e meio de intervenção sangrenta e de guerra civil causaram a morte de sete milhões de russos entre os que tombaram nos campos de batalhas e os que sucumbiram de fome e de doença, mulheres e crianças, inclusive. As perdas materiais para o país foram estimadas mais tarde pelo governo soviético em 60 bilhões de dólares, uma soma incomparavelmente maior do que o débito czarista com os aliados. Nenhuma reparação foi paga pelos invasores.

Poucos dados oficiais foram fornecidos acêrca do custo da guerra para os aliados, contra a Rússia. Conforme um memorando publicado por Winston Churchill aos 15 de setembro de 1919, a Grã-Bretanha despendera até essa data cem milhões de libras esterlinas aproximadamente e a França entre 30 e 40 milhões só com Denikin. A campanha britânica no Norte custou 18 milhões de libras. Os japoneses admitiram o gasto de 900 milhões de ienes para a manutenção de suas tropas na Sibéria.

Quais os motivos dessa fútil guerra não-declarada?

Os generais brancos combatiam francamente para a restauração de sua Grande Rússia, pelas suas propriedades territoriais, seus proveitos, seus privilégios de classe e seus galões. Havia alguns poucos nacionalistas sinceros entre êles, mas os exércitos brancos eram esmagadoramente dominados por reacionários, protótipos dos oficiais fascistas e aventureiros que depois emergiram na Europa Central.

Os intuitos de guerra dos aliados na Rússia eram menos claros.

A intervenção foi finalmente apresentada ao mundo pelos intérpretes aliados, na medida em que seus motivos foram

sendo pouco a pouco divulgados, como uma cruzada política contra o bolchevismo.

Na realidade, o "antibolchevismo" ocupava um papel secundário. Fatores como a madeira do norte da Rússia, o carvão do Donetz, o ouro da Sibéria e o óleo do Cáucaso influíram mais. O plano britânico de uma Federação Transcaucásica que separaria a Índia da Rússia, possibilitando a exclusiva dominação britânica dos campos petrolíferos do Oriente próximo; o plano japonês de conquista e colonização da Sibéria; o plano francês do controle das áreas do Donetz e do Mar Negro; e o ambicioso e vasto plano alemão de se apoderar dos Estados Bálticos e da Ucrânia eram o produto de interesses imperialistas.

Um dos atos iniciais do governo soviético em sua ascensão ao poder fora o de nacionalizar os grandes trustes econômicos do Império Czarista. As minas russas, moinhos, fábricas, ferrovias, poços petrolíferos e outras empresas industriais de grande alcance foram declaradas propriedades do povo. O governo soviético repudiou também as dívidas externas contraídas pelo regime czarista, em parte porque os empréstimos tinham sido obtidos como meios deliberados de auxiliar o czarismo a suprimir a revolução popular (26.)

O Império Czarista, com toda a sua aparência de riqueza e poder, não havia sido na realidade mais do que uma semicolônia de interesses financeiros anglo-franceses e germânicos. O investimento financeiro francês do czarismo subia a 17.591.000.000 de francos. Os interesses anglo-franceses controlavam nada menos do que 72% do carvão, ferro e aço

(26) Após os terríveis *pogroms* anti-semíticos perpetrados em 1906 pelos Cem Negros em convivência com a polícia secreta czarista. Anatole France denunciou veementemente esses financistas franceses que continuavam a fazer empréstimos ao regime do czar. "Tenham os nossos concidadãos, afinal, ouvidos para ouvir", declarou o famoso escritor francês. "Eles estão avisados de que poderá sobrevir-lhes um dia extremamente desgraçado, se eles continuarem a mandar dinheiro ao governo russo para que este possa fuzilar, enforcar, massacrar, pilhar à vontade e matar toda liberdade e civilização pelas extensões de seu imenso e infeliz império. Cidadãos da França, chega de dar dinheiro para novas crueldades e loucuras; chega de remeter milhões para o martírio de inumeráveis pessoas." Mas os financistas franceses não atenderam ao apelo apaixonado de Anatole France. Continuaram a investir milhões no czarismo.

russo, e 50% do petróleo russo. Anualmente, muitas centenas de milhões de francos e libras em dividendos, proventos e lucros eram arrancados do trabalho dos operários e camponeses russos para os estrangeiros associados do czar.

Depois da Revolução Bolchevique o *Stock Exchange Year Book* de 1919, em Londres, registrava sob o título "Balanço Russo": *juros vencidos em 1918 e em mora desde então*.

Um membro britânico do Parlamento, Tenente-coronel Cecil L'Estrange Malone, comunicou à Câmara dos Comuns durante um debate um tanto acalorado sobre a política aliada na Rússia em 1920:

"Há neste país grupos de indivíduos que têm dinheiro e ações na Rússia, e são esses que estão trabalhando, projetando as intrigas para derribar o governo soviético... Sob o velho regime, era possível lucrar dez ou vinte por cento explorando os trabalhadores e camponeses russos, mas sob o socialismo provavelmente não será possível lucrar coisa alguma, e vemos que todo o grande capital deste país está de um modo ou de outro ligado à sorte da Rússia Soviética."

O *Anuário Russo de 1918*, continuou o orador, estimara os investimentos conjuntos britânicos e franceses na Rússia em 1.600.000.000 de esterlinos aproximadamente, ou 8 bilhões de dólares.

— Quando falamos do Marechal Foch e do povo francês opondo-se à paz com a Rússia — disse o Coronel Malone, — não queremos significar a democracia francesa, nem pretendemos falar dos operários e camponeses franceses, mas dos financistas franceses. Fique isto bem claro. Falamos dessa gente cujas economias mal adquiridas constituem 1.600.000.000 de esterlinos encerrados na Rússia.

Havia a Royal Dutch Shell Oil Company, cujos interesses incluíam a Ural Caspian Oil Company, a North Caucasian Oilfield, a New Schibareff Petroleum Company e muitas outras empresas petrolíferas. Havia o grande truste britânico de armamentos da Metro-Vickers que juntamente com a Schneider-Creusot francesa e a Krupp alemã, controlava virtualmente a indústria czarista de munições. Havia as gran-

des casas bancárias da Grã-Bretanha e França: os Hoares, os Baring Brothers, Hambros, o Crédit Lyonnais, Société Générale, os Rothschilds e o Comptoir National d'Escompte de Paris, das quais tôdas tinham investimentos de enormes somas no regime czarista...

"Todos êsses interesses", informou o Coronel Malone à Câmara dos Comuns, "interpenetravam-se. Todos estavam empenhados na continuação da guerra contra a Rússia... Atrás dêsses interesses e atrás dos financistas sentados no outro lado da Câmara estão os jornalistas e outras influências que formam a opinião pública dêste país."

Alguns intérpretes aliados foram bastante francos quanto aos seus motivos de apoio aos exércitos brancos na Rússia.

Francis Backer, gerente da Vickers e presidente do Comitê Executivo da Câmara de Comércio Russo-Britânica, em 1919, num banquete do Clube Anglo-Russo, com a presença de chefes industriais e políticos, dirigiu as seguintes palavras:

"Desejamos o triunfo do Almirante Koltchak e do General Denikin, e penso que não posso fazer coisa melhor do que levantar a minha taça e convidar-vos a todos para bebermos à saúde do Almirante Koltchak, do General Denikin e do General Yudenitch!

A Rússia é um grande país. Todos vós conheceis, porque estais todos intimamente ligados a ela em vossos negócios, quais as potencialidades da Rússia, quer do ponto de vista da manufatura, como do ponto de vista da riqueza mineral ou de qualquer outra coisa, porque a Rússia tem de tudo..."

Quando as tropas e munições anglo-francesas entraram na Sibéria, o *Boletim* da Federação Britânica das Indústrias, a mais poderosa associação de indústrias britânicas, exclamou espalhafatosamente:

"A Sibéria é a mais gigantesca prêsa oferecida ao mundo civilizado desde a descoberta das Américas!"

Quando as tropas aliadas tomaram o Cáucaso e ocuparam Bacu, o jornal comercial britânico *O Oriente Próximo* declarou:

"Bacu é incomparável em petróleo... Bacu é

maior do que qualquer outra cidade petrolífera do mundo. Se o óleo é Rei, Bacu é o seu trono!”

Quando o exército branco do General Denikin apoiado pelos aliados apareceu na bacia carbonífera do Don, R. Martens & Cia Ltda., grande consórcio britânico de carvão, anunciou em sua publicação comercial *Rússia*:

“A Rússia possui reservas investigadas de carvão inferiores apenas aos E.U.A. Conforme o cálculo publicado pelo Congresso Geológico Internacional, ela possui na bacia do Donetz (onde opera o General Denikin) três vezes mais do que as reservas de antracite da Grã-Bretanha e aproximadamente duas vezes a reserva de que dispõem os Estados Unidos.”

E finalmente o *Japan Salesman* acrescentava:

“A Rússia, com seus 180 milhões de habitantes, com seu solo fértil estendendo-se da Europa Central pela Ásia até às praias do Pacífico e do Ártico ao Golfo Pérsico e Mar Negro... possibilidades comerciais com as quais não sonham nem mesmo os mais privilegiadamente dotados... a Rússia é potencialmente e na realidade — o celeiro, o aquário, o depósito de madeira, a grande mina de carvão, de ouro, prata e platina do mundo!”

Os invasores anglo-franceses e japoneses eram atraídos pelas ricas prêsas à espera do conquistador da Rússia. Os motivos americanos, entretanto, eram mesclados. A política externa tradicional da América, expressa por Woodrow Wilson e pelo Departamento de Guerra, requeria a amizade com a Rússia como um aliado potencial para contrapesar o imperialismo alemão e japonês. Os investimentos americanos no czarismo foram pequenos: mas por conselho do Departamento de Estado várias centenas de milhões de dólares americanos foram posteriormente despejados na Rússia para fortalecer o regime cambaleante de Kerensky. O Departamento de Estado continuou a apoiar Kerensky e mesmo a subvencionar a sua “embaixada russa” em Washington durante vários anos depois da Revolução Bolchevique. Certos

oficiais do Departamento de Estado cooperavam com os generais brancos e com os intervencionistas anglo-franceses e japoneses.

O americano mais notável, que se identificou com a guerra anti-soviética foi Herbert Hoover, futuro presidente dos E.U.A., e que nessa ocasião era Administrador Americano de Abastecimento.

Antigo engenheiro de minas empregado nos negócios britânicos antes da I Guerra Mundial, Herbert Hoover tinha investimentos nos poços e minas petrolíferas da Rússia. O corrupto regime czarista enxameava de altos funcionários e aristocratas latifundiários prontos para entregarem a riqueza e a força de trabalho do seu país em troca do suborno estrangeiro ou de uma partilha dos espólios. Hoover se interessava no petróleo russo desde 1909, quando foram perfurados pela primeira vez os poços de Maikop. Dentro de um ano assegurara proventos em não menos de 11 companhias de petróleo russo:

Maikop Neftyanoi Syndicate
Maikop Shirvansky Oil Company
Maikop Apsheron Oil Company
Maikop and General Petroleum Trust
Maikop Oil and Petroleum Products
Maikop Areas Oil Company
Maikop Valley Oil Company
Maikop Mutual Oil Company
Maikop Hadijensky Syndicate
Maikop New Producers Company
Amalgamated Maikop Oilfields

Em 1912 o ex-engenheiro de minas era sócio do famoso multimilionário britânico Leslie Urquhart, em três novas companhias estabelecidas para explorar madeira e concessões minerais nos Urais e na Sibéria. Urquhart encaminhou pois a Corporação Russo-Asiática e conseguiu um entendimento com dois bancos czaristas pelo qual essa corporação exploraria todas as atividades de mineração nessas áreas. As ações russo-asiáticas subiram de \$16,25 em 1913 a \$47,50, em 1914. Nesse mesmo ano a Corporação obteve três novas proveitosas concessões do regime czarista que compreendiam:

- 2.500.000 acres de terra, inclusive vastas extensões de madeira e potência hidráulica; as reservas de ouro, cobre, prata e zinco estimavam-se em 7.262.000 toneladas;
- 12 minas em atividade;
- 2 fundições de cobre;
- 20 serrarias;
- 250 milhas de estradas de ferro;
- 2 vapôres e 29 barcos;
- altos fornos, laminações, fábricas de ácido sulfúrico, refinarias de ouro;
- enormes reservas de carvão.

O total dessas propriedades montava a 1 bilhão de dólares.

Em 1912 Hoover tinha-se retirado da Corporação Russo-Asiática. Depois da Revolução Bolchevique tôdas as concessões com as quais Hoover estivera formalmente associado foram ab-rogadas e as minas confiscadas pelo govêrno soviético. A Russo-Asiática Consolidada, novo cartel que o ex-sócio de Hoover, Leslie Urquhart formara, encaminhou junto ao govêrno britânico no ano seguinte uma reivindicação de \$. . . 282.000.000 pelos danos de propriedade e perda de prováveis proventos anuais.

“O bolchevismo”, dizia Herbert Hoover na Conferência da Paz em Paris, “é pior do que a guerra!”

Ele continuaria sendo um dos mais ferrenhos adversários do govêrno soviético no mundo, durante o resto de sua vida. O que é um fato, qualquer que tenha sido seu motivo pessoal, é que os víveres americanos sustentaram os exércitos brancos na Rússia e alimentaram as tropas de assalto dos regimes mais reacionários da Europa, empenhados na supressão do surto democrático posterior à I Guerra Mundial. Assim, o abastecimento americano tornou-se uma arma contra os movimentos populares europeus (27.)

(27) . As atividades de Herbert Hoover como Diretor do Serviço Americano de Abastecimento durante o período da guerra civil na Rússia consistiam em auxiliar os exércitos brancos, enquanto que todo e qualquer suprimento era recusado aos soviets. Centenas de milhares de criaturas morriam à míngua no território soviético. Quando, final-

"Tôda a política americana durante a liquidação do Armistício foi a de contribuir na medida do possível para impedir a Europa de se tornar bolchevista", declarou Hoover mais tarde numa carta a Osvaldo Garrison Willard, aos 17 de agosto de 1921. Sua definição de "bolchevismo" coincidia com a de Foch, Pétain, Knox, Reilly e Tanaka. Como secretário de Comércio, como presidente dos E.U.A. e posteriormente como líder da ala isolacionista do Partido Republicano, êle lutou incansavelmente para impedir o restabelecimento de relações amistosas, comerciais e diplomáticas entre a América e o mais poderoso aliado da América contra o fascismo, a União Soviética.

A intervenção armada falhou na Rússia não só por causa da solidariedade sem precedentes e do heroísmo dos povos soviéticos que tiveram de defender a sua liberdade recém-conquistada, mas também por causa do forte apoio dado à jovem República Soviética pelos povos democráticos do mundo. Na França, Inglaterra e E.U.A., uma opinião pública desperta opusera-se vigorosamente à remessa de homens, armas, alimentos e dinheiro aos exércitos anti-soviéticos na Rússia.

Formaram-se comitês denominados "Retirem-se da Rússia!" Trabalhadores entraram em greve e soldados se amotinavam contra a política intervencionista do estado-maior. Estadistas, democratas, jornalistas, educadores e homens de negócios protestavam contra o ataque não declarado e não provocado contra a Rússia Soviética.

mente, Hoover foi compelido a curvar-se à pressão pública americana e enviar algum suprimento aos Sovietes, êle continuou — conforme o relatório do Serviço de Abastecimento no Oriente Próximo, publicado no *New York World* de abril de 1922 — a "interferir na coleta de fundos destinados à Rússia faminta." Em fevereiro de 1922, quando Hoover era secretário do Comércio, o *New York Globe* fez este comentário editorial: "A burocracia acastelada no Departamento de Justiça, no Departamento de Estado e no Departamento de Comércio com intuitos de publicidade está arrastando o país a uma guerra privada contra o governo bolchevique... A propaganda de Washington cresceu em proporções ameaçadoras... Hughes, Hoover e Dougherty fariam bem em cuidar de suas casas antes que a irritação pública atinja o ponto culminante. O povo americano não suportará por muito tempo uma burocracia presunçosa que pelos seus próprios miseráveis interesses quer levar à morte milhões de criaturas inocentes."

Henry Wilson, chefe do estado-maior britânico, reconheceu francamente a ausência de apoio público à política intervencionista aliada. A 1 de dezembro de 1919, no Livro Azul Britânico, escreveu:

“As dificuldades da Entente para formular uma política russa são de fato provadamente insuperáveis, desde que em nenhum país aliado houve peso suficiente da opinião pública para justificar uma intervenção armada contra os bolcheviques em escala decisiva, com o resultado inevitável de terem faltado às operações militares coesão e finalidade.”

As vitórias do Exército Vermelho sobre os seus inimigos representaram pois, ao mesmo tempo, uma vitória internacional dos povos democráticos de todos os países.

Uma razão final do fracasso da intervenção foi a falta de unidade entre os invasores. Os instigadores da intervenção representavam a coalizão da reação mundial, mas era uma coalizão sem cooperação genuína. As rivalidades imperialistas tornaram imperialista a coalizão. Os britânicos temiam as ambições francesas no Mar Negro e as ambições germânicas na área do Báltico. Os americanos achavam necessário frustrar as intenções japonesas na Sibéria. Os generais brancos brigavam entre si por causa dos espólios.

A guerra de intervenção começou secreta e desonestamente para acabar num vergonhoso fiasco.

O seu alegado ódio e desconfiança deveria envenenar a atmosfera da Europa no próximo quarto de século.